

Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A. RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 31 DE AGOSTO DE 1972-N.º 17849-ANO 52.º-PRÉÇO 1\$50



MUNIQUE 72



Pelo
nosso enviado
NEVES DE SOUSA



Repórter do "DL" fura o cerco à aldeia olímpica

O inacreditável acontece, ou a sorte protege sempre os audaciosos? O leitor que escolha, o leitor que classifique a aventura depois de ler o que se segue. A verdade vai aqui, testemunhada por uma mão-cheia de nomes: fui a primeira pessoa que, sem qualquer documentação, percorreu de fio a pavio e durante largas seis horas, a aldeia olímpica.

Vou contar como foi.

Estava no Centro de Imprensa com o Carlos Figueiredo (do Diário Popular) quando me surgiu a ideia: e se eu tentasse entrar na aldeia olímpica, fechada a sete cadeados a toda a gente e só aberta, diariamente, para um jornalista de cada país, devidamente credenciado e, ainda por cima, portador de especial salvo-conduto?

Se bem o pensei, melhor coloquei pernas ao caminho. Só tinha uma indicação: de que os atletas portugueses estavam concentrados no bloco 10 da aldeia olímpica. Assim, como quem não queria a coisa, vesti um fato de treino azul (que me costuma acompanhar nas reportagens de ciclismo), calcei sandálias e com muita lábia consegui passar das traseiras do Centro de Imprensa para o recinto já vedado que fica próximo. Vi a tabuleta indicadora do «Bloco 10» e não estive com meias medidas: entrei por ali dentro. Mas estava redondamente enganado. Nada de desânimos: mais umas centenas de metros e eis que avis-

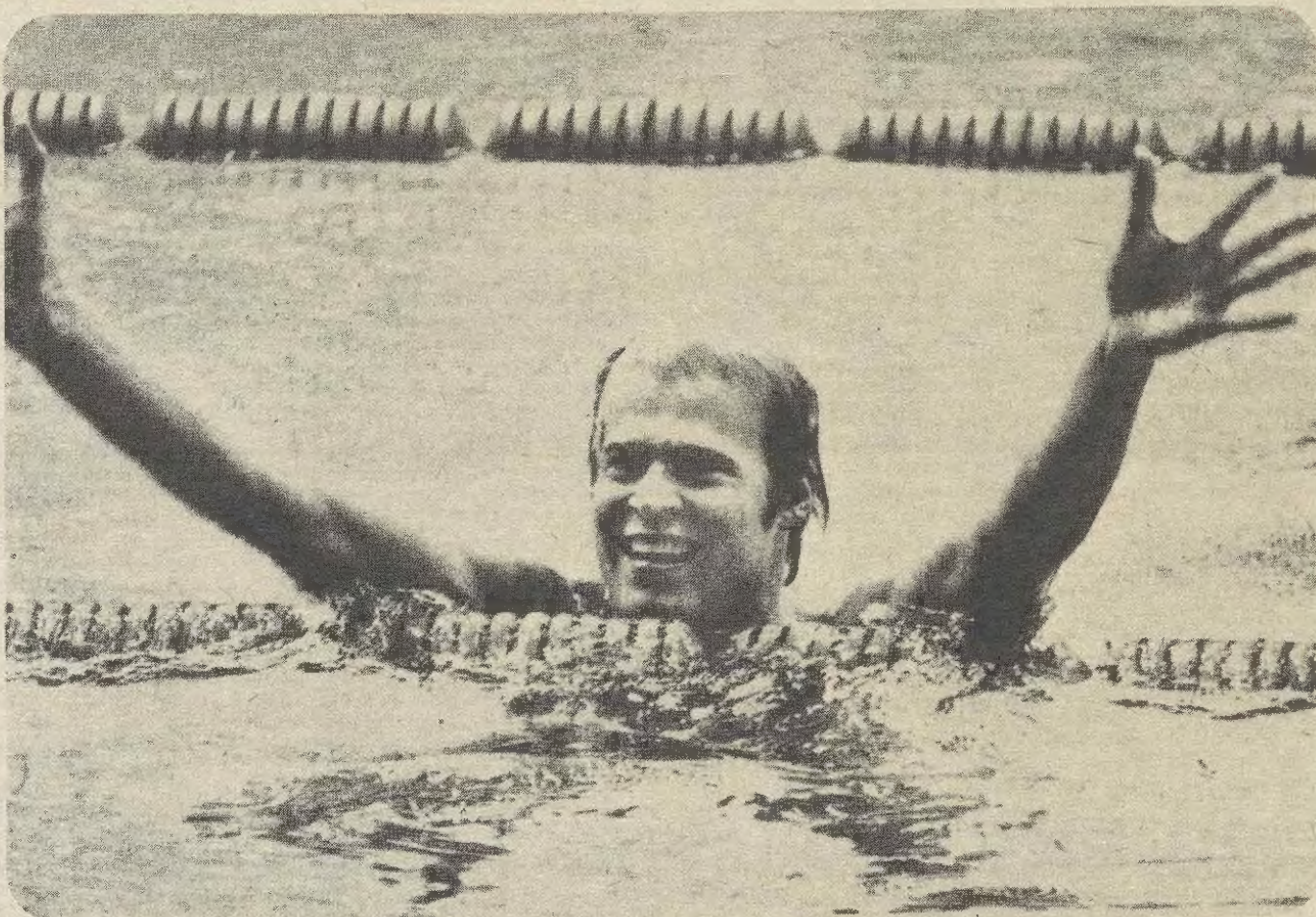
to os campos de treino. Será por aqui que se chega ali? O ali ficava lá longe, a uns bons dois ou três quilómetros de distância. E, para entrar na cerca de arame, seria preciso enganar, sucessivamente, três guar-

Continua na pág. 4

CARVALHO ELIMINADO ESTA MANHÃ

Nas provas de Atletismo efectuadas esta manhã em Munique, competiu o primeiro atleta português, José Carvalho, que foi eliminado nos 400 metros barreiras. O barreiraista do Sporting classificou-se em sétimo lugar na terceira eliminatória, à frente de um tunisino, com o tempo de 52.6.5. bastante inferior ao seu melhor, 51.4 segundos.

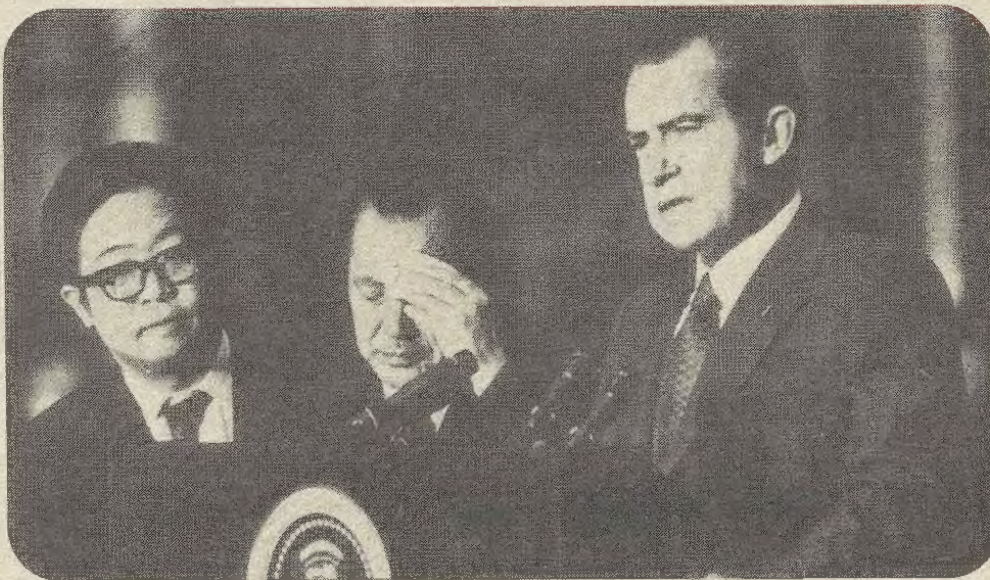
POR MILÉSIMOS DE SEGUNDO



O sueco Gunnar Larsson, na telefoto, que estuda e treina nos E. U. A. forneceu a nota mais sensacional dos Jogos, ao conquistar a medalha de ouro dos 400 metros estilos por dois milésimos de segundo. Fez 4.31,981, contra 4.31,983 do norte-americano Tim McKee, passando a sua marca a constituir novo record olímpico. Outros acontecimentos relevantes no quarto dia dos Jogos: Spitz arrebatou a sua terceira medalha (200 metros livres), o japonês Nobutaka venceu os 100 metros bruços, com novo «record» mundial, a soviética Turischeva foi primeira na ginástica, assim como o seu compatriota Vasin, nos saltos de Trampolim. A nota comovedora foi dada por Shane Gould, que ao receber o ouro dos 400 metros livres mostrou à multidão um canguru de peluche.

TELEX DIPLOMÁTICO

NIXON E TANAKA discutem futuro da Ásia



Nixon saúda em Tanaka (ao centro) o moderno Japão (UPI/Telimprensa/SL)

TÓQUIO, 31 — O presidente Nixon inicia hoje uma cimeira no Honolulu com os novos líderes de um Japão duro, que expande a sua influência na Ásia, pela primeira vez depois da Segunda Guerra Mundial.

As relações sino-nipónicas e as trocas comerciais entre o Japão e os Estados Unidos serão assuntos a debater.

O chefe da delegação ja-

Por
ROBERT CRABBE
UPI/ANI/DL

ponesa será o primeiro ministro Kakuei Tanaka, que Governa desde Julho e imediatamente se prestou a acabar com o isolamento

Continua na pág. 20

LEIA HOJE

IVON VEIO BUSCAR AMÁLIA

(Na página 6)



Ivon falando ao DL

ISOLADO O VÍRUS DA LEUCEMIA

(Na página 20)

HOJE: 28 PÁGINAS

DL / VIDA NACIONAL

mini JORNAL

Elevam-se a mais de três mil contos os prejuízos causados por um incêndio, que destruiu totalmente um armazém de desperdícios têxteis, no lugar de Aldeia Nova, freguesia da Agrela, do concelho de Santo Tirso. Acorreram ao local, quando o edifício já ardia na totalidade, os Bombeiros Voluntários Tirsenses, de Lorde do Douro, de Freimunde, de Paços de Ferreira, de Valongo, de Areosa, de Ermesinde e de S. Mamede de Infesta, tendo o rescaldo durado mais de doze horas. Apenas uma pequena fracção dos prejuízos está coberta pelo seguro.

No sítio da Cabreira, próximo de Vila Chã (Fornos de Algodres) e em Valdeira, na Herdade do Rio Frio (Pinhal Novo), houve igualmente dois incêndios que devoraram extensas áreas de pinheiros em propriedades particulares.

Cifram-se em dois mortos e quatro feridos as consequências de dois acidentes de viação ocorridos na estrada da Capa Rota, em Manique de Baixo, e no sítio do Patacão, próximo de Faro. No primeiro desastre, perdeu a vida o condutor de veículos, Luís Augusto Bértolo, pedreiro, de 38 anos, e ficaram feridos, sem gravidade, os ocupantes do mesmo, José Veiga Vitorino, de 38 anos, funcionário público; Luís Rodrigues, de 57 anos, motorista; e João Maria Diogo Ramalho, de 28 anos, carpinteiro, todos residentes em Lousa, Agualva, Cacém. No segundo, morreu também o condutor do automóvel, Inácio Martins Sequeira, de 51 anos, natural de S. Bartolomeu de Messines, residente em Luanda, tendo a esposa,

que seguia ao lado, sofrido apenas ligeiros ferimentos.

Por despacho do secretário de Estado do Comércio, foi determinada a redução para 100.000 litros do contingente mensal de vinho comum autorizado a entrar no arquipélago da Madeira, no segundo semestre deste ano.

No Instituto Gulbenkian de Ciências, em Oeiras, teve hoje início e prolonga-se até 2 de Setembro, o I Simpósio Europeu de Transformação Bacteriana, organizado pelo Grupo de Genética Molecular do Laboratório de Microbiologia daquele Instituto e que reúne cerca de 70 biólogos de diversos países.

Até 5 de Setembro, está aberto concurso documental para provimento de três lugares de professor auxiliar da

Escola de Educação Física de Lisboa. Os interessados podem requerer a sua admissão à Direcção-Geral de Educação Física e Desportos, Avenida Infante Santo, 76, 4.º, Lisboa-3.

Para o cemitério de Boidobra, aldeia próxima da Covilhã, realizou-se um funeral colectivo das vítimas do acidente com um autocarro, ocorrido perto de Castelo de Bode e do qual resultaram seis mortos e dezenas de feridos. Os mortos, como já foi divulgado, são José Jesus Teles, de 29 anos, operário, casado; Estrela Maria de Jesus Abrantes Almeida, de 19 anos, solteira, operária; Maria de Jesus Taveira Cunha Oliveira, casada, de 25 anos; Ana da Conceição Paiva, casada, operária, de 41 anos; João Manuel Vaz de Matos, de 21 anos, operário, casado; Maria do Carmo Martins, de 70 anos, viúva.

39.º ANIVERSÁRIO DE A CONFIDENTE

A Confidente comemora amanhã o seu 39.º aniversário, pelo que a gerência oferece aos seus colaboradores, e como já vem sendo tradicional, um passeio de confraternização. Desta vez o programa compreende viagem de avião ao Porto, visita às praias dos arredores, ao «Edifício Confidente» (acabado de construir naquela cidade) e almoço no hotel PRAIAGOLFE em Estoril. O regresso, marcado para as 20 horas, encerrará um dia de aliciente convivência e significado.

HABEAS CORPUS

Em consequência da decisão do Supremo Tribunal de Justiça, sobre pedido de «Habeas Corpus», Henrique Graça requereu no 2.º Juízo Criminal de Lisboa, a sua libertação imediata com fundamento na inconstitucionalidade do art.º 7.º do Decreto-Lei 40500 (Medidas de Segurança).

O pedido de «Habeas Corpus», apresentado por Graciete Nogueira Casanova, foi indeferido pelo Supremo Tribunal de Justiça.

A C. P. INFORMA:

SERVIÇO DIRECTO EM 2.ª CLASSE ALGARVE E ALENTEJO - HENDAYE - VERÃO DE 1972

A fim de proporcionar maior comodidade aos passageiros do Algarve e do Alentejo, destinados a França e mais além, efectua-se, de 11 de Agosto a 18 de Setembro, com partida de Portugal às sextas-feiras o seguinte serviço especial com carruagens directas:

Vila Real de Santo António-Guadiana	P 6-25
Tavira	P 6-54
Fuseta	P 7-07
Olhão	P 7-17
Faro	P 7-30
Loulé	P 7-51
Albufeira	P 8-06
Tunes	P 8-18
Messines-Alte	P 8-33
São Marcos	P 8-48
Funchal	P 10-40
Beja	P 14-05
Cuba	P 14-25
Vila Nova da Baronia	P 14-49
Casa Branca	P 15-28
Vendas Novas	P 16-15
Coruche	P 17-38
Hendaye	C 13-35
Paris-Austerlitz	P 14-40
— Em Tunes, recebe ligação do ramal de Lagos e, em Casa Branca da Linha de Évora e afluentes.	



SALDOS

SAPATARIAS

BAMBI

SALDANHA — AV. DE ROMA
R. TOMAS DA ANUNCIAÇÃO
AV. COMBATENTES — ALGÉS

SÓ 15 DIAS

PREÇOS EXCEPCIONAIS

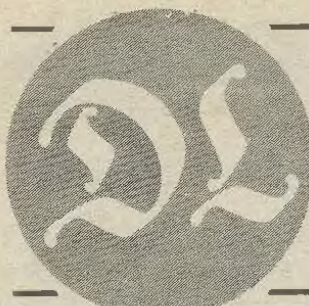
S. MARCOS

PRAÇA DE LONDRES, 4-F

RESTO DE COLECÇÕES

ÚLTIMOS DIAS

PREÇOS INCRÍVEIS



Opinião

PARA UM DEBATE SOBRE EDUCAÇÃO FÍSICA

Achou por bem a Direcção-Geral da Educação Física e Desportos, por intermédio do Responsável Nacional pela Educação Física no Ensino Primário, responder ao editorial que neste mesmo lugar publicámos sob o título «Desporto no Ensino Primário?». E tendo começado por declarar que, considerando a grande complexidade dos assuntos levantados, «se limita a comentar alguns pontos que reputa fundamentais» censura-nos por não havermos feito, em duas colunas de corpo 10, o que, confessadamente, afirmara não poder fazer em nove páginas dactilografadas. Por aqui se vê quanto é fácil derivar para as contradições quando se procura tirar efeitos de estilo com o fito de introduzir considerações que, pela sua seriedade própria, bem os dispensariam...

Também se dispensaria, no nosso entender, a afirmação de que é vocação desta secção «exprimir-se por pinceladas rápidas e superficiais sem entrar na pormenorização de ideias e conceitos». Rápidas, decerto o são, que mais o espaço não permite, mas no que toca a superficialidade, mesmo sem nos abarmos em opiniões diferentes, haverá talvez que lembrar que neste local se tem procurado, tão frontalmente quanto em cada caso é permitido, abordar as questões mais importantes da vida nacional. Por isso mesmo, supomos ter sido o único órgão de imprensa a dedicar um editorial ao colóquio dos professores primários sobre desporto. E que a verdadeira vocação desta secção (será preciso dizê-lo?) é levar o leitor, sem prévia demarcação de limites, mas com a máxima abertura crítica possível, a reflectir sobre a totalidade dos problemas do País.

Acorrendo à matéria que informa a resposta, felicitamo-nos pela oportunidade que demos a um departamento oficial de explicar o que, doutro modo, talvez tivesse de continuar longe do conhecimento do público ou apenas surgindo, parceladamente e nem sempre com bastante fortuna formal ou de fundo, nas apressadas conclusões de um colóquio... Ninguém esperará, evidentemente, que respondamos, ponto por ponto, ao comentário da Direcção-Geral: sobra-nos em atenção cívica o que nos falta em competência especializada, que essa teremos de deixar ao organismo responsável, mas surpreende-nos que um texto que busca ser objectivo condescenda em distinções especiosas, como a da «pedagogia autoritarista» (que repudia) e a «pedagogia de autoridade» (que considera «factor de primordial importância em todo o processo educativo»). Tem-se sempre razão quando se começa por carregar de pejorativismo verbal o conceito que exprime a ideia contrária àquela que defendemos... E tudo isto vem por causa da nossa estranheza de que nas conclusões do colóquio fosse omissa qualquer referência à «ginástica educativa e correctiva», que nos permitimos continuar a considerar indispensável, a par da actividade desportiva que, acatadamente, se introduza no ensino primário.

Quanto ao grave problema dos «campeões», não podemos deixar de estar de acordo com o desejo, ardentemente expresso, de que eles apareçam, tal como se deseja que surjam «campeões» executantes musicais, «campeões» actores, «campeões» cientistas, etc. Simplesmente, a verdadeira questão é outra: não nos consta que estes campeões da arte e da ciência beneficiem da promoção publicitária que, em todos os níveis, contempla os do desporto. E isto nada tem a ver com supostas projecções de prática adulta no mundo da criança...

Não dá para mais o espaço. Deu, no entanto, para esclarecer (se necessário ainda era) o objectivo destas notas. Tal como dá para secundar o voto de que a «Opinião» que exprimimos abra um debate sobre o problema da Educação Física no Ensino Primário. Como se vê, não foi inútil a nossa pequena contestação...

ISABEL DA NÓBREGA

EM QUE MUNDO VIVEMOS?

A resposta não é uma, mas cem. Vivemos numa certa economia, ou numa certa política, ou numa certa filosofia, e tudo isto são mundos diferentes. E das combinações dessas diferenças outros mundos (outras situações) nascem, formando-se e transformando-se sucessivamente. Escolher uma resposta e dá-la como única é sempre ceder à tentação de unidade à custa da qual costumamos comprar o nosso sossego intelectual. Sem dúvida vou eu também cair em tentação, mas deixo, este curto parágrafo de ressaiva...

Se é caso disso, perdoe-se-me este meu constante estar virado para a literatura. Alimentei-me dela e, embora veja como o mundo é pluralíssimo, não posso furtar-me a procurar respostas através dela. E mesmo quando não sejam respostas, são modos aceites de viver, regras de companhia, enfim, uma atitude de estar no mundo, entre tantas outras que procuro não enjear e certamente não censuro.

Tenho por isso o direito de me mostrar impaciente quando deparo com atitudes de recusa em relação à literatura, que ou são deliberadas, e portanto suspeitas, ou de ignorância, e portanto lamentáveis.

Por muito pequeno que seja o lugar que alguns reservam hoje à literatura, por muito que outras preocupações encham a cabeça das pessoas — não é possível evitar um sentimento de revolta, de indignação, do que (quiserem, quando se sabe, por exemplo, que um jovem (universitário) declarou há semanas perante alguns milhares de espectadores da televisão, que o autor do «Elogio da Loucura» foi Dante.

Aqueles a quem a literatura pouco cuidado dá encolheram os ombros e consideraram que o crime não é grave. Também estou de acordo. Pior do que afirmar que o «Elogio» foi escrito pelo autor da «Divina Comédia» é fazê-lo porque não se sentiu a necessidade de o ler (de os ler), porque vivemos num mundo tão cheio das suas suficiências que um homem como Erasmo de Roterdão vale tanto como o anónimo que passou na vida sem deixar rasto.

Não esqueço que este século já deu duas grandes guerras, dividiu o átomo, foi à Lua, inventou as palavras cruzadas e as histórias em quadrinhos, as telenovelas e o «007» — mas serão tudo isto razões para não ler o «Elogio da Loucura»? Não posso aceitar — mesmo que inquiridos e sondagens insistam em pôr diante de mim uma realidade detestada (que eu detesto) — que se renuncie a um património precioso, reunido pela inteligência e pela sensibilidade de gerações sucessivas e que durante muito tempo pudemos julgar definitivamente adquirido. Grande engano, afinal. Parece que é possível confundir Dante e Erasmo, e, pior ainda, julgar ter cultura nessa confusão. Parece que é possível atirar nomes e títulos ao acaso, confiando na sorte, ou na ignorância alheia, presumivelmente maior ainda. Parece que é possível não saber em que mundo vivemos ou virar as costas à cultura literária, porque é literária, e porque, ao que dizem alguns, a literatura está morta. Mesmo o que o admitíssemos, não deveríamos esquecer a literatura viva dos tempos que os seus sim, estão mortos.

No jornal o retrato de uma rapariguinha debruçada para o livro, roendo a ponta da caneta. Por baixo a legenda: «Aquele que é instruído tem necessidade de alimento cultural».

Por associação de ideias evoquei (também) conversas, discussões, declarações que são verdadeiras atitudes mentais. A rapariguinha pediu uma lista de dez livros. O noivo, formado, com um grande futuro de tecnocrata, interrompeu-a: «Ena, tantos!» E, orgulhoso: «Não é que ache mal ler, sempre se faz vista num salão, sempre se atiram com uns títulos nos almofados mais importantes...»

Estavam ambos errados. Ela menos. Mas já tinha idade e estudos bastantes para poder ir, por si própria, de referência a referência, de fome a fome, de sede a sede. Ele é um néscio, pronto. E o oposito daquele outro moço que há tempos me perguntava irritado: «É a vida? Não é a vida que conta? De que serve ler esses livros? Para dizer que se leu? Lembrando-me dele dirigi-me aqui àquele leitor que, mesmo quando se quer culto, «lido», ou viajado, tem secretamente para si que o enuncia do de títulos de romances ou das grandes obras universais revela sempre uma ponta de exibicionismo, tem o seu quê de

URBANO TAVARES RODRIGUES

HÁ TRADIÇÕES E TRADIÇÕES

E bem verdade: se certas tradições são excelentes para o calote do lixo, outras há que merecem respeito. Essas são o fruto de penosas conquistas morais, de longos anos, ou séculos, de aperfeiçoamento e dignificação do homem. A Grã-Bretanha possui algumas (ou possua).

Sim, não desconhecemos que Gibraltar é uma colónia britânica fervilhante de problemas. Nem ignoramos que o adusto Rochedro carece vitalmente (ou talvez nem tanto) do abastecimento marroquino. Mas é o político, a Inglaterra, que eslavamos habituados a venerar, pelo menos neste particular tinha o hábito de estender a mão aos foragidos — e até com honras os recebia, quando sobre ele pesava a acusação de se have-



gabarolice, denota sempre a ambição de um brilharete. Juízo que me espanta, atitude mental que rejeito, mas que aceito como real de tanto nela tropeçar.

Claro, se reconheço que há muito boa gente a quem convém títulos para os enunciar nos almofados, sou obrigada a admitir que isso pode irritar outra (melhor) gente. O que nem uns nem outros parecem suspeitar é da existência de motivos diferentes e de diferentes significados. (Se eles soubessem só isto só este: que se fica para sempre acompanhado...)

Pedi há dias a outros jovens que não comunssem «cultura livresca» com cultura literária. Pareceu-me ser essa confusão que os levava a detestar... a literatura.

André Gide (numa citação estafada mas não para o leitor de jornal) dizia que a cultura é aquilo que fica depois de esquecermos o que lemos nos livros.

Ora creio que a pessoa de «cultura livresca» é aquela que não esqueceu... Debita o que leu, convive dentro de si não com coisas suas — com o que doutros é, e ainda não digeriu.

Mas tenho um exemplo melhor e, penso, menos usado, este texto que traduzi do Rainer Maria Rilke.

«...Os versos não são como há quem julgue, sentimento (esses temo-los nós muito cedo) — são experiências. Para escrever um único verso é preciso terem-se visto muitas cidades, homens, e coisas, é preciso conhecer os animais, é preciso sentir como vãos os pássaros e saber que movimento fazem as flores quando abrem, pela manhã. E preciso poder recordar caminhos em regiões desconhecidas, encontros inesperados, partidas que, de longe, a pouco e pouco, vamos aproximar; certos dias da infância cujo mistério ainda hoje não está esclarecido; os pais, a quem acabávamos por magoar quando nos traziam uma alegria e nós não a compreendíamos (era uma alegria feita para outros); doenças de criança que começavam de modo tão estranho, por tão profundas e graves transformações; dias passados em quartos calmos e contidos, manhãs na beira do mar; o próprio mar; os mares; noites de viagem que estremeciam muito alto e vocavam com todas as estrelas — e nem sequer basta saber pensar em tudo isso. É preciso ter lembranças de muitas noites de amor de gritos de mulher rugindo em dores de parto — e das mulheres que, leves, exangues, adormecidas, começavam de novo a fechar-se. É ainda preciso ter estado ao lado dos moribundos, ter ficado sentado junto dos mortos, no quarto com a janela aberta e os barulhos que vinham. E nem sequer basta as lembranças. É preciso esquecer-las quando já são numerosas, e é preciso ter a grande paciência de esperar que voltem. Porque as próprias lembranças não são ainda o que conta. Só quando em nós elas se tornam sangue, olhar, gesto, quando já não têm nome e já não se distinguem do que somos, então, e só então, poderá acontecer que, numa hora muito rara, do meio delas se levante a primeira palavra de um verso».

gestade Hassan II, alguma coisa morreu: a tradição britânica do acolhimento, do amor pela liberdade (agora que liberdade?) sem fronteiras, da terra onde o perseguido respira.

O princípio da discrição instalou-se. Há, houve, circunstâncias que motivaram, justificaram... É certo que os trabalhistas participaram, indignados, agitados, repudiando a felonina. Mas: é provável, é quase seguro que o tradicionalista gabinete conservador responsável por este acto gravíssimo de antitradição vai cair. O resultado das próximas eleições não deixa dúvidas a ninguém (digamos: a quase ninguém) dentro ou fora da Grã-Bretanha.

Porém, a mácula tombou no bom pano e não se vislumbra tão cedo tira-nódoas que a faça desaparecer.

Enfim, com tudo isto, e sem contar com a repressão marroquina, que vai decerto fazer vítimas, apesar de algumas palavras semi-conciliatórias de Sua Ma-

Serviço Telefónico Automático Continente-Madeira

Os CORREIOS E TELECOMUNICAÇÕES DE PORTUGAL e a COMPANHIA PORTUGUESA RÁDIO MARCONI informam que, no dia 1 de Setembro às 20 horas, se inicia o Serviço Telefónico Automático entre o Continente e o Arquipélago da Madeira através do cabo submarino CAM1 instalado pela Companhia Portuguesa Rádio Marconi.

Inicialmente tem acesso a este serviço os assinantes da zona de Lisboa cujos telefones tenham números começados por:

212 a 219

251 e 252

3

— excepto 31 e 38

4

5

6

— excepto 61, 63 e 64

7

— excepto 70 e 749

8

97

As comunicações a partir destes telefones obtêm-se marcando o indicativo — 06 — seguido do número do telefone desejado na Madeira.

A taxação destas conversações far-se-á na base de uma unidade de contagem (\$70) por cada 3 segundos de duração.

DL/REPORTAGEM

REPORTER DO "DL" FURA O CERCO À ALDEIA OLÍMPICA

das com telefone à ordem: e, nas mãos, a chavinha mágica que só dava a volta à fechadura de tempos a tempos.

Bem: não vou enfiar o leitor com a descrição dos três golpes diferentes que utilizei. Nem convém divulgá-los, pois estão aptos a funcionarem novamente. Só lhes digo isto: tão depressa me imaginaram lançador búlgaro, como lutador russo. Vestido de azulinho e aos pulos, a única coisa que escusava dizer, é que era corredor: gordo como estou, ninguém acreditaria...

Mas, transportas as portas todas, havia outro problema pela frente: descobrir qual dos quatro blocos com o número 10 servia de residência aos

portugueses. Sempre agarrado às paredes, (para escapar das patrulhas de Polícia, que andam de trás para a frente a pedir as identificações), fui aos dois primeiros e nada. No terceiro estava imensa gente vestida a rigor: também não havia portugueses à vista. O centro de todas as atenções, era o senhor Willy Brandt, que é quem manda mais na Alemanha, e, intimamente, deve ter ficado bastante surpreendido com a entrada na sala do restaurante, daquele gorducho que andava perdido.

Sintetizando: os portugueses estavam mesmo no 17.º andar do último dos blocos onde fui. Moram à beirinha do restaurante, defronte da esplanada e do centro de convívio. Su-

bi no elevador e desemboquei num corredor que tem um grande cartaz da Virgem de Fátima colado numa porta de vidro. Pronto: estava com a minha gente.

PORTUGUESES

É um corredor largo, com nomes escritos num papel nas portas. Todos os corredores estão em dois quartos: o resto espalhado por ali e pelo andar de baixo. Numa porta aberta, um letreiro: «Escritório». Foi ali que, à secretária, encontrei Vicente Paulo Martins. Pois bem: gastei uma meia-hora a tentar demonstrar ao presidente da missão portuguesa de que não viera pelo céu, até porque os helicópteros patrulhadores estão lá bem atentos. Mas, ainda agora, Vicente Martins dá volta à imaginação, para descobrir como aquilo sucedeu...

Pronto: o resto da tarde de ontem, gastei-o a ver o esmagador nervosismo de Moniz Pereira (que esteve longe de ser o mesmo jovial de Lisboa), com o Fernando Mamede que acredita poder (pelo menos) bater o «record» português dos 800 metros, com o Aldegalega, que confia num lugar dentro dos dez primeiros maratonistas, com o Carlos Lopes (que quer fazer um bom tempo ajudado pela classe dos seus adversários). Por fim, apareceram por lá a Adília Silvério e o Raposo Borges (a quem a «Timex» subsidia a viagem) e que entraram na aldeia olímpica com o professor Moniz Pereira que teve de vir de automóvel buscá-los à porta. Conversei com a intérprete da nossa delegação (uma senhora brasileira que casou na Alemanha) e por fim, lá consegui convencer Vicente Paulo Martins a passar-me a credencial exigida para me poder inscrever oficialmente no Centro de Press e ter assim acesso à informação.

Agora, na companhia de Carlos Figueiredo, voltei ao centro de Press, onde o nosso amigo Herbauts, da AIPS (cumprimentos para o Vitor Santos) já deu ordem para me passarem o cartão. Só que, ainda antes de o ter, fui até ao guichêzinho pagar 150 marcos (1290 escudos) pelo precioso retângulo que

permite oficialmente (mas uma vez sem exemplo), aquilo que consegui sem pagar nada nem pedir nada a ninguém. Se não acreditarem, é só perguntarem a quem eu mencionei acima...

Resta acrescentar que, amanhã já terei o cartão-abrete-sésamo em meu poder e a partir daí poderei entrar no voleibol, no boxe, na luta, na esgrima, no basquete, no vôleibol, no hipismo, na natação. Como já tenho bilhetes para o atletismo, o leitor do «DL» fica garantido: vou contar coisas bonitas desta festa olímpica, em especial o que vi fazer às vedetas, nas horas em que fui colega delas na aldeia olímpica...

MARIA

Eu andava desanimado. Chegara com a máquina já toda a funcionar, e estava já meio convencido a ver pela TV (a cores) as provas para as quais não tinha bilhete. Foi quando fui ao bar e conheci Maria...

Maria é austríaca e, para além de ser a mais bela rapariga que atende os jornalistas no bar do Centro de Imprensa, é alta e de bonitos cabelos castanhos.

«Conheço Portugal e tenho lá amigos. Há, até, uma moça chamada Eva, que foi criada em casa de uma família de apelido Silva, que se escreve comigo e é austríaca como eu».

De dedução em dedução, lá fui entendendo as coisas: Maria (como Eva) foi refugiada da guerra, e seus pais enviaram as pequenas para Portugal quando a guerra punha a fogo a Europa. Eva foi criada pela família Santos Silva Freire de Andrade, a que pertencem os realizadores de televisão Luís Andrade e Vitor Manuel, e o assistente António Andrade. Por seu lado, em dois anos de permanência no nosso País, Maria Mayer apenas recorda a praia da Nazaré, uma grande leitura no Ribatejo e os Jerónimos.

«Pois passava ali quase todos os dias a caminho da escola». Viveu com uma família de apelido Lupi (a que talvez pertença o cavaleiro José Samuel). Mas, a esbelta Maria não se recorda ao certo disso. Apenas se lembra de Portu-

gal, com uma vaga noção de gratidão e porque eu e o Rodrigo Pinto, aqui junto ao bar, lhe pedimos para interceder junto dos conhecidos do «Press Office» no sentido de ser acreditado o sexto jornalista português: que sou eu, claro, que em Novembro (data do encerramento das inscrições definitivas) não sonhava sequer com a presença nos mais sumptuosos Jogos Olímpicos da era moderna.

A TAREFA

Mas, qual quê! A todas as portas dizem-me que «tenha paciência». Que as coisas se fazem com tempo e horas: ek que, no aspecto do desleixo, Portugal só tem paralelo na Suíça, pois também só da Suíça há vinte e dois jornalistas «isolacionistas». Enfim: com muito boas falas, a bem boa da Maria lá me foi dizendo que só com a interferência do chefe da delegação portuguesa conseguiria alguma coisa, embora esse «qualquer coisa» fosse muito hipotético...

Recapitulando: apenas estão credenciados Carlos Miranda, Rodrigo Pinto, Albuquerque Freire (Ultramar) e Justino Lopes. De resto, no Centro de Imprensa, apenas vão entrando (se os polícias estão de boa catadura...) o Carlos Figueiredo e eu. Aliás, agora mesmo, aqui estamos, com o Patrício (utopicamente) a dissertar sobre o não terem vindo «boceurs» de Portugal, o Rodrigo assombrado com a prova de uma ginasta japonesa, e o Freire a tomar a sua 40.ª cerveja do dia.

Voltando à delegação portuguesa: o chefe acreditado (Fernando Machado) não está em Munique: por falecimento do pai voltou a Portugal e deixou «isto» entregue ao sr. Paulo Martins que, afinal de contas, é quem amanhã me vai entregar o tão ambicionado cartão.

MUNIQUE

Entre um filme de «Django», discos de «Jazz» a 22 marcos, e computadores portáteis que custam de aluguer 1764 marcos mensais, assin vão as ruas de Munique. Toda a gente (conta-me um «chauffeur» argentino, que vive aqui desde 1962) tem automóvel: mas prefere deslocar-se para o emprego em bicicleta. O alemão é assim, um «fan» da bicicleta: e não lhe caem os parentes na lama, por qualquer alto funcionário pedalar ao lado do contínuo a caminho da repartição.

Impecavelmente limpas, as ruas são patrulhadas por mulheres-policia que nada tem a ver com bigodes facanhudos e pelos nas pernas. São raparigas muito atraentes, que traziam saia-casaco, chapélio azul escuro, meias clarinhas, mala preta a tiracolo e sapatos negros de salto quase raso. Se as vissem os portugueses seriam capazes de um madrigal: só que a paródia poderia ficar-lhes cara, já que todas elas são praticantes de judo e atiram (com

pequenos revólveres) numa «muche» a 50 metros de distância. Melhor, portanto, dar uma curva: e espreitar a vida da cidade.

Nos táxis (todos modernos e sem falhas de tinta, com assentos impecáveis forrados a pele e condutores que vestem como querem sem darem contas a ninguém) há cinzeiros: mas existe também um pedido para que ninguém fume. «Não ajude a poluir a cidade: Munique é terra do futuro» — lê-se por todo o lado.

Com efeito, estes magníficos estádios, estas piscinas, estes ginásios, estas deslumbrantes zonas verdes, vão ser doadas à juventude alemã e não servem como puras obras de fachada. Na Alemanha, bem ao contrário do que sucede por aí, criam-se infra-estruturas e depois ergue-se a juventude do marasmo em que se arrasta. É preciso semear para colher, implantar nos pais das nossas crianças o desejo de que seus filhos nasçam e cresçam em contacto com a natureza. Roubá-los à escola? Nada disso.

Mas, com muito tacto, do-sear o tempo de mergulharmos nas linhas do caminho de ferro, nas capitais de distritos e nas zonas mineiras, com a aprendizagem da natação, com o atletismo, com a ginástica. Um povo para ser forte, não pode viver mergulhado na saudade. Um povo para ser alegre, não pode viver só do futebol. Como aí, onde os futebolistas comerciais fazem tombar no abismo as tesourarias dos clubes e servem exclusivamente de cartaz político, comercial e artístico.

Nunca de elevação da raça: e estamos à vontade para falar assim, conhecida a nossa «loucura» pelo futebol bem jogado e sabida a admiração que nos liga a centenas de praticantes, mas, amigos, não pode todo um país adormecer à sombra do futebol dos seus principais clubes e, esporadicamente, dos feitos da sua selecção: desporto em Portugal não pode viver apenas do futebol, dos golos de Eusebio ou das defesas de Damas. Nem, exclusivamente, dos feitos desse cavaleiro andante chamado Agostinho. Desporto, autêntico e claro, é a natação que aí só se pratica nas tardes solarentas do Verão em praia. E a ginástica, a que as mães furtam os pequeninos engripados nas manhãs escolares dos Sábados. E o atletismo, que só se avista quando aquele sujeito enfático da RTP aparece nas noites de domingo, para falar de 11 segundos e tal nos 100 metros e de lançamentos do peso a 14 metros...

FESTAS

Jesse Owens autógrafa no dia 2 à tarde o seu novo livro «Swarze Gedanken». Quem mora na vila olímpica prepara-se para receber prendas: 126 organizações alemãs mandaram entregar aos chefes de delegação lembranças dos jogos. Celebra-se hoje, com festa rija, o aniversário de Jeff Bannister (1 e 90 de altura e 91 quilos) que quer ganhar a medalha de ouro dos 1500 metros. Outros 20 atletas completam hoje o seu aniversário: A festa é comum e os aniversariantes tem direito a sentar-se em mesa de honra diariamente focada pela TV.

SALDOS

NA QUADRANTE
LIVROS DE BOLSO INGLESES
AGOSTO/SETEMBRO

ESPECTÁCULOS



UMA FOTO HISTÓRICA

Com a morte do grande actor Sérgio Cardoso, agora ocorrida no Rio, esta foto dos arquivos do DL ganhou nova dimensão de curiosidade. Nela estão reunidos, ao lado de Bibi Ferreira, três actores que já não pertencem ao número dos vivos: Jaime Costa, outra figura exponencial da cena brasileira, Sérgio Cardoso e João Villaret. Os três representaram no Rio o texto de Julio Dantas, «A Ceia dos Cardeais», em 1953, cabendo ao primeiro o papel do cardeal espanhol, ao segundo o do francês e ao terceiro o do português. Foi um confronto de três excepcionais comediantes, que ainda hoje é recordado no Rio pelos que tiveram o privilégio de o assistir.

O TEUC REGRESSOU DOS AÇORES

Depois de uma digressão pelos Açores durante 19 dias, em que contou tantos êxitos como actuações, já regressou a esta cidade o Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra. Durante esta digressão, calcula-se que devem ter assistido aos espectáculos do Teatro dos Estudantes cerca de

dez mil espectadores. Os elementos do T.E.U. C. entraram num pequeno período de férias, recomeçando a sua actividade no princípio de Outubro, em que apresentarão no Teatro de Gil Vicente, um Ciclo de Cinema, e com a continuação de espectáculos por todo o continente.



ORQUESTRA GULBENKIAN: "TOURNÉE" AFRICANA

Por via aérea, partiu para uma importante digressão artística Angola e Moçambique, e ao Malawi, Rodésia e África do Sul, a Orquestra Gulbenkian, que, sob a direcção do maestro Werner Andreas Albert, vai dar uma série de 15 concertos em Angola e Moçambique, com início, na cidade de Luanda, onde dará novos concertos no dia 30 do corrente e nos dias 5 e 6 de Setembro, além dos que efectuará nas cidades de Benguela, Sá da Bandeira e Nova Lisboa, antes de seguir para Moçambique, a fim de realizar mais quatro concertos em Lourenço Marques, um em Nampula e dois na cidade da Beira.

Além do grande maestro Werner Andreas Albert, considerado justamente como um dos directores de orquestra alemães de maior prestígio, acompanha a orquestra o maestro assistente Charles Ketchum. Será solista o grande pianista português Se-

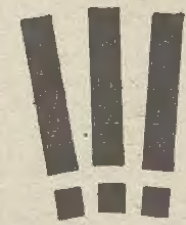
FILME BRASILEIRO NO FESTIVAL DE VENEZA

ROMA — A película do realizador brasileiro Pedro de Andrade «Os Inconfidentes» será projectada no Festival de Veneza, escolhida pela comissão seleccionadora. Esta obra está integrada no novo ciclo de televisão «A América Latina Vista Pelos Seus Realizadores», que se propõe dar a conhecer a realidade económica, social e cultural dos países latino-americanos através da actual produção cinematográfica. O filme conta a história de uma conspiração no século dezoito, ainda o Brasil era território português, e é realizado com base em diálogos extraídos dos respectivos processos e em alguns poemas de então.

Recorda-se que Pedro Andrade nasceu no Rio em 1932 e desde muito jovem encaminhou as suas actividades para o cinema, realizando documentários dedicados a duas das maiores figuras da cultura brasileira — o sociólogo Gilberto Freyre e o poeta Manuel Bandeira. Em 1960 dirigiu o seu primeiro documentário, «Coiro de Gato», premiado no Festival de Curtas-Metragens de Oberhausen. Realizado em 1961, é uma das suas obras mais significativas e que mais contribuíram para o renascimento do «cinema novo» brasileiro.

Ao filme «Os Inconfidentes» a Radiotelevisão Italiana consagrou um programa, sobre o qual o crítico de cinema Paolo Valmarana, que faz parte da comissão de selecção do Festival de Veneza, escreveu: «Desfolha (Pedro de Andrade) para trás a página da história pátria e, para a frente, a história do cinema. O resultado é de uma aparente simplicidade de uma humildade admirável. A operação, ao contrário, é complexa e revela a presença de um autor de grande maturidade, que é ao mesmo tempo um intelectual e um sábio».

por ser burro
não posso ir
ao
Teatro abc



LISBOA - EVORA - BEJA - ESTORIL - SINES - VENDAS NOVAS

FEIRA POPULAR de LISBOA

A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»
RECINTO DE DIVERSÃO, MANTÉM O TÍTULO DO MAIS ALEGRE PONTO DE LISBOA

BOA MESA — ALEGRES DIVERTIMENTOS
GRANDIOSOS PAVILHÕES E LINDOS STANDS
PARA TODOS OS GOSTOS
PARA TODAS AS IDADES
PARA TODAS AS BOLSAS
ABERTURA ÀS 19 HORAS

UMA BOA ESCOLA EM PLENA BAIXA,
COM PISCINA E CAMPOS DE JOGOS,
NECESSITARÁ DE PUBLICIDADE?
EVIDENTEMENTE QUE NÃO!

A finalidade deste anúncio é unicamente lembrar que as matrículas para o CICLO PREPARATÓRIO, CURSO GERAL DE COMÉRCIO E CURSO DE APERFEIÇOAMENTO (nocturno) continuam abertas.

Informações na Rua das Portas de Santo Antão, 110 (junto ao Coliseu) ou pelos telefones 320807 e 328501 das 14 às 17 e das 20 às 23 horas.

ATENEU COMERCIAL DE LISBOA

Banco do Alentejo
O Banco oficialmente designado pelo
XXII CONGRESSO INTERNACIONAL
DE CIÊNCIAS FARMACÊUTICAS
(3 a 9 de Setembro de 1972)

TOIROS

em Vila Franca de Xira

SABADO, ÀS 22 HORAS



FESTIVAL DE HOMENAGEM. BODAS DE PRATA E DESPEDIDA DO POPULAR BANDARILHEIRO MANUEL ALEMÃO

9 — NOVIINHOS TOIROS — 9
PARA OS CAVALEIROS
D. JOSÉ DE ATAYDE — D. R. TELLES
J. M. CORTES — F. A. SALGUEIRO
ESPADAS
JOSÉ JÚLIO — A. SOARES
FERNANDO DOS SANTOS — MÁRIO COELHO
E A REVELAÇÃO VILA-FRANQUENSE
ANTÓNIO MANUEL

2 — GRUPOS DE FORCADOS — 2
Amadores Aposento Barrete Verde de Alcochete, comandados por António Luiz Penetra e Amadores de Vila F. de Xira, comandados por Victor Manuel dos Santos
PREÇOS POPULARES

FILMES CASTELLO LOPES apresenta

Uma flor desfolhada pelo vento
do amor e do compromisso...



AMARGA EXPERIÊNCIA

CATHERINE JOURDAN - MATHIEU CARRIERE
JEAN VILAR - MADELEINE ROBINSON

UM FILME DE GABRIEL ALBICOCCO EASTMANCOLOR

AMANHÃ ESTREIA INVULGAR
estúdio WENDUNWEN



Antonino
Fernandes
Dias

MISSA DO 2.º ANIVERSÁRIO

Sua família participa que hoje dia 31, pelas 19.30 na Igreja do Sacramento e amanhã dia 1 pelas 12.30 na Igreja de Santa Isabel, será celebrada missa de sufrágio, agradecendo, desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir.

DL / ESPECTACULOS

ELE VEIO CONTRATAR NOMES IMPORTANTES

IVON EM LISBOA PARA LEVAR AMÁLIA

VERÍSSIMOS
SALDA

GRANDE SORTIDO EM CASACOS E BLUSÕES DE CABEDAL E CAMURÇA PARA HOMEM E SENHORA. TODO O RESTO DA COLECCÃO DE VERAÕ DE PRONTO A VESTIR — CENTENAS DE CAMISAS DE PADRÕES RECENTES, CALÇÕES DE BANHO E CALÇAS

AVENIDA GUERRA JUNQUEIRO, 8-C — LISBOA

EXTERNATO
SANTA BÁRBARA

RUA PASSOS MANUEL, 24-r/c. — TELEF. 561383

- * CICLO PREPARATÓRIO
- * ENSINO LICEAL
- * DIURNO - NOCTURNO

MERCEDES

CADILLAC — OPEL — VAUXHALL E FORD
REPARAÇÕES E CORRECÇÕES DE DEFEITOS
Pessoal especializado nesta marca.
Ferramental apropriado.
Correcções de defeitos e reparações gerais.
Secções de MECÂNICA, BATE-CHAPAS, ELECTRICISTA, PINTURA e ESTOFADOR.
Reparações em CAIXAS E DIRECÇÕES AUTOMÁTICAS.
Trabalhos de 1.º Serviço rápido e eficiente, executado por oficiais.

ORÇAMENTOS PRÉVIOS
R. de Artífaria Um, 105-A — Tel. 68 31 31
R. dos Lusadas, 113-A — Tel. 63 10 57/8
SERVIÇO INDEPENDENTE

COZINHA VELHA

QUELUZ — TELEFONE 95 02 32

Informamos os nossos Ex.ºs Clientes que, Sexta-feira dia 1, faremos o nosso serviço habitual de Almoços, Chás e Jantares na SALA DE BANQUETES, em virtude da Sala «COZINHA VELHA» se encontrar reservada para um LANCHE DE CASAMENTO.

A DIRECÇÃO



ROSSIO, 118

SALDA A PARTIR DE AMANHÃ

Um avião vindo do Brasil trouxe um passageiro difícil de passar despercebido. Quem não conhece o rosto bonacheirão de Ivon Curi, o homem que fazia pular o pé com as modinhas de Carnaval? Veio com o seu metro e oitenta e picos bem enformados, o sorriso instalado, a cabeleira negra de zévieche sem sinais de tempo e aquele andar pesado mas coerente com o resto. Em toda a figura da vedeta da canção brasileira há uma procura rebuscada de jovialidade, uma «recherche do tempo perdido», que nos dá a sensação de um dedo crispado sobre o travão dos relógios. Encontrei Ivon Curi no hotel onde costuma ficar instalado nesta «terra de gente tranquila, um país agradável onde é uma doçura viver». Ivon Curi veio a Lisboa na tarefa de «angariador de contratos» procurando nomes feitos para o levar junto da colónia lusitana do Brasil. Missão cumprida. Regressa com a bagagem cheia: a palavra de Amália, do Raul Solnado, da Maria Rosário e do Luis Horta — eles vão ao Rio de Janeiro.

«Vim muito mais para servir Portugal do que para me servir de Portugal. A Varig resolveu fazer uma campanha nas associações portuguesas, junto das pessoas residentes no Brasil há vinte ou trinta anos e que não voltaram ao seu país. A intenção é mostrar Portugal novo a esses portugueses que o desconhecem. Pediram-me uma sugestão do show. Aproveitei a passagem de uma quantidade brutal de «slides» mostrando o Portugal de hoje, pujante, independente, e ao mesmo tempo aquela doçura de aldeia que dá saudade à gente. Para tornar o show mais autêntico sugeri que se levasse uma fadista. Pensei em Maria do Rosário porque é uma ótima intérprete do lado. Em complemento achei que o nome do Luis Horta estava muito bem. É um imitador esplêndido e talentoso. Aqui em Portugal ainda não teve a chance merecida.»

Para muito breve a estrela da Amália no Canecão, também acompanhada pelo Luis Horta, num show escrito pelo Ivon Curi, 4 de Outubro. A grande senhora do fado canta para os portugueses radicados no Brasil. No seu estilo inconfundível.

INDEPENDÊNCIA OU SAMBA

«Ainda mais. Contratei o Raul Solnado para actuar na mesma sala de espectáculos, possivelmente em Abril. Em princípio ele deveria participar num show comigo cujo nome seria independência ou samba baseado no grilo de D. Pedro «independência ou morte». Um show muito alegre e promotor do estreitamento das relações luso-brasileiras. EKRAPA terminará com uma escola de samba de um lado e um grupo folclórico do outro. Mas ainda não sabemos como a coisa se vai passar... Só posso afirmar que o show é bom e bem intencionado.»

O primeiro encontro de Ivon Curi com esta «doçura de país» deu-se de uma maneira bastante casual. A indole apaixonante e aberta da vedeta brasileira depressa se sentiu

enamorada da «tranquilidade revigoradora, do sol da gente...» Daí as visitas periódicas, a construção de amizades, o fortalecer dos laços de ligação. Aconteceu amor à primeira vista.

«Estive pela primeira vez em Portugal em 1956. Atravessava uma época bastante dura... questões de saúde, sabe? Um cansaço tremendo tomara conta de mim e os médicos aconselharam-me «ou uma casa de repouso ou partir para um país onde ninguém me conhecesse». Evidentemente, escolhi a segunda hipótese. Encontrei em Portugal o bálsamo esperado. E fui-me apaixonando por tudo. No Brasil já não podia andar na rua... não tinha sossego para nada.

Em 1957 apresentei-me no Carnaval do S. Luis. Desde então venho periodicamente, a Portugal, tomando sempre o cuidado de me renovar.

Não se considera um artista ultrapassado?

«Evolui. Tento não parar nunca. As pessoas que me ouviam, este ano, no Monumental ficaram admiradas com a minha nova maneira de cantar. Sou muito versátil, sabe? Faço sozinho um show de duas horas e o pessoal morre de riso. Graças a Deus que percebam a minha dignidade profissional e por isso firmaram uma posição a meu respeito. Sobre tudo tenho aquela medida de não me fazer esquecer pela ausência mas não saturar com a presença. O meu problema não é dinheiro. Antes quero manter uma chama acesa assente na dignidade artística.

Mas o seu estilo não se pode enquadrar em qualquer tendência da actual música brasileira...

Não obedeco a nenhum estilo mas faço com que os estilos me obedeam. De todas as características a que tenho mais vincada é a personalidade. Canto todos os géneros... só que os moldo à minha maneira de ser. Isso talvez seja uma das grandes armas. Na verdade não sei o que me mantém até hoje. Zelo artístico? Sorte? Talento? Não tenho, no

— «Foi o povo de Caxambu



Venho para servir Portugal...

Brasil, nenhum concorrente no género que pratico. A escola dos outros cantores brasileiros é muito do tipo americano. Eu fui mais influenciado pela escola francesa onde tudo é teatro... Na Europa o artista faz-se e projecta-se à custa do teatro. E este é mais importante que a televisão porque nele sentimos a força dos aplausos. Mil pessoas a apaludir o pé é um sucesso que se espalha e permanece.

Se estava interessado em mostrar um Portugal novo aos emigrantes porque não escolheu artistas actuais imagens do tempo presente?

«Precisamente porque as pessoas que vivem no Brasil, há dezenas de anos, só conhecem a música tradicional portuguesa. É verdade que vamos mostrar a cara nova de Portugal o show é feito para gente madura e não adianta por lá, um cantor jovem que não lhes diz nada. Por outro lado o show proporciona uma faceta aos jovens que eles desconhecem. Sabe? A maturidade necessita de agitação mas a juventude precisa de ser tranquilizada. Para gente nova tudo está errado, o negócio é fumar maconha para esquecer... no entanto não apresenta soluções...»

SOU UM «CEMEL»

Ivon Curi, filho de emigrante libanês, nasceu em Caxambu, Estado de Minas Gerais, Brasil. Cidadão popular, foi-lhe dado o nome de uma rua na sua terra natal — deferência que mais tarde o Governo brasileiro tornaria atribuível apenas a pessoas já falecidas.

— «Foi o povo de Caxambu

que pediu através de um abalo assinado esse homenagem para mim. As ruas geralmente têm nomes de gente morta. Será que o pessoal da minha terra está mal intencionado a meu respeito...?»

Ivon Curi ri francamente com aquele riso de dentro que lhe apanha o rosto todo.

«Talvez eu nunca tenha sido um tipo excepcional, formidável ou muito bom mas há tanta gente tão errada que o pouco que faço serve e deixa-me permanecer. Não sou impingido a ninguém. Basta que seja anunciado para as pessoas aparecerem. Procuro actualizar-me mas não ir atrás de modas. Não me rebolo em cima de um palco a não ser que a letra da canção o exija.

Há quem diga — opiniões que um artista (seja de que ramo for) reflecte a realidade social onde vive. Que espelho está por detrás de Ivon Curi?

«A actual realidade brasileira é muito bonita. Graças a Deus. O nosso Governo é o redentor do Brasil. Tudo melhorou. Demos um salto de séculos em oito anos. Uma reviravolta impressionante mas difícil porque o brasileiro por via de regra é indisciplinado. Tem a mania de esperto. Ele custou a entender que cada cidadão tem um dever a cumprir.»

E, depois desta tirada Ivon Curi despede-se de Portugal com uma daquelas frases em que é tão prodígio. «Sempre fui um pregador desta pátria. Um «cemelot». Agradeço a ternura com que sou recebido. O português dá sempre mais do que aquilo que tem obrigação»

LOURDES FÉRIA

"SELF MADE WOMAN"

RIO DE JANEIRO — Maria Rute dos Santos, artisticamente conhecida por Rute Escobar, nasceu no Porto e aos 16 anos foi viver para São Paulo com sua mãe. Vive do teatro e para o teatro como empresária e actriz, sendo «A Actriz quem determina a empresária», segundo a sua própria expressão. Como empresária paga mal aos seus actores, «Porque o teatro brasileiro só progredirá, na medida em que os empresários ganharem mais».

Rute está a ensaiar no Rio «Sindica, qual

é a sua?», sob a direcção de Amir Haddad, peça que será estreada no mês de Setembro em São Paulo. Para Rute, o seu teatro é apenas um espaço onde podem ser criadas. «Quando falta dinheiro diz: Vendo tudo. Para fazer «o balcão», na minha casa só restaram as camas. Depois, comprei tudo de novo.» Por todo este arrojado e sangue frio perante situações delicadas, Rute Escobar foi apelidada pelo «Jornal do Brasil» de «Self made Woman».

DL
show

O jantar de encerramento do 31.º Congresso e 34.º Concurso da UNICA realiza-se no Hotel Estoril Sol no próximo dia 2 de Setembro.

José Calvário já começou a trabalhar para o disco de Teresa Paula Brito. Regressando há dias do Algarve, onde passou férias, o jovem orquestrador e compositor vai em breve começar a fazer o segundo LP com orquestrações suas sobre músicas que foram êxito no decorrer deste ano.

Brevemente estará entre nós a Camerata Barilech, orquestra argentina composta por dezasseis elementos que actuam sem maestro e que é mundialmente considerada. Neste momento a Camerata encontra-se em Munique onde o seu país nas Olimpíadas Culturais de 1972.

Está aberto concurso de admissão à Orquestra Gulbenkian, destinado

ao preenchimento da vaga de viola-solista e de um lugar de segundo violino. Os interessados deverão dirigir-se, até ao dia 30 de Setembro, à recepção da Fundação Gulbenkian, AV. de Berna, 45, onde deverão preencher um boletim de inscrição.

Os «Traffic» estão aí, em novo álbum editado por Arnaldo Trindade.

«As cinzas de uma Saudade», de Teresa Silva Carvalho, composição gravada em disco, está a ser êxito de vendas.



JOSÉ CALVÁRIO

COMUNICADO

Informamos todos os nossos clientes e fornecedores que a partir de 5.ª feira, dia 31 de Agosto, os nossos serviços comerciais e administrativos serão transferidos para a nossa fábrica na Rechousa - Canelas - V. N. Gaia.

Os números de telefones são os seguintes:

Serviços Comerciais	913145/913220/913345
Serviços de Contabilidade	913395
Serviços de Compras	913070
Serviços de Armazém de Matérias-Primas	913495
Serviços de Distribuição	913420

O endereço postal será:

JOTOCAR — SARL
APARTADO N.º 467 — PORTO

DL / ESPECTACULOS

SURPRESA QUE VEM DO ORIENTE

TÍTULO: Djamilia (Djamilia)
REALIZAÇÃO: Irina Poplavskaja, 1970 (URSS)
INTERPRETES: Natália Arimbassara, Sonymenkou Tchokmory, Nasredine Doubachou, etc.
DISTRIBUIÇÃO: Filmes Luso-mundo
CONTINUAÇÃO DE ESTREIA: Estádio Apolo 70 (24.8. 1972)

Está uma surpresa em Lisboa, no Apolo 70.

Uma surpresa chamada «Djamilia», e feita por uma russa, Irina Poplavskaja.

Para quem tenha visto filmes russos dos últimos 20 ou 30 anos, só poderá esperar algo de extremamente grande e pesado. Na realidade a cinematografia soviética parece ter enveredado pelo modelo do pior Cecil B. de Mille, e comprazer-se a aborrecer as pessoas à semelhança, embora de forma diferente, dos chamados autores do Cinema Novo (?).

«Djamilia» não tem nada a ver com tudo isto. É uma história de amor extremamente bela e muito bem contada, com uma modernidade, uma imaginação e um tema perfeitamente inesperados para aquelas origens orientais.

A realizadora, ágil e inteligente, não recia contar como, por vezes, as mulheres dos soldados que combatiam na frente na 2.ª Guerra Mundial, se apaixonavam pelos homens que ficavam na retaguarda. E isto sai fora das «regras»: ficamos a saber que as mulheres dos «heróis», nem sempre se limitavam a trabalhar «heróicamente» nos campos. É claro que a verdade é sempre mais honesta e generosa do que a propaganda.

Para lá disto o filme tem ainda o atractivo de um certo folclore, passa-se no Ubequistão (ou na Mongólia ?) e todos os

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por José Dias Santiago — MACINHATA DO VOUGA

intérpretes têm caras de chinês, e os seus costumes nada têm de europeu. O que recorda o melhor cinema brasileiro ou cubano e com o mesmo encanto de ingenuidade e exotismo.

Totalmente filmado com um tom de sépia de belo efeito vi-

sual, «Djamilia» pareceu-nos uma fita bastante importante e que permite alimentar as melhores esperanças sobre o futuro de Irina Poplavskaja, de que julgamos tratar-se da primeira obra. A não perder pelos que ainda são sensíveis aos encantos do humanismo e da generosidade.

Crítica
de
RAUL CALADO

Concursos para Admissão de Médicos dos Quadros
Clínicos das Instituições de Previdência

Estão abertos de 1 a 20 de Setembro de 1972 concursos documentais de habilitação para médicos dos quadros das instituições de Previdência nos serviços, postos clínicos e caixas de previdência abaixo indicadas:

Caixas de Previdência	Postos Clínicos	Serviços
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Aveiro Aven. Dr. Lourenço Peixinho, 110 AVEIRO	Posto Clínico de Agueda	Pediatria
	Posto Clínico de Albergaria-a-Velha	Clínica Médica
	Posto Clínico de Avanca	Clínica Médica
	Posto Clínico de Pampilhosa	Clínica Médica
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Évora Rua Chafariz d'El-Rei, 22 ÉVORA	Delegação Clínica de Alcáçovas	Clínica Médica
	Delegação Clínica da Granja	Clínica Médica
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Leiria Avenida Heróis de Angola, 59 LEIRIA	Posto Clínico de Pombal	Obstetria
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Portalegre Rua de Olivença, 33 PORTALEGRE	Posto Clínico de Campo Maior	Clínica Médica
	Posto Clínico do Crato	Estomatologia
	Posto Clínico de Elvas	Estomatologia
	Posto Clínico do Gavião	Estomatologia
Caixa de Previdência e Abono de Família e dos Serviços Médico-Sociais do Distrito do Porto Rua das Doze Casas, 143 PORTO	Posto Clínico de Arcozelo	Pediatria
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Santarém Largo do Milagre, 51 SANTARÉM	Posto Clínico de Santarém	Estomatologia
Caixa Sindical de Previdência dos Profissionais de Seguros Largo do Intendente Pina Manique, 35, Fte. LISBOA	Delegação Clínica da Amadora	Cardiologia
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Viana do Castelo Largo 5 de Outubro, 69 VIANA DO CASTELO	Posto Clínico de Vila Nova de Cerveira	Clínica Médica

As condições de admissão encontram-se patentes naqueles postos, nas caixas de previdência interessadas e na Federação das Caixas de Previdência e Abono de Família. A documentação deverá ser entregue até às 18 horas do dia 20 de Setembro de 1972 na Inspeção Médica da Federação, na Avenida dos Estados Unidos da América, n.º 37-5.ª Esq.-Lisboa, ou na respectiva caixa de previdência a que o concurso diga respeito.

O provimento dos lugares é da competência das respectivas caixas de previdência, de acordo com a posição dos candidatos após a sua classificação no concurso documental de habilitação.

Lisboa, 30 de Agosto de 1972.

A DIRECÇÃO DA FEDERAÇÃO DAS CAIXAS
DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA

DL / ESPECTÁCULOS

FALSA RETIRADA DE DIAMANTINO ? O TOUREIRO RESPONDE : NÃO

Um cartaz anunciando a participação do toureiro Diamantino no Viséu na próxima corrida de Vila Franca, tem despertado especulações dadas a retirada do matador.

Indagando o que se encontrava por detrás do anúncio, viemos a saber que nem tudo se resume à simplicidade das palavras impressas e atiradas ao público. A primeira diligência foi contactar com o próprio Diamantino Vizeu e pôr-lhe a pergunta «de caras». E verdade que vai participar na corrida de Vila Franca?

A resposta do matador foi rápida e sem hesitações:

«Não é verdade. Seria uma fraude para o público que acompanhou com tanto carinho a minha despedida e para os próprios meios de informação que deram tanto destaque a esse acontecimento. A inclusão do meu nome nesse cartaz fez-se sem o meu consentimento, revelando um abuso contra o qual

eu reagi prontamente junto da Inspeção dos Espectáculos, exigindo que a taurada não se realize com o meu nome.

A que se deve então, uma atitude dessas por parte dos organizadores? — quisémos — saber, lembrando-nos de que nem tudo são «luces» e flores no mundo do toureiro.

«Creio que há uma explicação para isso. Há tempos vieram pedir-me para participar numa corrida em Vila Franca de Xira, Recusei imediatamente, explicando que já uns 7 ou 8 anos tinha feito a minha despedida do público via frequência e, portanto, de acordo com a ética, não poderia voltar a lutar ali. Insistiram comigo, alegando que se tratava de uma festa de beneficência, o que anula imediatamente esta razão.

Tratava-se, além do mais, de um velho colega que se encontrava doente, o Manuel Almeida. Em face disso, resolvi não dar

qualquer resposta definitiva, e pedi que contactassem comigo depois da corrida da TV, tanto mais que não sabia como iria correr esse espectáculo. Estranhei muito o silêncio que se seguiu a este acontecimento, mas, por outro lado, estava tranquilo, uma vez que não me tinha comprometido a ir à festa do Manuel Almeida. Qual não é a minha surpresa quando vêm dizer-me que o meu nome estava anunciado nos cartazes de publicidade...

E Diamantino Vizeu conclui, em jeito de lamentação:

«É uma atitude que me desgosta profundamente, pois só revela a levandade característica do meio tauromáquico português: os toureiros dizem que não, mas acabam por ceder quando muito solicitados. Ou, então, não se importam que os seus nomes sejam anunciados e acabam por não aparecer nos

espectáculos. Só que eu não alho neste jogo.

QUEM TEM RAZÃO?

Registado o depoimento de Diamantino Vizeu, faltava ouvir a outra parte implicada no assunto, ou seja, a organização da taurada. Viemos a saber que é a Misericórdia de Vila Franca de Xira quem oficialmente organiza esta corrida, mas, na realidade, o seu contributo limitou-se à cedência da praça. Os contactos com os toureiros foram estabelecidos pelo próprio beneficiário do espectáculo que parece contar com grandes simpatias no meio. Uma vez que este se encontra impedido de falar, devido a recente operação à garganta, foi a sua mulher quem nos deu a versão de defesa.

Muito antes da realização da corrida da TV, o meu marido tinha pedido ao Diamantino Vizeu que participasse no seu festival. Diamantino aceitou e apenas pôs uma condição: que se desse publicidade ao acontecimento depois da sua festa de despedida. Foi o que aconteceu. O meu marido começou a tratar do festival, mantendo-se sempre em contacto com o «apoderado» de Diamantino Vizeu, que nunca negou a participação do matador na corrida. E, conforme se combinou, a publicidade só saiu depois da corrida da TV. Portanto, não fomos nós que falamos ao compromisso...

Mas o Diamantino Vizeu está disposto a impedir que a taurada se realize com o seu nome...

Não é necessário. Uma vez que ele ontem nos telefonou dizendo que desistia de participar, nós próprios nos encarregamos de substituir o seu nome por outro e de publicar novos anúncios. Visto ele não querer ir, paciência: não lhe retiramos por isso, a consideração que sempre nos mereceu, embora lamentemos que isto tenha acontecido.

NOVA URBANIZAÇÃO DE AVEIRO

No «Diário do Governo» foi publicada a decisão do Conselho de Ministros de 8 do corrente, que declara submetidos ao regime de expropriação sistematizada, sob proposta do ministro das Obras Públicas, os prédios localizados na área onde vai ser construído em Aveiro, um novo núcleo habitacional promovido pelo Fundo de Fomento de Habitação.

O importante empreendimento, que vai ocupar uma superfície onde hoje se localiza o Bairro de Santiago, tem levantado problemas aos actuais moradores, que se consideram prejudicados face às propostas de indemnização recebidas. As queixas dos habitantes da zona deram lugar a exposições oportunamente enviadas aos departamentos oficiais competentes.

BANQUEIROS AMERICANOS INTERESSAM-SE PELA ECONOMIA PORTUGUESA

Um grupo de banqueiros do Estado do Alabama, de visita a Portugal por iniciativa da Alabama Bankers Association, promoveu uma reunião num hotel da Costa do Sol, na qual procurou conhecer melhor a realidade da economia portuguesa.

A Câmara de Comércio Luso-Americana convidou para o efeito o Banco Português do Atlântico para fazer uma exposição sobre a Banca Comercial e a Economia Portuguesa.

Sobre o primeiro tema, falou o sr. dr. Raul de Almeida Capela, director do Banco Português do Atlântico, e, em seguida, a sr.ª dr.ª Helena Bravo Martins, economista da mesma Instituição de Crédito que desenvolveu considerações sobre a evolução estrutural da economia nacional nos últimos anos, passando em seguida, a analisar mais pormenorizadamente alguns dos sectores que suscitariam maior interesse da parte dos participantes.

DL / REPORTAGEM

FOGO NA FLORESTA - 4

O POVO QUER REAVER A ÁREA FLORESTAL

A questão florestal é, portanto, um problema constante na preocupação das gentes serranas. As feridas não esquam facilmente, nem podem cicatrizar. Os habitantes, muito agarrados à terra pobre, não desistiram de recuperar o que é seu e lhes foi usurpado sob muitos pretextos — entre os quais a apresentação imediata de documentos comprovativos da posse legal. Num tempo de defesa acirrada das tradições, aconteceu o jogo de conveniências — e algumas pessoas — imediatas. E o chamado direito consuetudinário fica por terra. «Um senhor guardado, de nome Simões, dos Salgueiros, foi de tal ordem tão abusador nas coisas que não lhe pertenciam que chegou a convencer-se que tudo era dele, até, inclusivamente, olivais, terrenos de sementeiras e plantações feitas pelos seus donos; tudo isso ganhou, a pontos de colocar marcas dentro de terrenos avaliados pelos particulares» — conta um correspondente do Prémio no semanário «Independência de Agueda». O mesmo correspondente, que assinou com as iniciais M.F.B. lembrou igualmente: «Quando esses terrenos (os baldios públicos) nos foram usurpados, muita fome passámos, porque tivemos de vender todos os rebanhos, onde vivíamos, e obrigaram-nos a meter empenhos aos guardas florestais para nos darem trabalho, a troco de 10, 15 e 20 escudos diários que, embora na altura o nível de vida fosse mais barato, mal davam para comer». E ainda: «Começaram então as sementeiras nos terrenos que eram nossos. Os guardas florestais foram avançando, a Junta de Freguesia não se importava, de tal modo que acabaram terrenos que estavam semeados, plantados e até cultivados pelos montes do Prémio, que ainda hoje estão sem eles».

«A situação nesta altura, é a seguinte — esclarece-nos o presidente da Junta, sr. António Afonso Pinho — «Qualquer tentativa de abuso dos Serviços Florestais é imediatamente detectada e dado o alarme. Há pouco tempo, os Serviços venderam, em hasta pública, um lote de pinheiros que a Junta e o povo da freguesia consideram sua pertença. Procurámos embargar a venda, pelas vias normais. Quando verificámos que a população estava em vias de ocupar as matas administradas pelos

terivelmente, e algumas dessas aldeias foram reduzidas quase à inanição.

A DEVOLUÇÃO TOTAL

Hoje, a Junta de Freguesia procura recuperá-las. Dotou todas as aldeias com caminhos de acesso, soavelmente transitáveis, mas que espera asfaltar dentro de pouco tempo; contribuiu para a electrificação total da freguesia; promoveu a canalização de água para uso doméstico a todos os povoados; interessou o povo pela administração



Na área dos Serviços Florestais: «Aqui havia mato de 4 metros de altura»

nosso objectivo é a transferência total da administração florestal para as mãos do po-

das Talhadas a um escritório de Estado da Agricultura (DL de 11 de Junho

sas represas das quais parte são utilizadas no Verão pelos guardas para irrigar as terras que cultivam, esvaziando-as consequentemente. A Junta de Freguesia administra uma área de baldio três vezes menor que os Serviços Florestais e fez em contrapartida todas as obras que a seguir se mencionem, esclarecendo-se que todos os seus rendimentos provêm das matas existentes no baldio; abertura de 40 km de estradas para ligação da sede da freguesia a todas as povoações, e de 30 km de estradas de penetração nos baldios para permitir o acesso de máquinas e viaturas; comparticipação da electrificação da freguesia no que gastou mais de 500 contos; abastecimento de água para gastos domésticos a todas as povoações da freguesia, tendo já uma povoação água canalizada nos domicílios, no que gastou cerca de 700 contos; pagamento de metade do custo da ponte que liga a freguesia das Talhadas à de Desatiz, no que gastou cerca de 100 contos; povoamento e repovoamento do baldio, e sua limpeza de matos para prevenir fogos, no que foram gastos mais de 300 contos; construção da sede da Junta de Freguesia, que custou mais de 100 contos; compra e instalação de um relógio de torre para a freguesia que custou cerca de 50 contos; e diversas outras obras e aquisições tal como a compra de terrenos para escolas primárias, construção de retretes públicas, grandes reparações nas estradas de ligação às povoações, pagamento à Junta Autónoma das Estradas de diversas obras por estas feitas na área da freguesia.

O povo lembra a seguir: «Todas estas obras custaram mais de 3 000 contos. Se a Junta de Freguesia dispusesse de tanto baldio como os Serviços Florestais detêm na sua área teria feito em benefício desta freguesia não apenas 3 000 contos de obras, mas nove ou dez mil, as quais bem precisas são».



Aldeias condenadas a morrer de inanição

tração global da área; procura concretizar as indispensáveis ligações rodoviárias às vilas de Agueda, Oliveira de Frades e Tondela, fulcro do seu próprio desenvolvimento. Mas, como condição prio-

vo — diz-nos o presidente da Junta de Freguesia das Talhadas — «Torna-se fácil provar que podemos administrar muito melhor o que é nosso, embora seja evidente que não poderemos prescindir do apoio técnico — E até

de 1971): «É apenas isso que pedimos: que os baldios hoje administrados pelos Serviços Florestais, cujos rendimentos estão a ser canalizados para fora da freguesia, sejam entregues ao Povo e por este explorados em seu benefício».

Dos nossos enviados especiais A. PEREIRA DA SILVA (texto) e LOBO PIMENTEL JR. (fotos)

ritária, reivindica a devolução imediata dos vastos logradouros públicos usurpados pelos Serviços Florestais em toda a freguesia; o recuo urgente dos mesmos, junto das aldeias de Talhadas, Ereira, Silveira e Arcas; e o reconhecimento do carácter público de todas as vias de acesso.

«De qualquer modo, o

económico, se necessário — dos organismos oficiais. Mas os interesses do povo — e do País, portanto — serão muito melhor defendidos pelo povo. Desde que o interessamos e o façamos participar honestamente na administração daquilo que lhe pertence.

Voltemos ao texto da resposta dada pela população

AS RAZÕES

Na mesma exposição, o povo fornecia exemplos concretos: «As obras feitas (pelo S.F.) na área da freguesia limitam-se a um posto de vigia de incêndios, 2 casas para guardas, cerca de 8 quilómetros de estrada, a reparação da estrada das Arcas e da Rompilha e algumas escas-

É evidente que sim: quando dizemos que mais de 70 por cento da região tem melhores condições para florestação do que para a agricultura, pensamos em termos de economia local. A aplicação de rendimentos deve começar ali, deve promover económica, cultural e socialmente o meio físico e humano que os produz.

comprando propriedades em J.Pimenta SARL o seu dinheiro valoriza-se



APARTAMENTOS MOBILADOS DESDE 200 CONTOS



PARA UMAS FÉRIAS ECONÓMICAS E INESQUECÍVEIS PREFIRA OS NOSSOS APARTAMENTOS TURÍSTICOS

J.Pimenta, SARL

Informações: Lishoa-Pr. Marquês de Pombal, 15-Telef. 45 843-47 843 Queluz-Edifício Sede-Av. António Enes, 25-Telef. 95 20 21/2

São JORGE Apresenta HOJE às 21,30

007^o contra GOLDFINGER

VIVA JAMES BOND — CÓPIA NOVA —

Sean Connery James Bond 007^o

United Artists Grupo C-14 anos

CRUZEIROS de VERÃO

No modernismo e luxuoso paquete «FUNCHAL» com estabelecimento de balneação, ar condicionado e PISCINA

MADEIRA e CANARIAS 9 dias de viagem. Partidas: 8.7.11 e 21.8.16.9 e 20.10.11. Preços desde 3.900\$00 (excursões incluídas)

MADEIRA e AÇORES 11 dias de viagem. Partidas: 19.7.11.8.13 e 27.9.11.8.13. Preços desde 4.750\$00 (excursões incluídas)

ORGANIZAÇÕES DA CENTENÁRIA

abreu PORTO — Av. Alameda, 287-Telef. 57 901 LISBOA — Av. Liberdade, 148-Telef. 25 0021 COIMBRA — Rua do Seta, 2-Telef. 27 011

DL/REPORTAGEM

Onde há dois anos três maiores portugueses morriam às mãos dos guerrilheiros, anda-se hoje (de dia) sem armas nem escoltas. O progresso económico e o bem-estar das populações foram a segunda resposta — a única eficaz — utilizada contra a subversão. Isto aconteceu em Teixeira Pinto, o campo de ensaio da nova política do general Spínola, um exemplo de como foi possível fazer em menos de quatro anos o trabalho de quatro séculos.

Teixeira Pinto é o coração do Chão Manjaco, a noroeste da Guiné, a meia-hora de voo de Bissau. Mais de vinte mil pessoas vivem na zona da sua influência, dedicadas ao trabalho dos campos férteis onde se cultiva o arroz e se pode pescar, nos intervalos da lavoura, caranguejos, santolões e camarões. Modesto artesanato de olaria e de tecelagem, que não chega para as encomendas e uma tentativa incipiente de indústria de pesca, são além da lavoura, as actividades produtivas da zona.

O manjaco é de todos o homem da Guiné menos arreigado à terra. Emigrante por tradição, facilmente passava ao Senegal, ali a dois passos, saindo depois para a França e Alemanha, onde vai formar pequenos núcleos raciais, ou então arranja trabalho de marujo a bordo dos navios que aportam a Dakar.

O rio Cacheu, patrulhado pelos fuzileiros navais, é uma defesa natural ao norte e nascente, e os campos militares de T. Pinto, Cacheu, Caio (em frente das ilhas de Jeta e Pecixe) além do Pelundo e de Bachelé (guarnecida por comandos africanos) dão uma cobertura de segurança a toda a zona.

É certo que as populações trabalham os campos, aderem aos programas de promoção agrícola, pedem boleia às viaturas militares para se deslocarem à vila e convivem com os soldados nos cafés e bares, onde os vê jogar as cartas em conjunto. Em Teixeira Pinto, num dos últimos dias de Julho, pude assistir a um «show» de estudantes negros do liceu de Bissau numa grande sala de cinema, repleta de nativos e soldados. Não vi guerrilheiros nas estradas que percorri de jipe sem a protecção de qualquer arma desde Teixeira Pinto ao Pelundo e a Churobrique, onde fui encontrar no reordenamento de zinco o falado Demba que há três anos se apresentou com um grupo de trinta homens.

Advinha-se todavia que o perigo pode surgir de um momento para o outro. É que também é um facto o aparato bélico das povoações cercadas de arame farpado, cheias de soldados e de viaturas. E a presença de uma companhia de comandos africanos em Rachile denuncia que nos encontramos em zona de intervenção dura.

Tudo isto é verdade e aparentemente contraditório (ou talvez não) e só significa que a Guiné atravessa uma fase especial de uma guerra muito especial.

Mas o que não é menos verdade é a obra de promoção económica e sanitária que prossegue no chão manjaco.

O PROGRESSO

Toda a gente sabe na Guiné que o chão manjaco foi um campo de ensaio da nova política do general Spínola.

Assegurado o domínio militar em 1970-71, empreendeu-se, a partir de T. Pinto, o desenvolvimento económico-social da re-

PARENTES DA GUINÉ



VACA PEQUENA PARIU E NÃO MORREU

GADO MELHOR PARA GUINÉ MELHOR

Um panfleto de propaganda da agro-pecuária, espalhado pelas aldeias dos manjacos. Em Teixeira Pinto há um touro muito grande. Manda a tua vaca ao touro de granja e ela terá também filho grande. Quando a tua vaca tem filho de touro grande, o filho cresce depressa e também vai ser grande. Vai à granja ver o touro grande, os porcos e as galinhas que lá estão!

gião. Na granja do Governo estuda-se a adaptação de novas espécies pecuárias e agrícolas, que são facilitadas (na alguns casos, oferecidas) aos cultivadores nativos. Faz-se a selecção de sementes de arroz e de milho que se distribuem à população, garantindo, através da entrega de uma pequena parte da produção nos celeiros do Governo, a continuidade das espécies, para a época seguinte. Mandaram-se vir touros da Holanda para fomentar a pecuária local, vencen-



Este é o reordenamento de Nabijões, igual a uma centena de aldeias de zinco, recentemente instaladas junto de zonas aráveis e com maiores facilidades de defesa.

do a resistência primária dos guineus que temiam pela vida das suas vacinhas minúsculas, convencidas de que elas rebentariam se fossem obrigadas a parir um vitelo grande. Introduziu-se a charrua bem como a tracção animal tanto no amanho dos campos como nos transportes (os primeiros carros de bois apareceram agora). Foi garantido o abastecimento de água potável, estando em curso importantes obras da central distribuidora. A central eléctrica permitiu a iluminação pública e das casas particulares e tem capacidade para fazer mover as pequenas unidades industriais projectadas, sobretudo as instalações frigoríficas para a indústria da pesca. Lança-se um projecto de urbanização da vila, estando já rasgadas algumas artérias novas, enquanto os desenhadores do comando continuam os trabalhos de «arquitectura».

Estuda-se o fomento do artesanato local, sobretudo da olaria e da panificação manjaca. Lançam-se as bases de uma cooperativa de agricultura, apoiada pelas escolas rurais.

Aponte-se ainda o serviço de educação. Além dos muitos postos escolares a cargo do Exército prepara-se para breve a abertura de escolas de formação profissional (artes e ofícios) enquanto se aguardam os cursos de formação profissional acelerada e do ciclo preparatório.

Enfim, no chão Manjaco, está-se a fazer em quatro anos de guerra, o trabalho de quatro séculos.

E donde vêm os braços para tantas obras? É verdade que a população colabora, mas a maior parte do trabalho é feita

pelos soldados metropolitanos, estimulados pelos seus comandantes, os quais não se limitam a executar os ordens de Bissau, mas trabalham nestas obras civis com verdadeira paixão.

A frente da equipa de Teixeira Pinto, o tenente-coronel Herdade, agora delegado do Governo e ainda há pouco comandante do quartel de Pelundo, é o grande entusiasta e o planificador do desenvolvimento do Chão Manjaco. Tem saudades do regimento confidenciou-me — mas não se entusiasma menos pelos desenhos de urbanização, pelos suínos e bois e pelas culturas experimen-

tiência-piloto, mas não é, nem por sombras, caso único na nova fase da guerra da Guiné. Em frente de Bissau, do outro lado do canal de Geba, visitei a zona de Tite, outro exemplo da recuperação do solo arável e das populações foragidas. Um trabalho persistente que começou pela reconquista em 1968, do território ocupado pelo P. A. I. G. C. Aqui é o próprio comandante em exercício quem dirige as operações militares e agrícolas. Do quartel de Tite as fertilissemas bolanhas de Bissássema vai-se agora em dez minutos, por uma estrada bem construída, quando há dois anos as

Por AVELINO RODRIGUES enviado especial do DL

tais da granja agrícola. Continua com os seus galões e camuflado, mas as tarefas que ocupam são de natureza civil. Fica-se surpreendido de encontrar um tenente-coronel transformado em agrônomo, veterinário, director hospitalar, técnico de estradas e perito de obras públicas. É uma nova imagem do Exército, numa altura em que o desenvolvimento e o bem-estar da população mobilizam a maior parte do tempo dos militares na Guiné e são oportunamente activados como principal arma da guerra anti-subversiva.

POR TODO O LADO

Teixeira Pinto é um caso especial, por ser uma expe-

«Foram duros os quatro anos agora findam, lutando não só contra o inimigo que de armas na mão se bate por objectivos que encontram largo eco na opinião mundial, mas lutando também contra estruturas ancladas e inoperantes, contra espíritos ultrapassados e contra tantos portugueses que bem necessitam ser iluminados e despertados para a época em que vivemos. Pois foi neste clima de carências, de incompreensões e de precariedade de toda a espécie de meios que acelerámos a edificação dessa nova sociedade».

(Gen. Spínola em 24/4/72)

todo». Nunca mais pode esquecer que em Lisboa o levaram a ver uma fábrica de automóveis tão grande, tão grande... que de lá saíam quatro (teria dito quarenta?) carros por dia!

Também em Tite são os soldados da metrópole que ensinam a lavar com arado de bois. Agora é um nativo que dá aulas de condução de bois, mas fui encontrá-lo aborrecido porque naquele dia ninguém tinha vindo à lição. «Deixa lá — consola-o o tenente-coronel Valente — quem aprender a trabalhar com os bois terá bolanha grande, os outros terão bolanha pequenina.»

O SOLDADO

E que pensa disto o soldado? Ele sabe que, sem o seu trabalho gratuito, nada disto se poderia fazer. Ele é o pedreiro, o carpinteiro, o instrutor agrícola que ensina a manejar a charrua e a guiar o carro de bois. Ele é o professor, o condutor, o maqueiro.

Sujeitos às mesmas exigências da disciplina militar, pegam na pá ou no arado, como agarram na metralhadora. Ele, o soldado, é o grande obreiro do desenvolvimento da Guiné.

Goza em geral da estima dos seus chefes e da população civil.

E conforma-se: sabe que vai conquistar a Guiné o direito de viver em paz em Portugal. «Por aqui passámos procurando a paz» — vi escrito no muro de um quartel, cujo comandante me explicava: «Mentalizei os rapazes para aguentarem os dois anos de guerra, como pagamento do direito de continuarem a viver em paz na metrópole. O que é preciso é não morrer, safarmo-nos como pudermos: somos obrigados a dar tiros, porque é preciso sair vivo daqui».

De um soldado ouvi eu este desabafo:

«Anda cá ajudar a fazer a tua casa, seu...»

E o outro, sem mexer a cabeça: «Governo pagar tropa para tropa fazer casa para mim».

REORDENAMENTOS

Mas cada vez mais e por todo o lado as coisas se vão alterando, quer se queira ou não.

As aldeias de zinco, ordenadas e reorganizadas, surgem por todo o lado, com a colaboração dos nativos que ambicionam casa melhor, à prova de incêndio

DL/REPORTAGEM

Guiné, crónica imperfeita - 4

DESARMAR A SUBVERSÃO



Aqueles que andaram no mato de armas na mão combatendo pelo P.A.I.G.C., até podem voltar para o mato e continuar a lutar, se chegarem à conclusão de que não estamos a realizar honestamente os ideais e aspirações que os levaram a combater. Tivestes na ilha das Galinhas um período para pensar... Se todo o homem é merecedor de perdão, mais do que ninguém o merecem aqueles que combateram por um ideal que julgavam certo» — disse o General Spínola, ao libertar um grupo de guerrilheiros presos, depois de lhes mostrar as obras de promoção económico-social do Chão Manjaco e do Chão Balanta. Subversão desarmada?

postos sanitários.

Há reordenamentos com 200 ou trezentas casas. Os primeiros constituíam aldeias estratégicas, onde se juntava a população dispersa de várias tabancas, perto das quartéis que asseguravam a defesa e evitavam as infiltrações do P.A.I.G.C. Neste momento — garantiram-me em Bissau — os reordenamentos são instalados onde houver terreno arável, e de preferência, nos locais indicados pela população.

Segundo a doutrina do General Spínola, o reordenamento é um dos dois «grandes marcos» da política de desenvolvimento da Guiné. «É uma consequência da necessidade de melhorar o nível social da população, proporcionando-lhe melhores condições de vida e de bem-estar, sendo ainda um dos pilares de

segurança social e o alicerce do movimento cooperativo... Uma população dispersa e isolada nunca conseguiria o acesso aos benefícios do progresso».

De facto, encontram-se algumas aldeias de zinco, sem quartel nem tropa ou apenas com um destacamento de milícias negras.

Função estratégica não a deixarão de ter. Não só materialmente, facilitando a defesa, mas ainda psicologicamente, enquanto cativam a população.

QUANTO CUSTA

Reordenamento não é tudo, portanto, mas apenas o começo do desenvolvimento, que significa escolas (119 postos escolares a cargo dos militares), assis-



O soldado é o grande obreiro da promoção da Guiné. Na foto: um soldado metropolitano ensina um grupo de nativos a cultivar novas espécies agrícolas

tência (171 centros, dos quais 120 são mantidos pelo exercício de planeamento e apoio da agricultura (conservação selecção e distribuição de sementes, equipamento, adubos etc).

É um esforço extraordinário por parte do Exército e por parte da Nação que, só no ano de 1971, gastou na Guiné mais de duzentos mil contos em despesas de infraestruturas de desenvolvimento, assimdescriminados:

35 973 contos na Educação; 56 370 na saúde e assistência; 10 852 na Agricultura e Florestas; 97 589 nas obras públicas, sobretudo estradas; 4 233 na veterinária, nomeadamente na distribuição de espécie animais seleccionadas e na manutenção das granjas agrícolas. E não se fala das despesas de manutenção do Exército nem da mão-de-obra militar, que é gratuita. — Infelizmente ainda tenho

que dar tiros, — explicou-me outro dia o general — mas a guerra não se ganha aos tiros.

Agora faz-se a mobilização para a guerra e os militares trabalham pelo progresso da província; mas, quando acabar a guerra, quem poderá mobilizar os técnicos para o serviço civil na paz?

Parece paradoxal mas é verdade: o pior será quando a guerra acabar.

HIPOTECAS

Fazem-se sobre propriedades urbanas, em Lisboa, Arredores e Província, de pequenas e grandes quantias, ao juro da Lei

Transacções rápidas e com o máximo sigilo

A CONFIDENTE

Rua do Ouro, 292. 1. (Esq. c/ o Rossio) LISBOA — Telef. 369384/5/6

SÃO SÓ 15 DIAS!!

CALÇADO PARA HOMEM, SENHORA E CRIANÇA

DESDE 20\$00

RESTOS DE COLECCÕES

SAPATARIA LISBONENSE

R. AUGUSTA, 202 ★ R. DA ASSUNÇÃO, 57 Este estabelecimento não encerra aos sábados

Desperdiçar não é grandeza. Coloque as suas economias em objectos que valham.

GRANDE OUVRESARIA DA MODA RUA DA PRATA, 257

LUSTRES

de brilho inextinguível, modelos diferentes, ambiente acolhedor. Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203, r/c, Esq. (ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 39.

VENDA AO PÚBLICO

Teatro MONUMENTAL

HOJE: 2 SÉSSOES 20.45 E 23 HORAS Domingos à tarde às 16 h. Grupo D — M: 18 anos

VASCO MORGADO RAUL SOLNADO

NA GRANDE REVISTA POPULAR

PRÁ-FRENTE LISBOA! FLORBELA QUEIRÓS

IRENE ISIDRO JOSÉ DE CASTRO

LINDA SILVA E o fadista Ana Romanhão

JULIO CESAR e VICTOR MANUEL

PICCADILLY STARS-BALLET 3.º MÉS. Mais de 60 figuras em cena

PARA LEVAR AQUELE PEDAÇO DE CARNE AO SEU NOIVO DESAFIA TUDO...

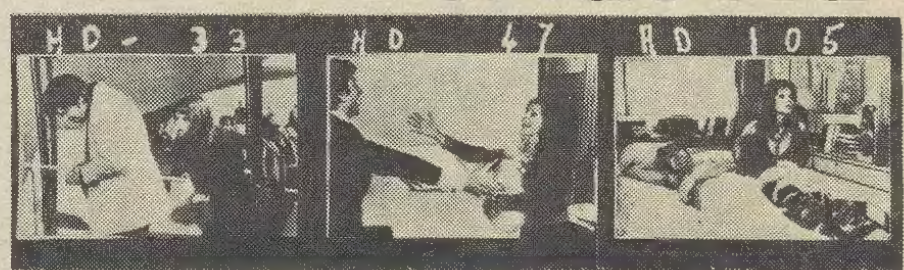
ATÉ A ALFANDEGA DOS ESTADOS UNIDOS!

uma produção de CARLO PONTI

sophia loren em



mortadela



um filme de MARIO MONICELLI

Arg. de WILLIAM DEVANE • LUIGI PROIETTI • BEESON CARROLL Real. de SUSO CECCHI • AMICO MARIO MONICELLI RING LARDNER JR. MARIO MONICELLI TECHNICHROME AN ITALIAN-FRENCH CO-PRODUCTION CHAMPION-PECF

HOJE ÀS 21.30 ESTREIA NO

IMPERIO

DL/NACIONAL

AMORDAÇADO POR DOIS INDIVÍDUOS QUE LHE ROUBARAM CEM CONTOS

O sr. Manuel Ferreira, solteiro, de 58 anos, natural e residente no lugar da Carreira, em Mouriz (Paredes), encontrava-se no Campo 24 de Agosto, no Porto, à espera da camioneta de passageiros, que faz a carreira para Penafiel, quando foi abordado por indivíduos que lhe pediram para acender o cigarro. Este, o pretexto para uma breve troca de palavras, durante as quais o sr. Manuel Ferreira acabou por dizer ao desconhecido que se havia deslocado ao matadouro da Maia, onde fora levar gado para abater.

Em face de todos aqueles esclarecimentos, o desconhecido logo o informou que sabia onde se encontrava um touro para venda. Ambos seguiram em direcção à via férrea, existente entre as estações de Campanhã e de S. Bento. E quando estavam a chegar ao Monte do Seminário (local bastante ermo) apareceu um outro indivíduo. Para simular que eram desconhecidos, o companheiro (falso companheiro) do sr. Manuel Ferreira, travou-se de razões com o recém-chegado. E acto contínuo, os desconhecidos voltaram-se contra

o sr. Manuel Ferreira, agarrando-o tapando-lhe a boca, ao mesmo tempo que lhe furtavam a carteira que continha cerca de cem contos.

Depois de levarem a bom termo os seus intentos, os desconhecidos puseram-se em fuga através de um dos túneis ali existentes, para não mais voltarem a ser vistos.

4 O sr. Manuel Ferreira, sem outra alternativa para resolver a sua afiliva situação, dirigiu-se a uma esquadra da P.S.P., onde contou o sucedido e onde acrescentou que também ficara sem um relógio de pulso e sem um embrulho que continha dois quilos de carne e quatro quilos de bacalhau.

Disse ainda que o primeiro dos aludidos indivíduos era de estatura média, tinha cabelo encaracolado e vestia uma camisola vermelha e umas calças pretas. E o segundo, vestia um fato castanho e usava gravata.

APROVADO O PROGRAMA DE EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA

Do Ministério da Educação Nacional recebemos a nota que possamos a transcrever:

«Por despacho do ministro da Educação Nacional foi aprovado o programa da disciplina de Educação Moral e Religiosa (nova designação da disciplina de Moral e Religião) integrada no esquema curricular do 1.º ano do Ciclo Preparatório do Ensino Secundário. O novo programa vai ser ensaiado a partir do próximo mês de Outubro nas escolas preparatórias já oportunamente anunciadas.

Dentro do melhor espírito de colaboração, o programa, que foi elaborado pelo Secretariado Nacional da Catequese, vai ser distribuído aos estabelecimentos de ensino.

A frequência desta disciplina obedece ao disposto na legislação em vigor, nomeadamente os n.ºs 2 e 3 da Base VII da Lei n.º 4/71 de 21 de Agosto: «O ensino da religião e moral nos estabelecimentos de ensino será ministrado aos alunos cujos pais ou quem suas vezes fizer não tiverem pedido isenção. Os alunos maiores de 18 anos poderão fazer próprios o pedido de isenção».

A partir do próximo dia 18 de Setembro o Ministério da Educação Nacional vai promover a realização de colóquios de preparação e esclarecimento dos professores de todas as disciplinas e em que participarão os autores de todos os respectivos programas».

BEBÉ PORTUGUÊS MORTO PELO TALCO

TROYES, 31 — (F. P.) — Um bebé português do sexo feminino, de apelido Bandeira, e cujos pais se encontram actualmente em Portugal, figura entre as crianças

do Departamento de Aubre (leste de França) mortas pela aplicação do talco Morhange.

O bebé que vivia com os seus pais em Romilly-Sur-Seine, foi hospitalizado em 2 de Maio último, vindo a falecer nesse mesmo dia.

PESCADOR DESAPARECIDO

Quando, ontem, andava na faina da pesca no mar da Póvoa, caiu a água e desapareceu, um pescador da motora «Estrela de Prata» daquela vila.

Trata-se de Mateus Moreira da Graça, de 14 anos, da Av. D. Manuel I, 129, Caxinas (Vila do Conde).

CURSO COMERCIAL NOCTURNO

ESTÃO ABERTAS AS MATRÍCULAS

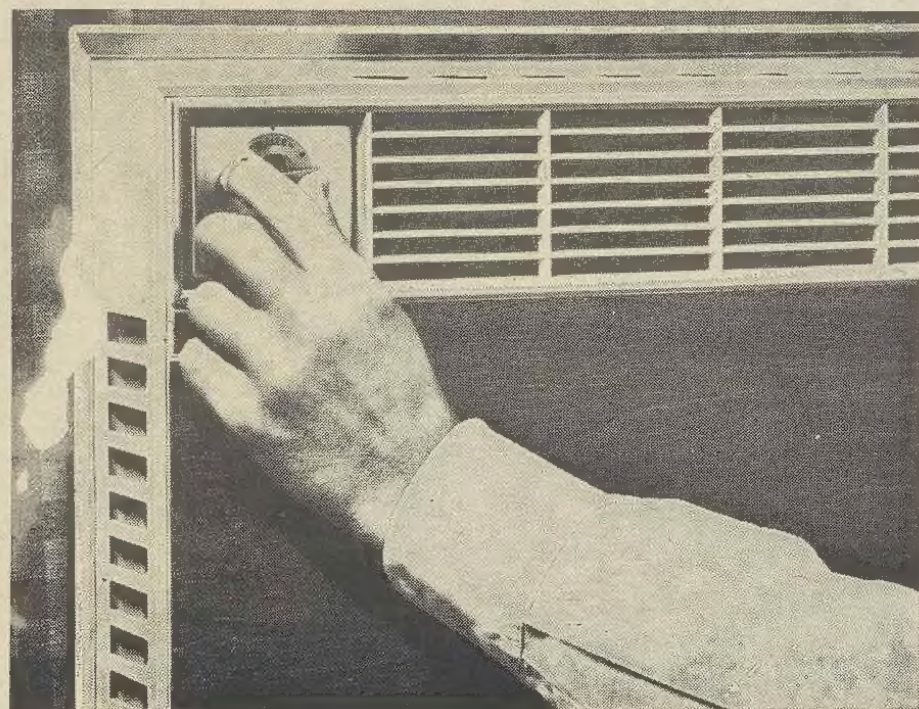
EXTERNATO LUSITANO DE COMÉRCIO

RUA DOS ANJOS, 2, 1.º TELEFONE 4 02 97

A LAREIRA

Agora salão próprio para o seu lanche de casamento ou baptizado

LAREIRA
P. DAS ÁGUAS LIVRES, 8-I — LISBOA



CONDICIONADOR DE AR

TANTO AQUECE ... NO INVERNO
COMO ARREFECE ... NO VERÃO

TARIFA ESPECIAL

CONSULTE AS CASAS DA ESPECIALIDADE
OU AS

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE-LISBOA

CERVEJA SAGRES

comunicado

A Sociedade Central de Cervejas tem o prazer de informar o Público Consumidor de que dando satisfação a recente despacho ministerial que veio proibir a utilização de embalagens de vidro em recintos desportivos, a sua CERVEJA SAGRES se encontra à venda naqueles locais e a partir de 1 de Setembro próximo, em novas embalagens concebidas para cumprimento daquela determinação legal.

SOCIEDADE CENTRAL DE CERVEJAS, SARL

DL/ESTRANGEIRO

ENCONTRO NIXON-TANAKA

O Japão aumenta o volume de compras aos Estados Unidos

HONOLULU, 32 (R.) — O presidente Nixon chegou hoje a esta cidade para conversações de alto nível com o primeiro-ministro japonês, Kuei Tanaka, ao mesmo tempo que visita o Hawai, um Estado que espera conquistar aos democráticos nas eleições presidenciais de Novembro.

O presidente, ao chegar a Honolulu, após um voo de cinco horas desde a Califórnia, disse que o objectivo do seu encontro com Tanaka é o de fortalecer as relações nipo-americanas e a paz no Pacífico.

Cerca de cinco mil pessoas, muitas delas de apoio a reeleição, aguardavam o presidente e sua mulher na base aérea de Hickam, apesar da chuva torrencial que caía.

Respondendo ao discurso de boas-vindas do governador democrático John Burns, Nixon recordou que a última vez que

esteve no Hawai foi por ocasião da sua histórica viagem à China, em Fevereiro.

Agora voltava — disse — para se encontrar com o chefe de uma nação asiática que tem sido amiga e aliada dos Estados Unidos desde o fim da Segunda Guerra Mundial.

«O que esta visita significa, mais do que qualquer outra coisa, é a forma como o mundo tem evoluído para melhor, nestes últimos vinte e cinco anos».

«Foi precisamente aqui que a guerra do Pacífico começou, com o ataque japonês de surpresa a Pearl Harbour, e 1941. Agora, o primeiro-ministro do Japão e o presidente dos Estados Unidos encontram-se aqui a fim de construir uma estrutura de paz no Pacífico.

«Sem paz, cooperação e amizade entre o Japão e os Estados Unidos não pode haver paz no Pacífico, nem paz no mundo».

Mais tarde, depois de ter assistido a uma recepção que lhe foi oferecida por Clare Booth Luce, antiga embaixatriz americana na Itália, e um dos mais destacados elementos republicanos do Hawai, o presidente regressou à base de Hickam para dar as boas vindas ao primeiro ministro japonês.

Entretanto, o conselheiro presidencial Henry Kissinger, interrogado pelos jornalistas, afirmou em linhas gerais as notícias provenientes de Tóquio, segundo as quais Tanaka teria concordado em reduzir o saldo negativo da balança de comércio americana com o Japão, mediante a

compra de mercadorias americanas no valor de mil milhões de dólares até Março do próximo ano.

As conversações entre os dois dirigentes deverão centrar-se à volta dos problemas comerciais e também da decisão japonesa de estabelecer relações diplomáticas com a China.

Os observadores políticos esperam que a cimeira nipo-americana de Honolulu contribua para dissipar qualquer ressentimento que exista ainda, da parte dos japoneses, em consequência das inesperadas decisões tomadas pelo presidente Nixon no ano passado e que constituíram autênticos choques. Essas decisões foram as de visitar a China sem aviso prévio e as medidas de carácter económico que forçaram o Japão a revalorizar a sua moeda em 17 por cento.

Falando aos jornalistas Kissinger sublinhou: «Não percebo porque motivo se pensa que as nossas relações estão tensas. Depois dos acontecimentos do ano passado, temos discutido pormenorizadamente com o Japão todas as medidas que tomámos e eles têm-nos mantido informados de todas as decisões que tomam... Não temos consciência de qualquer atrito nas nossas relações».

O conselheiro especial do presidente Nixon declarou ainda que, se o Japão decidisse romper as relações diplomáticas com a Formosa para melhor se aproximar da China Popular, isso em nada afectaria o pacto de segurança nipo-americano.

O presidente Nixon recebeu pessoalmente o primeiro ministro japonês e disse-lhe que este encontro contribuirá para fortalecer a paz no Pacífico.

Tanaka disse em resposta ao presidente que o Japão estava disposto a assumir maiores responsabilidades perante a comunidade internacional do que no passado. O Japão, disse, deseja fortalecer, as suas relações com os Estados Unidos que já são bastante sólidas.

LOTARIA DE HOJE

NUMEROS PREMIADOS

1.679 — 2.450.000\$00
47.156 — 245.000\$00
28.053 — 140.000\$00

APROXIMAÇÕES AO 1.º PRÉMIO
1.678 — 7.507\$50
1.680 — 7.507\$50

PREMIOS DE 7 CONTOS

422; 4.969; 8.537; 8.790;
10.872; 11.432; 12.299; 12.993;
13.123; 20.692; 21.489; 22.481
24.197; 26.092; 26.094; 29.696;
33.655; 33.794; 34.171; 35.536;
36.057; 36.457; 37.271; 37.958;
39.658; 39.752; 43.193; 43.456;
44.165; 45.211; 45.271; 49.731.

PREMIOS DE 280\$00 (CENTENAS)

1.600 a 1.700; 28.001 a 28.100 e 47.101 a 47.200

PREMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

Todos os números cujos três algarismos finais sejam 163, 433, 547, 646, 751 ou 920 são contemplados com 560\$00 no bilhete de cada série e aqueles cujos dois algarismos finais sejam 18, 52 ou 75 são contemplados com 350\$00. Os restantes números cujo último algarismo — terminação — seja 9 têm direito a 175\$00 de prémio, também no bilhete de cada série.

Todos os valores indicados nesta informação referem-se aos prémios obtidos no bilhete de cada uma das duas séries da emissão.

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial.

Os dois segundos prémios grandes foram vendidos aos balcões da CASA DA SORTE.

Externatos

AV. DA REPÚBLICA, 83-52
TEL. 77 90 47 - 76 96 20

CRISFAL

LICEU — CICLO PREPARATÓRIO
MANHÃ — TARDE — NOITE

SUPERMANOS

A CASA SIMPÁTICA

Televisão 2.990\$00
Frigoríficos 1.900\$00
Trituradores 260\$00
Secadores de cabelo 140\$00
Cassetes 35\$00
Relógios de cozinha 300\$00

VENDAS
A
PRAZO

LARGO DO MASTRO, 5 — TEL.: 561555

EXTERNATOS

São Vicente
Rua do Paraíso, 28
Tel. 864100

Marquês de Pombal
Rua Edith Cavell, 8
(ao Chile) — Tel. 82 02 21

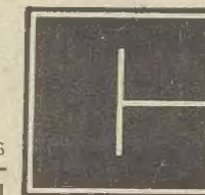
Álvares Cabral
Avenida Grão Vasco, 1
(Benfica) — Tel. 70 69 74

LICEAL—PREPARATÓRIO—COMERCIAL—INSTITUTOS

ABERTAS AS INSCRIÇÕES

CETEL

Centro de Estudos Técnico-Económicos
estudos económicos - organização - informática - marketing



rua de ponta delgada, 80 - 1.º - LISBOA 1

SELECIONA PARA CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO DE ORGANISMO OFICIAL

TÉCNICOS DOCUMENTALISTAS
ASSISTENTES DOCUMENTALISTAS
SECRETÁRIAS

EXIGE-SE:

- Curso Superior para os cargos de Técnicos
- Curso Liceal ou equivalente para os restantes

DÁ-SE PREFERÊNCIA A CANDIDATOS COM:

- Experiência e/ou Formação em actividades de tratamento de documentação
- Formação académica em Economia para os cargos técnicos
- Conhecimentos de línguas estrangeiras
- 3.º Ciclo Liceal para os cargos médios

OFERECE-SE:

- Lugares estáveis com possibilidades de acesso
- Actividade diversificada em organismos em expansão

Resposta por escrito com «curriculum» detalhado a

CETEL

Seleção de Pessoal, Rua Ponta Delgada, 80-1.º, LISBOA
Ref.º 72 DSP 301 — Telefones: 44051 - 539240 - 539006

estúdio
444

5ª SEMANA

cela est drôle
comme Chaplin

Smic Smac Smoc
est quelque chose
comme un
chef-d'œuvre

Lelouch et le retour de
Laurel et Hardy



SMIC



SMAC



SMOC

Lelouch mène
les plus vifs dialogues

On dirait des
personnages de Pagnol

On pense à Sacha Guitry

Lelouch ce fou du cinéma
vient encore de réussir
un joli coup

Made in FRANCE

O MAIS
DIVERTIDO
FILME DE
CLAUDE
LELOUCH

GRUPO D
18 ANOS

COMPANHIA PORTUGUESA RÁDIO MARCONI

Concessionária Nacional de Telecomunicações

Via Rádio e Cabos Submarinos

Tem o prazer de anunciar:

— A construção de uma estação de cabos submarinos na Madeira e a entrada ao serviço de um cabo submarino—tipo telefónico—de grande capacidade, propriedade exclusiva da Companhia, que a partir de amanhã, dia 1 de Setembro, passará a ligar aquela ilha ao continente e através dele a todo o Mundo.

DL/DESPORTOS

SPORTING, 1 — NACIONAL, 1 COMEÇAR EM APLAUSO ACABAR EM ASSOBO

Quatro minutos de jogo: Yzalde dá meia volta para contrar um defesa, acorre ao lançamento longe de Laranjeira, penetra na área e sem preparação dispara um foguete que sobrevoa a baliza de Manga e se perde na distância.

Seis minutos: Fraguito recebe a bola numa vulgar operação de meio campo, corre com ela dominada e uns vinte e cinco metros atrai violentamente ao canto da baliza. Manga estira-se e soca-a para fora. Onze minutos: Wagner também espreita uma aberta e não está com cerimónias, solta a bola para a rede e para o golo, mas erra a direcção e não viola a baliza do Nacional de Montevideu.

Entretanto, e a cada remate, respondiam os cerca de dez mil adeptos do Sporting com palmas quentes de incontável regozijo. Pela primeira vez se via uma equipa do Sporting rematar à baliza, de todos os ângulos e a todos os pretextos. Só que nenhum lance redundou em vantagem e breve um colapso na defesa (José Carlos e Laranjeira a verem Moontegrato cruzar, Manelli baixar para o solo e Montero atirar pela certa) restituía aos adeptos a verdadeira dimensão deste Sporting que vimos ontem à noite: sem ambições ou, pelo menos, sem trunfos para justificadamente se bater pelo topo do futebol caseiro. Chico ficava no banco; Dinis e Peres, de fora aguardando que os dirigentes se resolvessem a remunerar os seus jogadores ao nível das grandes equipas; Alinho no quartel ou em qualquer outro sítio cumprindo obrigações militares. Dentro das quatro linhas o costume: José Carlos; Manaca, Nelson, Marinho e todos os demais que carregam as frustrações da época transaccada.

Nem uma super-estrela para clarificar aquela avalanche de bolas, para acabar com tanta ineficácia e ingenuidade. O golo Uruguio mostrou as deficiências a preceito. Notou-se, então, que os centros a pingar para cima da baliza já nem pegam nem no Benfica onde Artur Jorge e Vítor Baptista sabem jogar de cabeça; constatou-se, uma vez mais, que aqueles avançados do Sporting complicam, fintam, caíem levantam-se, fazem trinta por uma linha menos a jogada simples e directa que a lógica pede; e acabou por se saber que, sem extremos, é impossível ao clube de Alvalade «botar» figura.

Na segunda parte, com Tomé no lugar de Manaca e este recuado na posição de Pedro Gomes, com Chico a extremo esquerdo, Nelson ao meio e Wagner nos balneários mais se complicou a história. Não tardou uma dezena de minutos para as palmas (quentes) do miúdo e os incitamentos (já débeis) do resto da primeira parte se transformarem em assobios sobre assobios, contra o árbitro contra os truões americanos, contra os próprios jogadores de verde e branco listados. A antonoma era perfeita. A esperança se sucedia o desespero, ao Sporting que pensou resolver os seus problemas sem os dois jogadores mais cotados, sucedia o Sporting que precisa de reunir forças, todas as forças para bater o pé ao crónico primeiro. Se não... pela amostra da segunda parte e depois de se saber que apenas houve forças

nos nove jogos preparatórios para ganhar ao Belenenses talvez seja bom ir preparando os espíritos para um lugarzinho lá para a quarta posição.

Porque, verdade se diga, o que os adeptos pretendiam só se verificou na linha de médios, em especial no mais jovem e já craque Fraguito (pertenceram-lhe as melhores jogadas da noite e para ele foram os aplausos mais sentidos). Talvez, a espaços, os defesas Laranjeira e Carlos Pereira mereciam também referência. O resto muito mau para amostra, quanto mais para uma equipa que está a uma dúzia de dias de iniciar o campeonato.

Os uruguaios? Cansados e já idosos (alguns) mostraram que sabem de futebol como o padre de missa. Há ali gente com nome grande em qualquer parte do mundo em especial o famoso Cubilla que jogou, bateu, levou, rematou e finto, mesmo placado por Nelson, mesmo pontapeado por Manaca. E ainda lhe sobrou tempo para o seu truquezinho, nas costas do árbitro, ou nas barbas do fiscal de linha. Tanto fazia. Aquilo nem era a sério...

Árbitros — Maximino Afonso

Equipas: Sporting — Damas (Boteiro na segunda parte), Pedro Gomes (Tomé), Laranjeira, José Carlos e Carlos Pereira; Manaca, Fraguito e Wagner (Chico); Marinho, Yzalde e Nelson.

NACIONAL DE MONTEVIDEU — Manga, Bruñel, Masnik, Ubiñas e Blanco; Montero Castillo, Cubilla e Maneiro; Montegrato, Mannelli e Morales (Cabrera).

Golos: Montero, aos 15 minutos e Nelson aos 36.

DANIEL REIS

BELENENSES SP. VGG. FURTH

Jogo a realizar no ESTÁDIO
ALMIRANTE AMÉRICO TOMÁS
DIA 31 ÀS 21H 45 M

PREÇOS:

CENTRAL	50\$00
LATERAL	35\$00
SUPERIOR	25\$00
GERAL	15\$00

SÓCIOS (para os seus lugares habituais) — 15\$00

Bilhetes para sócios à venda na Secretaria do Clube (Estádio), Delegação (Av. da Liberdade) e locais habituais.

FUTEBOL

FURTH IMBATIDO NO PORTO HOJE À NOITE NO RESTELO

Os alemães do Furth jogam hoje (às 21.45) no Restelo com o Belenenses. A partida está a ser aguardada com uma certa curiosidade, já que a turma germânica ainda não perdeu nesta sua digressão por terra lusa. Com efeito, Boavista e F. C. Porto não foram além de empates a um golo, tendo até sido o pontaqueirda alemão que marcou o primeiro tento no novo Estádio do Bessa. Na equipa do Belenenses, Ernesto,

lesionado, deverá continuar ausente pelo que, inicialmente, deverão alinhar: Mourinho; Murça, Calado, Freitas e Pietra; Quaresma, Quinto e Godinho; Laurindo, Luís Carlos e Gonzalez. Leandro, Ruas, Parreira e Cardoso. Antes do encontro principal jogam (às 20 horas) o Sintrense e um misto de «reservistas» e juniores do Belenenses.

BOM APETITE

CASTANHEIRA
DECLARADO DE UTILIDADE TURÍSTICA
ESTRADA DA TORRE LUMIAR - TELEF. 79 01 68
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
DOMINGO, AO ALMOÇO, ORQUESTRA
PRIVATIVA CESTE RESTAURANTE (M 15 anos)
Encerrado às 2.ª feiras

**RESTAURANTE
POMBALINO**
ALMOÇOS - JANTARES
E CEIAS
TODOS OS DIAS
A FAMOSA PAELHA
A VALENCIANA
PACO DE ARCOS
(junto do Jardim)
Telef. 2433878

**RESTAURANTE
VELEIRO**
PRAIA DE CARCAVELOS
NOVA GERÊNCIA
DIARIAMENTE ESPECIALIDADES
DA COZINHA PORTUGUESA

**RESTAURANTE
SNACK-BAR
Collina**
Rua Filipe Folque, 46-A
Telef. 560209
AMANHÃ
BACALHAU
SABADO
DOBRADA A COLINA

A CARRUAGEM
BAR * RESTAURANTE * SNACK
DÁ-NOS UM TOQUE DIFERENTE
ABERTO DAS 11 DA MANHÃ ÀS 2 DA MADRUGADA
AR CONDICIONADO * ENCERRA AOS SÁBADOS
RUA FILIPE FOLQUE, 49-A — TELF. 561457

**RESTAURANTE E BAR
DO
HOTEL ALVORADA**
ESTORIL
COZINHA PRIMOROSA
E VARIADA
(Contratos especiais em casamentos, baptizados e banquetes)
Telef. 260070 (Frente do casino)

CANTINHO ALENTEJANO
R. D. Luís de Noronha, 32-A — LISBOA
A SUA PROPRIETÁRIA PARTICIPA AOS SEUS EX.^{tos}
CLIENTES E AMIGOS, QUE REABRE NO PRÓXIMO
DIA 1 DE SETEMBRO.

**RESTAURANTE
QUINTA S. VICENTE**
Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211
JANTARES DANCANTES
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
Premiado pelo S. N. I.
(M/ 15 anos)

ADEGA MESQUITA
jante

APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ

MUNIQUE 72



Pelo
nosso enviado
NEVES DE SOUSA



MEDALHA DE OURO

POR DOIS MILÉSIMOS DE SEGUNDO

Verdadeiramente espetaculares as finais de ontem à tarde em natação. Autênticos monstros das piscinas lutaram pelo símbolo máximo do olimpismo, proporcionando um espectáculo de emoção a todo o mundo. A prova mais espectacular, e de resultado mais duvidoso para o espectador, foi a final dos 400 metros estilos, na qual o sueco Gunnar Larsson conseguiu conquistar a medalha olímpica ao bater por dois milésimos de segundo o americano Tim McKee. Gunnar, ao correr aque-

la distância em 4 m. 31,9 s., bateu o recorde mundial e olímpico. Outra prova espectacular, foi a dos 400 metros livres femininos, na qual a australiana Shane Gould mostrou toda a sua classe. Ela fez uma prova exemplar, colocando-se logo de início no comando. Ela estava triste pela derrota sofrida na véspera, pelo que emprestou a esta final toda a «raiva» possível para vencer. Parte com um ritmo que deixa a assistência espantada. E, a partir daqui, foi uma beleza vê-la correr:

guchi, ganhou a medalha de ouro dos 100 metros bruços e bateu o recorde mundial ao estabelecer o tempo de 1 m. 04,94 s. ou seja 1 m. 04,9 s.

Medalha de Prata: Tom Bruce (EU).

Medalha de Bronze: John Hencken (EU).

VELA

A segunda regata de «stars» foi ganha pela União Soviética, tendo os velejadores portugueses cortado a meta na quarta posição.

O resultado da regata até ao sexto lugar ficou assim ordenado:

1.º, União Soviética, 0,0; 2.º, Bahamas, 3,0; 3.º, Alemanha Ocidental, 5,7; 4.º, Portugal, 8,0; 5.º, Hungria, 10,0; 6.º, Itália, 11,7.

Portugal ocupa a oitava posição na classificação geral, após duas regatas da classe «stars».

A União Soviética comanda a prova com 13 pontos, seguida da Alemanha Ocidental com 13,7 e da Suécia com 16. Portugal está neste momento com 24 pontos.

REMO

O português Lopes Marques ficou em quinto lugar, com o tempo de 8 minutos e 54,27 segundos na repescagem na segunda eliminação na prova de «skiff», que foi ganha por Wolfgang Gueldepfennig, da Alemanha Oriental, com a marca de 8 minutos e 05,19 segundos.

TIRO

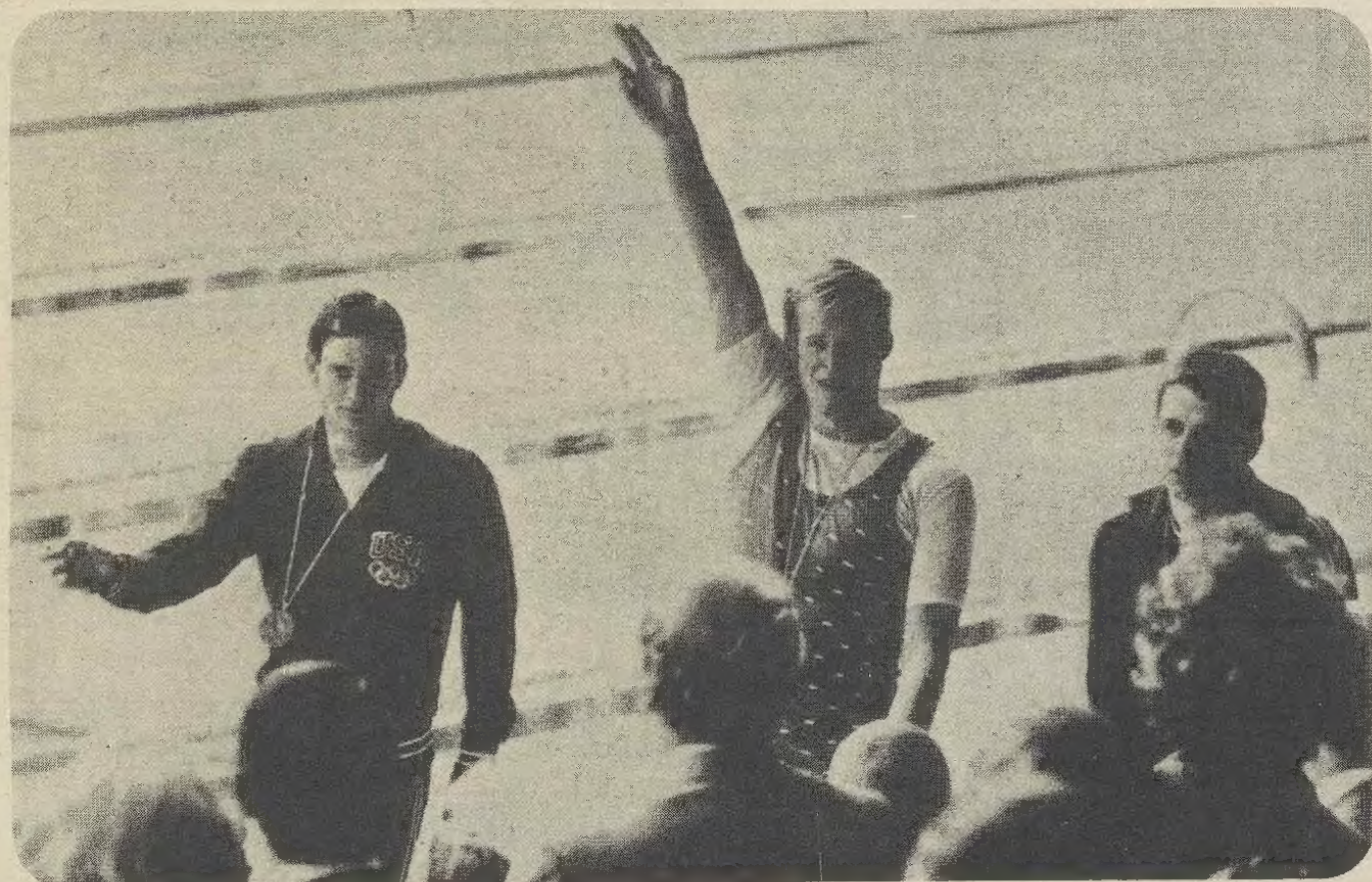
Em tiro carabina primeira posição César Baptista está em 30.º lugar com 393 pontos e Mário Oliveira em 65.º lugar com 379 pontos entre 69 concorrentes.

FUTEBOL

A União Soviética viu-se e desejou-se para derrotar o Sudão, por 2-1, conservando deste modo as esperanças de conquistar o título olímpico de futebol.

O encontro foi disputado do Estádio Olímpico, perante vinte e cinco mil espectadores, e ao intervalo os russos venceram por 2-0, com golos da autoria de Gennadi Yevrushkin e Ognan Zananian. Aos cinquenta e nove minutos, porém, o sudanês Gaksa Nasreidin reduziu a diferença, e os russos acusaram o golpe. A partir daí não mais conseguiram recuperar o ritmo de jogo e perderam acutilância.

No estádio de Nurember-



Gunnar Larsson, já com a medalha de ouro, após vencer os 400 metros estilos, com menos dois milésimos de segundo do que o norte-americano Tim McKee

Passou aos 100 metros com 1 m. 01,50 s., aos 200 metros com 2 m. 07,4 s., mantendo-se com uma vantagem de aproximadamente 2 s. sobre o seu próprio máximo mundial. Na segunda parte da corrida, acelerou ainda mais e a distância em relação às suas rivais e aos seus tempos de passagem do que ia ser o seu antigo recorde mundial. Vira aos 300 metros com 3 m. 13,55 s. para terminar magistralmente com a melhoria da sua marca de 2,10 s., tornando-se ao mesmo tempo a primeira nadadora a fazer menos de 4 m. 20 s.

Outros resultados do dia, nas provas de natação:

A equipa feminina dos Estados Unidos ganhou a medalha de ouro dos 4x100 metros livres e bateu o «recorde» mundial ao fazer o tempo de 3 m. 55,2 s.

O anterior «recorde» pertencia igualmente aos Estados Unidos e à Alemanha Oriental com 3 m. 58,1 s.

Medalha de Prata: Alemanha Oriental que bateu o «recorde» da Europa com 3 m. 55,55 s. (antigo recorde: 3 m. 58,1 s. que lhe pertencia).

Medalha de Bronze: Alemanha Federal.

O japonês Nobutaka Ta-



Medalha de ouro para o japonês Sawao Kato, que aqui vemos num exercício obrigatório

ga, perante uma escassa assistência (mil pessoas) o México bateu a Birmânia por 1-0, tendo obtido por Leonard Cuellar aos oitenta e seis minutos.

No estádio de Passau, aonde acorreram quatro mil e quinhentas pessoas, a Alemanha Oriental derrotou a Colômbia por 6-1. Os jogadores dos tontos alemães foram Achim Streich (2), Eberhard Vogel (2), Juergen Sparwasser e Peter Ducke.

A Colômbia, que ao intervalo perdía por 1-0, obteve o tento de consolidação por intermédio de Fabio Espinosa, na altura em que os alemães de leste tinham já quatro golos de vantagem.

Em Regensburg, a Polónia derrotou o Gana por 4-0, golos marcados por Robert Gadocha (2), Włodzimierz Lubanski e Kazimierz Deyna. Assistiram duas mil e duzentas pessoas.

OUTRAS MODALIDADES

OUTROS RESULTADOS

Na categoria de 48 kg. da prova olímpica de luta livre o russo Roman Dmitriev, o iraniano Ebrahim Javadpour e o búlgaro Ognian Nikolov, classificaram-se para a 5.ª volta e repartirão entre si as medalhas.

Em salto de trampolim, a

kayama. Nas mulheres, a medalha de ouro coube à soviética Ludmila Turisheva diante da alemã de leste Karin Janz e de outra russa, Tamara Lazakovitch.

Em esgrima, o primeiro título, do florete individual foi para o polaco Witold Woyda diante do húngaro Jenoe Kamuti e do francês Christian Woyda.

Em canoa-caiaque, os alemães de leste demonstraram a sua esmagadora superioridade ao ganharem as quatro medalhas de ouro.

Na prova de tiro de espingarda de pequeno calibre assistiu-se ao duplo triunfo americano diante dum alemão de leste.

O russo Mukharbi Kirzhinov levantou um total de 460 quilos, estabelecendo novo recorde mundial e conquistando a medalha de ouro olímpica em halterofilismo, na categoria de leves. O atleta russo, de vinte e três anos, registou mais dez quilos do que o segundo classificado, o búlgaro Mladen Kourchev. Em terceiro lugar ficou o polaco Zbigniew Kaczmarek, com um total de 437,5 quilos. O total de Kirzhinov melhorou em onze quilos o recorde anterior, pertencente ao polaco Waldemar Baszanowski. O russo fez 147,5 quilos no desenvolvimento, 135 no arranque e 172,5 no arremesso.

Baszanowski, detentor de três medalhas de ouro olímpicas, tentou tudo o que era possível, mas os seus trinta e sete anos não lhe permitiram mais do que um quarto lugar.

Na categoria de leves a competição foi de recordes. O recorde olímpico do desenvolvimento foi batido por cinco atletas e igualado por outros quatro antes de Koutchev fazer 157,5 quilos, melhorando o seu próprio recorde mundial. Koutchev fez nos três movimentos 157,5-125-167,5.

MANHÃ OLÍMPICA

O atletismo teve hoje a sua primeira jornada no Jogos Olímpicos efectuando-se da parte da manhã as eliminatórias dos 400 metros barreiras, 100 metros e salto em comprimento (senhoras). O português Jose Carvalho participou na 3.ª série dos 400 metros barreiras, classificando-se em 6.º lugar, com 52,6 segundos, unicamente à frente de um tunisino. Vencedores das eliminatórias: Buttner (BBR), 49,8 s. 2.ª eliminatória: David Hemery (GB), 49,7 s. 3.ª elimina-

tória: Rudolph (BBR), 50,0 s. 4.ª eliminatória, Akii-Bua (Uganda), 10,4 s. 5.ª eliminatória, Gavrilenko (URSS), 49,7 s.

Nos 100 metros o melhor tempo pertenceu ao grego Papageorgopoulos, que fez 10,2 s. na 10.ª eliminatória. Vencedores e tempos de todas as séries 100 metros: Miller (Jamaica), 10,4 s.; Borzov (URSS), 10,5 s.; Kokot (DDR), 10,5 s.; Matousek (Checoslováquia), 10,4 s.; Korneliuk (Polónia), 10,4 s.; Robinson (USA), 10,6 s.; Crawford

(Trindade), 10,5 s.; Sy (Senegal), 10,3 s.; Farteour (França), 10,4 s.; Papageorgopoulos (Grécia), 10,2 s.; Hart (USA), 10,5 s. e Taylor (USA), 10,3 s.

A eliminatória do salto em comprimento, que se prolongou por toda a manhã e continua de tarde são apuradas todas as atletas com um salto superior a 6,30 metros. O melhor resultado da manhã pertenceu à alemã oriental Liebisch, com um salto de 6,69 m.



Ludmila Tourischeva, da URSS, medalha de ouro de ginástica feminina

OURO, PRATA, BRONZE

É a seguinte a distribuição de medalhas nos Jogos Olímpicos, depois das provas de ontem:

	OURO	PRATA	BRONZE	TOTAL
Estados Unidos	7	9	6	22
Alemanha Oriental	5	4	6	15
Rússia	5	3	3	11
Hungria	1	2	4	7
Alemanha Federal	0	3	3	6
Japão	3	1	1	5
Austrália	3	0	1	4
Polónia	2	1	1	4
Itália	1	2	1	4
Suécia	2	1	0	3
França	0	1	2	3
Bulgária	1	1	0	2
Austria	0	1	1	2
Roménia	0	1	1	2
Coreia do Norte	1	0	0	1
Irão	0	1	0	1
Holanda	0	0	1	1

torralta



Um lugar
para si
Uma sociedade
para todos

Investir na

torralta



é investir no futuro

DL / ÚLTIMAS



RENASCENÇA GRAFICA S A R L
PROPRIETARIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1 2.º, 4.º
TELEF. 654531/23-4
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA TELEX 1363
LISBOA PORTUGAL

TELEFONES AUTOMÁTICOS ENTRE FUNCHAL E LISBOA

O secretário de Estado das Comunicações, eng. Oliveira Martins, procederá amanhã, no Funchal, à inauguração do serviço telefónico automático entre o arquipélago da Madeira e o Continente. A instalação de um cabo submarino de 1150 quilómetros, promovida pela Companhia Portuguesa Rádio Marconi, entre Sesimbra e o Funchal, vai permitir o descon-

gestionamento de chamadas e o «acerto da hora» entre a Madeira e Lisboa, no que respeita a este tipo de comunicações.

O eng. Oliveira Martins dis-

cará a primeira chamada para o sr. Presidente do Conselho, podendo os enviados dos jornais diários do continente entrar em contacto com as Redacções, em Lisboa e Porto, se o desejarem.

5 NOVIDADES EDITORIAIS

O SERVIÇO SECRETO de Reinhard Gehlen

As memórias do maior espião do século
Um livro empolgante
publicado simultaneamente em 15 países,
profusamente ilustrado
Colecção VIDA E CULTURA
Preço: 100\$00

PRINCIPES DE PORTUGAL de Aquilino Ribeiro

Aquilino Ribeiro olhou para esses grandes de Portugal e pintou-os tal como Velazquez fazia, com tintas do arco-íris.
Tais como eram. Melhor, tais como lhe pareciam.
Uma nova edição
de uma das obras mais expressivas
deste autor de sempre.
Preço: 40\$00

A VIDA QUOTIDIANA NO TEMPO DE HOMERO de Emile Mireaux

A reconstrução saborosa da vida quotidiana da Grécia primitiva
feita por Emile Mireaux
com profunda erudição e admirável leveza.
Uma reedição por exigência do público
Colecção VIDA QUOTIDIANA
Preço 35\$00

O ENIGMA DO CASINO de S. S. Van Dine

S. S. Van Dine retorna à colecção «Vampiro» com um romance a que não falta nenhum dos ingredientes de intriga completa e mistério.
Colecção VAMPIRO — livro de bolso
Preço: 15\$00

ESTRADA DA GLÓRIA — 2 de Robert A. Heinlein

Com este segundo tomo de «Estrada da Glória» concluiu-se o romance em que Robert A. Heinlein atinge um dos seus momentos culminantes na literatura de Ficção-Científica
Colecção ARGONAUTA — livro de bolso
Preço 15\$00

EDITORIAL LIVROS DO BRASIL

Rua dos Caetanos, 22 — Lisboa-2

A VENDA NAS LIVRARIAS

ISOLADO O VÍRUS DA LEUCEMIA

WASHINGTON, 31 (FP) — O dr. John Moloney, do Instituto Nacional do Cancro, um dos melhores especialistas americanos, declarou ontem que os trabalhos do Instituto Soviético Experimental de patologia e Terapêutica de Sukhumia, na Geórgia, dão a esperança de que, em

breve, estarão preparados novos métodos mais eficazes no tratamento da leucemia. Há grandes possibilidades — disse de que os médicos daquele instituto soviético tenham conseguido isolar, pela primeira vez, um vírus leucémico humano, inoculando em macacos sangue de

lucémicos humanos. O dr. Moloney acrescentou que especialistas americanos tencionam ir em Outubro a Moscovo, para estudar os resultados obtidos pelos médicos soviéticos e trazer para os Estados Unidos cultivados em Sukhumia.

O dr. Boris Lapin, director do Instituto So-

viético de Sukhumia, que estava presente na conferência de Imprensa do dr. Moloney, indicou que o vírus foi isolado, pela primeira vez, em 1967, e que tinham sido obtidos os melhores resultados com uma espécie de bebuínos (a «Papio Hamadryas») importados da Etiópia.

NIXON E TANAKA DISCUTEM O FUTURO DA ÁSIA

entre a China e o Japão, mantido há 23 anos.

Tanaka é um japonês invulgar — um operário da construção que estudou engenharia em cursos nocturnos e que abriu caminho até o topo do Partido Conservador do Japão.

É primeiro-ministro aos 54 anos, o que é raro no Japão — um país que costuma escolher os seus governantes entre os homens de sessenta e setenta anos.

A cimeira de hoje será muito diferente das do passado — em que os norte-americanos dominavam e os japoneses faziam pedidos e promessas. Desta vez será o Governo de Tóquio a tomar as iniciativas, enquanto os norte-americanos procurarão contemporizar.

Tanaka será acompanhado pelo ministro dos Negócios Estrangeiros M. Ohi-

ra, cuja declaração de três de Agosto — de que o Japão reconheceria Pequim e terminaria as suas relações com a Formosa — pôs termo à política de pós-guerra.

Apesar de Washington ter refreado as suas críticas em relação à política de Tanaka, no que respeita à China, Nixon e os seus conselheiros querem descobrir em Honolulu o valor da ajuda que podem receber futuramente do Japão, no que se refere à defesa da Ásia.

O Japão é o recurso militar norte-americano no nordeste da Ásia — um «permanente porta-aviões» ao largo das costas da China e da Sibéria russa.

Não há nada em vista para substituir o saber industrial dos japoneses e, os exímios operários dos estaleiros nipónicos que mantêm a Sétima Esquadra nor-

te-americana em bases como a de Yokosuka, perto de Tóquio, e Sasebo, no sul do Japão.

Mais bases, e cerca de trinta mil militantes norte-americanos, estão no Japão devido a um tratado de defesa entre os dois países.

Quanto às trocas comerciais, baseiam-se no facto de o mercado japonês, que tem alta qualidade e é muito barato, constituir uma enorme atracção para o público norte-americano, fortemente pressionado pela inflação.

O Japão tem um excesso nas trocas anuais com os Estados Unidos, da ordem de mil milhões de dólares, desde 1968. Este ano, a secretaria norte-americana do Comércio calcula que esse excesso alcance o valor recorde de três mil milhões e meio de dólares.

Nixon e os seus ajudantes

vão pressionar o Japão a fim de que o equilíbrio possa ser reduzido em um milhão de dólares por ano, durante os próximos dois anos, fazendo-se a maior parte dessa redução por meio da abertura do mercado japonês aos produtos norte-americanos.

Tanaka leva para Honolulu que se referem a compras de emergência de vários produtos norte-americanos, como os transportes aéreos, atingindo 420 milhões de dólares o total dessas compras.

Os japoneses tencionam comprar também minério de urânio enriquecido para as reservas japonesas.

Contudo, o primeiro-ministro nipónico não está disposto a conceder as reformas pretendidas pelo Governo de Nixon, como, por exemplo, a abertura do Japão à carne de vaca norte-americana, as laranjas, aos computadores, aos circuitos integrados, às películas fotográficas.

A maior discussão em Honolulu deve referir-se a estes problemas em detrimento do da China, que interessa em segundo lugar.

SANTOS & NASCIMENTO

INFORMA OS SEUS PREZADOS CLIENTES E AMIGOS QUE INICIA OS SEUS SALDOS FIM DE ESTAÇÃO NO DIA 4/9/72



Fornecedor oficial de televisores para os XX Jogos Olímpicos Munique-72

Grupo A — maiores 6 anos



CAMPO PEQUENO

Hoje, às 22 horas

O MAIOR TOUREIRO DO MUNDO

DAMASO GONZALEZ

COM O ELEGANTE TOUREIRO PORTUGUÊS

MÁRIO COELHO

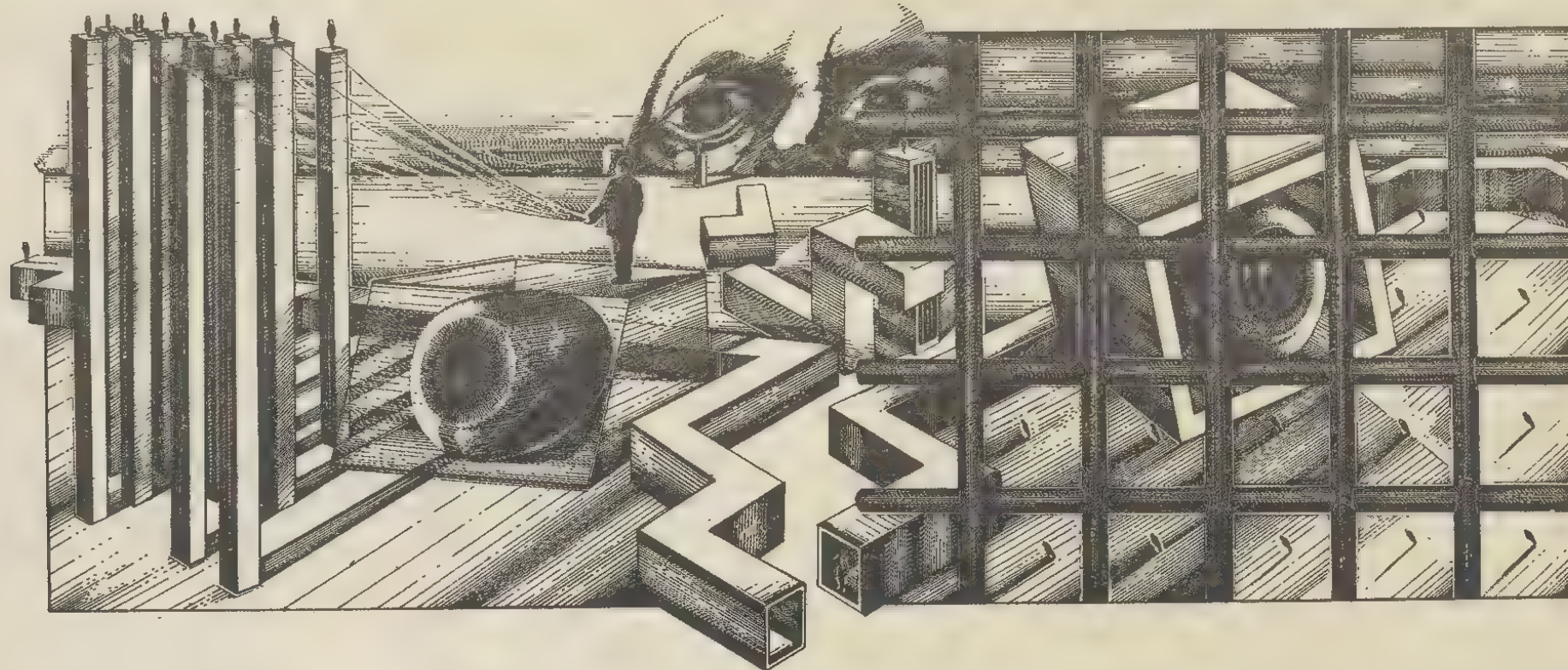
CAVALEIROS

MESTRE BAPTISTA / MIGUEL DA VEIGA

FORCADOS AMADORES DE SANTARÉM



8 TOIROS 8
4 JOSÉ LICO 4
4 PORTO ALTO 4



O SURREALISTA MAL SUCEDIDO

A revolução política surrealista nunca começou e, assim, a uma cuidadosa distância de 50 anos, com alguma pompa, Paris acaba de homenagear o movimento. Presenteou-nos com uma esplêndida exibição de pinturas, mas tudo pareceu terrivelmente afastado do surrealismo nas suas origens — assemelhando-se muito mais ao aniversário da batalha do Marne.

O grupo original começou com um credo que era positivamente antissucesso: Qualquer membro da irmandade que tentasse destacar-se das fileiras era chamado à ordem por André Breton, o guardião da chama, ou expulso no meio de insultos. Antonin Artaud foi expulso por representar, Roger Vitrac por escrever peças, o poeta Philippe Soupault por publicar novelas e Miró por ter concebido cenários de bailado. Os pintores não deviam vender as suas pinturas e os escritores não deviam ver as suas obras impressas. Era errado compor música com fins lucrativos, ou mesmo ter-se fé no próprio trabalho. Felizmente, alguns tinham pais ricos ou desposaram mulheres ricas.

Pretendia-se igualmente que os surrealistas chegassem a tempo à revolução, mas, como o movimento era semelhante a um autocarro que alterasse continuamente o seu percurso sem avisar, e dado que não se chegava a acordo quanto ao destino final, muitos deles apearam-se nas paragens facultativas. O que espanta é o facto de um conjunto tão desordenado de regras e pontos de vista, de Freud-Hegel-Marx e fé no não visto, ter podido atrair homens de tal qualidade. A despeito de Breton, e também por sua causa, os surrealistas tornaram-se célebres a um ponto que faz com que qualquer livro sobre o movimento pareça o guia de um snob para o olvido dos seus nomes. Estes iam desde o intransigente Breton, teimosamente em dificuldades financeiras, até Salvador Dalí, o qual, do outro lado do arco-íris surrealista, julgava o sistema tal como ele é e tratara-o estupidamente. Costumavam dizer, cruelmente, que existia apenas um surrealista em todo o mundo que não fôra bem sucedido, mas que a excepção não fazia regra. O indivíduo em questão era André Thirion.

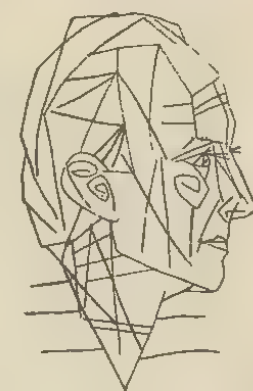
O surrealista mal sucedido veio para Paris, procedente de Lorena, em 1927. Contava 20

anos, tivera uma questão com o pai, e procurava uma família política, uma revolução, um estilo de vida. Isto passou-se 10 anos após Lenine ter chegado à estação da Finlândia — não ainda a alvorada, mas aproximadamente meia-manhã. Em Paris, as duas correntes dos anos 20, comunismo e surrealismo, deviam, supunha-se, encontrar-se e misturar-se. Tal nunca aconteceu, mas Thirion, tal como Louis Aragon, Paul Eluard e tantos outros, mudou com ambas. Foi expulso do Partido Comunista por indisciplina, tendo iniciado uma espécie de progresso lento e acanhado através do socialismo e daí para o Gaullismo, onde terminou finalmente aquilo que ele chamava a sua «mediocre carreira política» como vereador. O mais que conseguiu al-

Eluard, com Buñuel, Dalí e Magritte? Parece ter estado apenas lá, compartilhando casas, frequentando bares, consolando mulheres abandonadas, tomando parte em «expedições punitivas», compondo manifestos, extremamente envergonhado, por vezes, era demasiadamente pobre para pagar as suas próprias bebidas. A sua nova família não lhe podia proporcionar nem um meio de vida nem uma revolução, pelo que, quando tinha 24 anos, foi trabalhar no escritório de uma pensão. Casou-se e divorciou-se, tornou-se um autêntico Resistant durante a Guerra («Não fui um herói... mas jamais me submeti»), publicou uma novela que passou tranquilamente, e desapareceu. Agora, com 65 anos de idade, esta figura bastante sombria emergiu do seu crepúsculo privado com um livro maravilhoso acerca de si próprio, da sua vida, da guerra, da política, de Paris nos anos 20 e 30, dos surrealistas — uma mistura de reminiscência, análise, história e simples bisbilhotice que de-

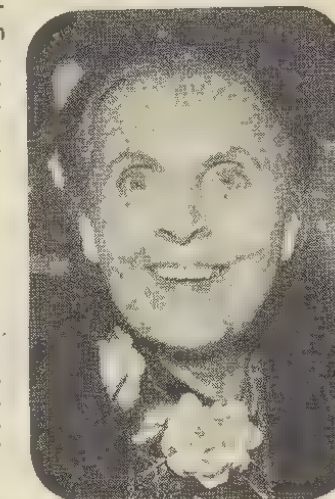


Aragon



5.1.1972 17

Eluard



Triolet

CARTA DE PARIS

Por MAVIS GALLANT

uma vez dizer ao referir-se aquele lugar foi que ele lhe permitiu requisitar um telefone para André Breton depois da guerra.

Por essa altura, poucos eram os membros do grupo original que falavam com Thirion ou uns com os outros. Os insultos e invectivas que trocavam, os ataques e contra-golpes, pareciam-se exactamente com as asneiras que continuam agora à esquerda, em Paris, mas com a enorme diferença que os surrealistas produziram no seu caminho uma arte que ainda parece jovem, fresca, individual e, mesmo assim, unificada, como se um grupo de pessoas fantásticamente talentosas tivesse estado a viver o mesmo sonho ao mesmo tempo.

André Thirion não tinha quaisquer talentos especiais, emprego ou profissão; não pintava nem escrevia. Que estava ele a fazer com Aragon e

ve constituir um dos melhores relatos alguma vez escritos sobre o movimento.

«Révolutionnaires sans Révolution» (Revolucionários sem Revolução) tem uma capa atraente da autoria de Man Ray, outro sobrevivente, e cerca de 600 páginas de tipo compacto que são, por vezes, formais, pois Thirion, sejam quais forem os seus méritos como **raconteur**, não é um estilista nato. Estou convencido de que muitos leitores parisienses percorreram rapidamente o índice para chegarem às impudentes (e, segundo alguns, pouco fiéis) histórias acerca de Nancy Cunard, Aragon, Breton, René Char, Max Ernst e todos os outros, mortos e vivos. Thirion foi acusado — particularmente — de excessiva compreensão tardia e de ajustar

Continua na página dois

"A GAIVOTA" DE TCHECOV SEGUNDO PAULO FRANCIS

SL/DL CARTA DE PARIS

O SURREALISTA MAL SUCEDIDO

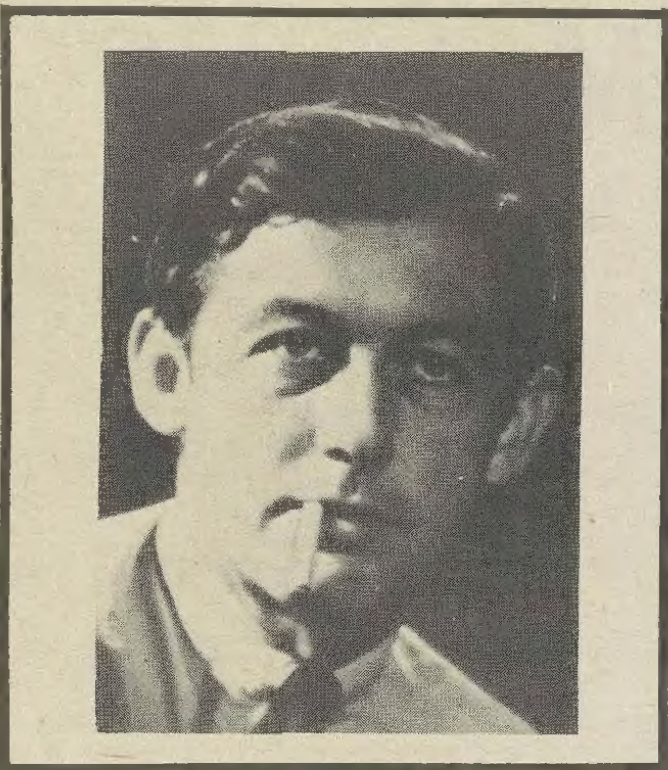
Continuação da primeira página

velhas contas, mas as críticas devem tê-lo recompensado dos enfadonhos anos passados no escritório da pensão. «Le Monde» compara Thirion a Samuel Pepys, embora semelhante comparação nunca pudesse partir de uma pessoa cuja língua materna fosse o inglês.

Os surrealistas eram incrivelmente românticos, mesmo para revolucionários. (E preciso não esquecer que eles se consideravam como tal; a violação de igrejas, a destruição de clubes noturnos e o envio de cartas agressivas ao Papa figuravam no programa do seu reinado de terror). Quando «La Révolution Surrealiste» publicou o seu famoso relatório sobre a situação do amor em 1929, as perguntas e respostas abordavam o amor no seu aspecto mais abstracto e idealizado. Qual o papel da esperança no amor? Estaria disposto a sacrificar a sua liberdade e as suas convicções pelo amor? Pode o amor triunfar de qualquer obstáculo? E difícil acreditarmos que semelhante simplicidade devesse libertar o «amor» das «grilhetas do casamento cristão». Hoje em dia, um inquérito semelhante numa revista francesa seria, provavelmente, bem por cento sexual.

Os estatutos privados dos surrealistas eram apenas uma codificação da sentimentalidade francesa da classe média, com toda a crueldade e hipocrisia que isso implica. A promiscuidade não era aprovada, mas os bordéis eram assaadamente frequentados — um conceito burguês se alguma vez existiu um. Uma fé no amor único e permanente, chamado *amour electif*, veio directamente da Provença e da Idade Média. O *amour electif*, que transforma as mulheres em princípios, é lisonjeiro mas difícil de manter. A mulher de Aragon, Elsa Triolet, nunca murcho, mas mesmo Mariamne, a simbólica França feminina, desistiu a favor de De Gaulle. Era uma noção ambígua que não partia das mulheres — não havia elementos femininos de destaque no movimento

surrealista. Nas memórias de Thirion dividem-se os três grupos: objectos de anseio de trovador, fontes de complicações, e prostitutas. O *amour electif* deve ter-se assemelhado a uma corrida de obstáculos: os surrealistas estavam constantemente a apaixonar-se por mulheres que já tinham despojado outro homem, viviam noutro país, eram ninfomaníacas, caprichosas, falsas, ou simplesmente estúpidas. Thirion apaixonou-se por uma rapariga que era casada e não podia sair da Bulgária. Raptou-a numa grande sequência à Pimperl com a cumplicidade de Nancy Cunard e o consentimento do marido da senhora em questão.



André Breton

Thirion e o seu grande amigo Georges Sadaoul — tal como Thirion, era comunista, rude e pobre — partilharam uma vez certa casa com duas prostitutas que se ofereceram para os manter. Os escrúpulos dos

res mais sedutores (fosse o que fosse que isto significasse nesse tempo — é fácil imaginar uma profusão de ligas e pequenas fitas de cetim) deviam preparar uma sopa quente. A sopa fazia parte do contrato.

A parte central do livro, o seu núcleo de interesse, é Louis Aragon. Thirion invejava-o? Talvez, um pouco. Havia muito susceptível de fazer um indivíduo mais novo, sem talento e possivelmente, desajeitado, experimentar um ligeiro rancor — os talentos de Aragon, o seu encanto, o seu sucesso junto das mulheres. (Thirion recorda como ele era capaz de entrar num bar cheio de gente e sair com quem desejasse, até que a vigilante Elsa pôs termo a isso) Aragon era inteligente, mordaz, valioso (gostava de recitar a sua própria poesia enquanto se mirava no espelho), sarcástico e possuidor de grande domínio sobre si mesmo. Consta que nunca perdeu o sangue frio. E sempre se falou dele. Actualmente com 75 anos, os seus poderes de atracção continuam a divertir e irritar. Em parte devido ao livro de Thirion, meta-de das conversas em Paris parecem ser sobre Aragon: poeta, novelista, editor, surrealista, comunista inabalável, sumo sacerdote para Elsa — qual destes aspectos virá primeiro?

Aragon não era o melhor dos poetas surrealistas; esse lugar pertencia provavelmente a Paul Eluard. Este, porém, nunca divulgou a sua vida, pelo menos deliberada e profissio-

nalmente como o fez Aragon. A poesia de Aragon e as suas grandes e robustas novelas são um tanto turvadas pelo próprio autor. Thirion recorda como Eluard tinha na carteira uma fotografia nua da sua jovem esposa russa para mostrar aos amigos (ela tornou-se Gala Dali), como conheceu a segunda mulher, a rapariga alsaciana chamada Nusch, quando, só e esfomeada, ela tinha decidido encontrar um homem a fim de ter um lugar para dormir. Recorda como Eluard se conservou prudentemente no passado enquanto os outros destruíam um clube noturno em Montparnasse. Como as suas mãos tremiam como as de um velho. Como ele percorreu quase metade do mundo tentando afastar-se do pai, que o adora va.

Nada disso conta. O nome de Eluard continua a sugerir poesia, e não a sua pessoa. Aragon, porém, é propriedade pública, e todos os seus movimentos são comentados, muitas vezes com malevolência. Parece haver sempre um fotógrafo à espera de o apanhar à saída de uma discoteca ou beijando a mão de uma dama nua estrela de gala. Quanto mais a publicação se aproxima da extrema-direita, mais dará inúmeras vezes a entender que isto não é o que se espera de um comunista e de um viúvo de fresca data. O «Canard Enchaîné», semanário satírico, publicou ainda há pouco uma caricatura na qual Aragon, com uma face estranha, enverga um fato macaco de trabalhador da autoria de Cardin e um distintivo «Elsa». O punho direito está levantado na saudação internacional; o braço esquerdo rodeia um totem com figuras esculpidas, entre as quais um minúsculo Estaline, e no cimo da qual se pode ver a cabeça de uma cruel e medonha ave de rapina, uma horrível paródia de Elsa que se parece também ligeiramente com a sua irmã mais velha, (Lili Brik — outra lenda). Parece ser mais um ataque a Aragon, desta vez de esquerda.

Thirion afirma que Aragon detestava Elsa, ao princípio. Pensava que era uma peste e mesmo uma espiã da polícia. Elsa, porém, estava decidida a casar com ele, e a cena da sedução de Aragon, na qual Thirion se encontrava quase provavelmente presente parece um acto de uma velha revista de boulevard. A partir desse momento, Aragon representava duas teses — política perfeita e amor perfeito. Continua a ser a melhor pescaria do partido comunista. (Picasso nunca foi realmente útil. Aragon pode protestar por causa de Praga, ver o jornal de que é editor banido na União Soviética, receber Rostropovitch e sair-se bem. Se fosse mais novo é possível que o repreendessem, mas mesmo então deixaria o partido sem ninguém da sua estatura. Algumas pessoas estão convencidas de que Aragon se prepara para legar um devastador testamento anti-partido. Se o fizer, será a negação de toda a sua vida.

Quanto ao amor perfeito, a legenda Aragon-Triolet está ligada como um comboio a uma história mais antiga e ainda mais rigorosa, a de Mayakovsky e Lili Brik. Quando um jornal literário soviético sugeriu que a irmã de Elsa não tinha sido o único amor de Mayakovsky, Elsa escreveu uma resposta tão frenética e furiosa que era quase como se o seu próprio casamento tivesse sido



Salvador Dalí

atacado. Por causa de uma incansável insistência, os quatro encontram-se agora indissolúvelmente ligados na mente do público. Ainda não há muito, quando um teatro de Montparnasse apresentou um programa de canções e poemas de Aragon e Elsa, Mayakovsky foi igualmente invocado, embora não houvesse nenhuma razão genuína para o facto.

O trabalho de Aragon e Triolet, tão diferente em qualidade, parece igualmente ser considerado uma unidade. A sua produção total era espantosa. Está a ser gradualmente publicada em volumes alternados e vendida numa base de subscrição. O número 38 acaba de sair e seguir-se-ão outros. E duvidoso que essa edição particular pudesse registar elevadas vendas nas livrarias na medida em que as pessoas que se sentem atraídas pela sua lenda em comum são precisamente aquelas que não lêem muito.

Quanto à própria Elsa Triolet, quando a Bibliothèque Nationale consagrou este ano uma exposição de dois meses à sua memória muitas pessoas não sabiam do que se tratava. Era uma daquelas escritoras com um ligeiro talento, que compensam os seus insucessos com o trabalho. Ler um texto de Triolet é como tentar ler um pudim de arroz. Três das suas novelas, cujo objectivo é explicar a vida como ela é agora, têm como título geral «A lenda do Nylon».

A exposição constituiu uma estranha colecção de livros, colares (houve uma altura em que os fez para colecções de alta costura), pinturas notáveis, incluindo dois excelentes Nicolas de Staels que pertencem provavelmente a Aragon, cadeiras, fotografias, objectos de culto de todos os géneros e até a escova do cabelo. As fotografias eram pungentes no seu declínio de uma jovem de face arredonda-

da vendo-se ao espelho com uma espécie de receio perante a sua própria beleza fresca (embora Thirion, que não lhe poupa coisa alguma, nunca tenha visto mais do que uma pequena cabeça gorducha e avermelhada com sardas) até à face da mulher que sentia a perda da beleza e não o escondia. Adorava ser fotografada. Não me recordo de qualquer escritor, homem ou mulher, cuja carreira tenha sido tão abundantemente documentada, ou que fosse capaz de mostrar os mesmos olhos frios e sorriso confiante durante cerca de 50 anos.

A sala encontra-se repleta de jacinthos, talvez por serem a sua flor preferida, o seu aroma, quase funerário, tornou-se insuportável — parecia parte dos espíritos da guerra fria por detrás de alguns dos quadros das paredes: Aragon e Elsa saudados com flores na Checoslováquia alguns meses após a execução de Slansky, ambos sorrindo. Elsa sorria, sorria sorria em Praga no ano do suicídio de Masaryk. Elsa numa conferência de escritores em Moscovo, em 1951, com Simonov. O tema da conferência era «O Novo Homem». O Novo Homem, em Moscovo, em Abril de 1951. Se há algo a apontar à sua lenda, caso isso não diga respeito, penso que é apenas neste domínio: Não podiam ser mais inocentes do que se estava a passar. Ele era demasiadamente inteligente e ela demasiadamente perspicaz para se terem deixado enganar; e, todavia, de boa vontade, sorrindo emprestaram respeitabilidade a julgamentos fingidos, a prisões deportações, censura e morte por que... porque como era possível duas pessoas estarem enganadas quando eram tão inteligentes, tão talentosas, tão bem parecidas, tão apaixonadas?

SL/DL —NOTAS DE LEITURA

HOMEM E CENÁRIO EM GRACILIANO

De Graciliano Ramos, diz-nos Adonias Filho: O documentário, em Graciliano Ramos, se estabelece através do conjunto — o homem e o cenário — em circulação geográfica definida. O romancista não sai da zona nordestina, de uma região dessa zona, revelando-a na paisagem e no habitante. Uma das suas características (a seca) será aproveitada, mas em percepção diferente, afastando a temática do ciclo tradicional. O ciclo de Franklin Távora e José Américo de Almeida, avança em extroversão, sendo panorâmica a sua projecção, interrompe-se, porém, em «Vidas Secas». A projecção agora é vertical. O que importa não é a seca em sua possibilidade descritiva, mas a consequência no coração das criaturas. Para o romancista, não será rigorosamente um tema. Pretexto regional, em verdade, que mostrará, dentro do cenário, a miserável condição do sertanejo.



Traduzido em dezasseis ou dezassete idiomas, Graciliano Ramos não foi apenas aquilo que é forçado dizer-se nas efemérides — um escritor consagrado. É isto porque, enquanto outros criadores literários, tal

vertentes da nossa cultura. O local e o universal. A natureza e o homem. O aspecto cultural e o culto. O pessoal e o racional.

Iráo completar-se, no próximo dia 27 de Outubro, os 80 anos do nascimento, em Quebrangulo, no estado de Alagoas, de Graciliano Ramos, que viria a partilhar com mais quinze irmãos um lar nem por isso muito abastado. Seis anos depois, já em Buíque, Pernambuco, para onde a família emigrou, faz os seus primeiros exercícios de leitura. É notável a sua propensão para a coisa escrita, para a descoberta entre a palavra e as suas mais íntimas motivações. De tal maneira notável (não confundir, no entanto, e apesar de certas precocidades, esta notabilidade com a rareza fácil do menino prodígio que ele nunca foi) que em 1904, com apenas doze anos de idade, funda, com vários amigos, um jornal infantil, de nome algo pomposo: *Dilúculo*. O director era, naturalmente, Graciliano Ramos. Em 1905 publica os seus primeiros sonetos, assinando-os com pseudónimo. Em Palmeira dos Índios (Alagoas), terra que a família



procura como ponto de apoio para as suas dificuldades económicas, Graciliano trabalha. Vai para o balcão da casa comercial que o pai dirige e como que parece fadado para ali continuar e tornar-se um digno sucessor dos negócios paternos. Mas aquela ânsia de lançar palavras ao papel não morre entre os pacotes de açúcar e as conversas de fiados e pagos a pronto. Durante a noite, no seu quarto de rapaziño introvertido, enquanto a numerosa família dorme, encherá laudas e laudas, ora com versos, ora com prosa ritmada e simples. No dia seguinte, talvez venha a rasgar tudo o que fez de véspera. Não importa. Quem sabe se não terão sido esboçadas nessas noites de sonho e insónia, algumas das páginas que, mais tarde, o colocariam na primeira linha dos grandes romancistas brasileiros?

Finalmente, em 1915, o Rio de Janeiro. Diante da grande cidade, que vê pela primeira vez, o mocinho de Alagoas sente um certo espanto e não sabe que estranha vertigem — espanto e vertigem que ele não se esquecerá, de, anos depois, dar a conhecer em escritos admiráveis. É então que se inicia a sua actividade nos jornais.

Não se pense, no entanto, que os seus começos nos periódicos do Rio, são os de um homem que chegou, viu e venceu. Muito ao contrário. Para começar, admitam-no a custo como revisor, sucessivamente em três jornais: «Correio da Ma-

nhã», «A Tarde» e «O Século». Entretanto, como os seus trabalhos não eram sequer lidos pelos responsáveis das redacções dos jornais caricatos, extravasava o seu enorme desejo de comunicar no semanário «Parabola do Sul», assinando R.O. Escreve também alguns contos que ficam inéditos. Regressa a Palmeira dos Índios e casa-se com Maria Augusta Ramos, que virá a dar-lhe quatro filhos. Um pouco decepcionado com a sua curta experiência dos meios literários do Rio, pensa por um momento encetar definitivamente a carreira de comerciante e monta uma em 1920, morre-lhe a esposa, acontecimento que lhe traz uma terrível quebra psicológica. Continua a colaborar em jornais, com trinta e cinco anos de idade, resolve iniciar o manuscrito do seu romance de estreia: «Caetés». Nomeá-lo-á — or essa altura, presidente de Junta Escolar e Prefeito de Palmeira dos Índios, cargos a que mais tarde renunciará, para ser nomeado director da Imprensa Oficial do Estado do Alagoas. Já estão se consumara o seu segundo casamento com outra jovem de Palmeiras: Heloísa Ramos, que ainda vive e haveria de o acompanhar por todo o resto da sua existência.

Em 1932 escreve os primeiros capítulos dessa extraordinária obra de ficção a que pôr o título de «S. Bernardo». No ano seguinte, depois de muitas hesitações (adorava trabalhar o fundo e a forma dos seus livros até ao inconcebível), publica finalmente «Caetés», com o que começa a sua actividade pública de escritor. E em 1936, que as suas convicções políticas o levam à prisão sem julgamento. Entra no cárcere em Maciçô, de onde será enviado para o Recife e, dali, para o Rio. Só no ano seguinte alcançará de novo a liberdade, trazendo na bagagem a ideia daquilo que ele, mais tarde, publicará sob o título de «Memórias do Cárcere». Já então publicara «S. Bernardo» e começara a redacção de «Angústia», que uma editora do Rio dá à estampa enquanto ele permanecia na cadeia. Ganha o prémio «Lima Barreto».

Para ler Graciliano Ramos — diz António Candido — talvez convenha ao leitor aparelhar-se do espírito de jornada, dispondo-se a uma experiência que se desdobra em etapas e que, principiada na narrativa de costumes, termina pela confissão das mais vívidas emoções pessoais. Com isto, percorre o sertão, a mata, a fazenda, a vila, a cidade, a casa, a prisão, vendo fazendeiros e vaqueiros, empregados e funcionários, políticos e vagabundos, pelas quais passa o romancista, progredindo no sentido de integrar o que observa no seu modo peculiar de julgar e de sentir. De tal forma que, embora pouco afeito ao pitoresco e ao descritivo e antes de mais nada preocupado em ser por intermédio da sua obra, como artista e como homem, termina por se condicionar discretamente uma solução de humanidade, sem se afastar de certos temas e modos de escrever.

ASSEGURADO SHARVEN FRANCE BOM RENDIMENTO

ÓPTIMO RENDIMENTO PARA PEQUENO INVESTIMENTO NA

SHARVEN-FRANCE

Campos Grande, 1-D, 2.º, Eq. — LISBOA-5

Participe nos benefícios dos melhores Hotéis, Restaurantes, Cinemas, Teatros, Gares, Aeroportos, Casinos, etc.

Se tem 20 000\$00 ou mais escreva-nos. Rendimento assegurado.

DE INVESTIMENTO LIMITADAS SHARVEN FRANCE POSSIBILIDADES

CUPÃO A ENVIAR COLADO NUM POSTAL

Queiram enviar-me informações detalhadas sem compromisso

Nome _____

Morada _____ Telefone: _____

Os “Best-sellers” da semana

LIVROS	AUTORES	EDITORES
1) «Conversa na Catedral»	Mário Vargas Llosa	Europa-América
2) «Terra Traída»	Manuel Ferreira	Plátano
3) «O Livro do Mistério Desconhecido»	Robert Charroux	Bertrand
4) «José e os seus Irmãos»	Thomas Mann	Livros do Brasil
5) «História da Vida Sexual»	Richard Lewinson	Livros do Brasil
6) «As Delícias»	Jacques Laurent	Parceria A. M. Pereira
7) «Aventuras de Paulette»	Wolinski	Presença
8) «A Dívida dos Vivos»	Brigitte Eviang	Bertrand
9) «História de Portugal»	Oliveira Marques	Quadrante
10) «Inferno de Mulheres»	Arbeit Machp	Inova

Pesquisa realizada nas principais livrarias de Lisboa e Porto.



A CANÇÃO E O VINHO

Por volta de uma hora da manhã, quando o espectáculo terminou, refresco pelo orvalho da madrugada, o velho trabalhador rural permaneceu sentado numa das cadeiras do recinto com o chapéu enterrado pela cabeça abaixo, derrubado por um sono de justo. Não chegámos a saber o seu nome, nem o endereço, nem a profissão.

Por momentos, intrigados com a sua imobilidade, no meio do recinto juncado de cadeiras vazias, chegámos a pensar que tinha sido vítima de algum colapso cardíaco e que nem tempo tinha tido para reagir. Pouco tempo depois, percebemos o equívoco: com um esforço visível, o velho conseguiu endireitar as pernas e pôr-se em movimento em direcção a uma das vedações do recinto. Depois, trauteando uma melopeia esquisita, formou o salto e caiu de cabeça do outro lado sem uma beliscadura, levantando-se logo a seguir para, na companhia de um amigo de circunstância — igualmente embriagado — continuar a sua viagem, cambaleante.

A cena passa-se em Oliveira de Frades, acolhedora localidade da Beira Alta, durante as festas anuais do concelho cuja organização esteve este ano a cargo de um grupo de jovens da região, na sua maioria universitários, em Lisboa e Coimbra. Para a abertura das festas decidiu a comissão organizadora, com inegável boa vontade, preparar um espectáculo, preenchido com alguns nomes da nova música portuguesa.

Com assistência reduzida e sem grandes entraves de ordem burocrática o espectáculo acabou por se realizar na presença de algumas individualidades locais, e de meia dúzia de veraneantes, num saudável clima de romaria, em princípio tão distante das coisas que por lá se propuseram.

Apercebendo-se vagamente das «ironias» e dos «alarmes» a população local riu a medo e aplaudiu com reservas. Mais não lhe podia, de resto, ser exigido: durante anos consecutivos limitou-se a ver ranchos folclóricos e a engolir as receitas já «mastigadas» da RTP. Talvez por isso o trabalhador rural, quando entrou no recinto, levava já a barriga cheia de vinho. Não tinha com razão vontade para pensar. Chegou à conclusão de que era inútil.

Quando no dia seguinte coube a vez aos ranchos folclóricos no prosseguimento das festas, encontrámo-lo podre de bêbado debaixo duma árvore, a ruminar sentenças. Não havia ninguém para ouvi-lo.

JOSE JORGE LETRIA

Fora da Rússia, Tchecov quase sempre provocou bocejos nas plateias. Ele, cujas «Gaivota», «Cerejal», etc., deixavam os russos num estado de ânimo dos mais vivos. E no entanto, Tchecov pode ensinar-nos muito, em matéria de técnica teatral. Coisas simples como repetições de palavras (os tradutores quase sempre corrigem isso, julgando tratar-se de falha estilística), o uso do silêncio, as mutações bruscas e uma série de outros «truques» que, utilizados por um homem de talento, são acossórios importantes na obra de arte. Depois dele, se exceptuarmos Brecht, nada há de novo em matéria de imitação da realidade, no sentido moderno da expressão.



TCHECOV

«A Gaivota», de Tchecov, começa com uma conversa e termina da mesma forma. Fala-se de morte no princípio e no fim. Há duas variedades de morte: a de **Masha**, que diz a **Medvenko** «estar de luto pela vida», e a de **Trepieff**, que se suicida a bala. Os mortos-vivos e os mortos, simplesmente.

A mente de Tchecov, como a de Bernard Shaw, funciona em três planos diferentes. Mas, ao contrário de Shaw, ele consegue uma unidade de propósitos, enquanto Shaw obtinha uma unidade na diversidade. Entre Shaw, o pequeno burguês enamorado da domesticidade e dos confortos do dinheiro, ou o Shaw evolucionista, não há ponto de encontro intelectual. Existe apenas a personalidade do génio que deixa a sua marca em tudo, os elementos inconscientes de comunicação do artista, que criam sensorialmente uma impressão de unidade. Já Tchecov é um sempre, embora maleável.

O seu tom predominante é de compaixão. **Masha** fala do seu amor impossível por **Trepieff**, amor de filha de criada pelo patrão; filha de criada que, no feudalismo russo

pré-leninista, partilhava a vida social dos seus senhores, pelo menos no tocante às amenidades, de convívio. E Tchecov decompõe o seu amor em rápidas pinceladas: há um elemento genuíno de paixão, outro de romantismo barato, fruto do ambiente artístico em que **Masha** foi educada; outro, de prazer na ascensão social da jovem. O dramaturgo anota, por assim dizer, essas atitudes, sintetizando-as aqui e ali, indirectamente. **Masha** termina na sua própria classe social, casada com **Medvenko**, um pobre professor de província, a quem ela, por identificação, torturará até o fim dos seus dias. Ele significará sempre para **Masha** a derrota. Ela se dá ao homem, mas o preço é o rancor.

A MISÉRIA

Medvenko, no contraponto tchecoviano,

representa um outro aspecto de **Masha**. Lamentava-se da sua miséria de professor mal pago. É o pequeno burguês com a consciência do seu estado social: o homem que subiu de categoria pelo estudo, mas que permaneceu economicamente esmagado sob o sistema feudal russo. As suas conversas com **Masha**, antes do casamento, representam sempre essa

mente sobre a diferença de classes, Tchecov individualiza a base intelectual do conflito, a tal ponto que o leitor apressado jamais o perceberá. **Medvenko** e **Masha**, entretanto, não são porta-vozes de Tchecov sobre a luta de classes, no sentido explícito da expressão — que isto fique bem entendido. Pode-se admitir até que o dramaturgo nunca pensou



Tchecov e Gorki

imediate, quotidiana; obsessão compreensível num homem extremamente doente como ele era.

É o misto de cinismo, de romantismo e de compaixão, uma tríade bastante incomum, que fazem a maneira tchecoviana. O realista fisicamente debilitado, sentindo a sua própria fraqueza com a mesma intensidade com que a sentia no próximo: um

de vida, pois não tem sequer energia para conseguir que os seus empregados façam calar um cão que ladra pela noite adentro, perturbando o sono dos moradores. E isto no que aparenta ser uma simples descrição dos sentimentos de um velho frustrado. Sentimos a debilidade do protesto de **Sorin** e também a clareza desse protesto: a alma humana que conscien-

traí a todo o instante a sua imaturidade emocional em diatribes das mais venenosas contra aqueles que não lhe reconhecem o talento, atribuindo-lhes razões de ordem pessoal; o retrato de um artista quando jovem, que Joyce não escreveu.

A personagem **Trepieff** é estática. A sua decadência como criatura ocorre num âmbito de estagnação. O jovem jamais chega a consciencializar a origem das suas aflições. Morre justamente quando está a ponto de compreender-se a si próprio, quando percebe, por exemplo, que a sua obsessão com «novas formas» em arte não passa de uma fuga da realidade, da sua falta de coragem de enfrentar os factos.

Trepieff queria o sucesso como escritor, a fim de ser aceite por sua mãe como igual, a fim de partilhar-lhe a sensibilidade de actriz, a fim de encontrar-se com ela, emocionalmente. Mas **Trepieff** obtém apenas o sucesso. Não consegue resolver o seu conflito interior que é o de deficiência de sentimento e uma oposição a essa deficiência. Ele sabe o que seria preciso para fazer um grande artista ou um grande amoroso, mas não possui o estofo de ambos. É capaz de uma concepção de arte, mas não de recriar a matéria artística. E junta a **Nina**, a sua bem-amada, também permanece no plano ideal, sem conseguir tocá-la como criatura humana. Quando se

apercebe disso claramente, põe termo à vida.

Trepieff, como todas as personagens de Tchecov, sofre uma decomposição no estilo do autor, onde as suas diversas faces são expostas e cosidas lentamente, de modo indirecto, pelo registo de trivialidades, de coloquialismos que, examinados um por um, parecem banais, mas que, em conjunto, sofrem o efeito desejado pelo autor: temos a impressão de conhecer o homem como conhecemos os nossos íntimos, que podem nada dizer de explicitamente profundo, mas que são profundos, como todas as criaturas humanas. Assim, no pedantismo, na lamentável exibição de subliteratura túrgida, que é a peça escrita por **Trepieff**, pulsa um genuíno sentimento de vazio, de solidão. A sua deficiência de sensibilidade e o seu ódio pela mesma estão de tal forma individualizados e materializados nos elementos da existência do jovem (mulheres, dinheiro, classe social, etc.), que deixam de ser especiais, para se tornarem um denominador comum da existência de todos nós.

TRIGORIN

Existe, por certo, em **Trepieff**, uma tradição romântica de que Tchecov ainda não se descartara em «A Gaivota». Mais tarde, ele não permitiria às suas personagens a solução romântica do suicídio. A sua gente chega sempre a um entendimento com a vida, ainda que em termos de rendição, de derrota.

O dramaturgo escreve sobre artistas, em «A Gaivota». É curioso, curioso antes de mais nada, o que ele tem a dizer sobre os seus colegas. **Trigorin** não tem vida própria, apenas regista o que vê, percebe, compreende. Não tem vontade, deixa-se levar pelos outros em questões de sentimentos, quer paz e sossego, enquanto não escreve. Sabe que, sendo assim, traiu uma parte essencial do seu ser. E mesmo como escritor, sabe-se medíocre: **Aqui jaz Trigorin, um escritor delicioso, mas não tanto como Turquenev**, é o epitáfio que prevê para si próprio. Quando escreve, consegue esque-

cer-se de tudo isso: escrever é a sua acção teatral, como a das demais personagens é viver. Mas, como as outras, está sempre em «deficit» consigo próprio, sempre abaixo de um ideal, cuja imagem procurou seguir um tempo anterior à trama da peça.

É a sensibilidade de criança de **Trigorin**, uma receptividade excessiva a tudo o que acontece na sua vizinhança, com as pessoas a quem conhece, que lhe fornece o material para escrever. E na mesa de trabalho encontra uma coerência, um propósito para tudo o que observou. E é a incapacidade para converter esse propósito em acção a sua tragédia. Tchecov demora-se nesse tema, também romântico, mas a sua maneira de desenvolvê-lo já prenuncia o realista do futuro, mais interessado na exposição do que em soluções.

A DESTRUIÇÃO

De quando em quando, **Trigorin** cede a um impulso, resolve conquistar uma mulher como **Nina**, embora saiba que vai destruí-la, pois não conseguirá fixar-se na ideia de fazê-la feliz. Prevê, aliás, que isto acontecerá, antes de possuir a jovem. Assim mesmo, insiste no seu propósito, considerando que, afinal, esta experiência lhe renderá uma boa história. Nada há de romântico aqui. O artista como ave predatória é um tema que Shaw também desenvolveu, mais explicitamente do que Tchecov, em «Homem e Super-Homem».

Trigorin conhece-se a si próprio, melhor do

Continua na pág. sete

VISTO POR PAULO FRANCIS

antítese: ela, falando da miséria espiritual; ele, da económica. E, na verdade, ambos falam da mesma coisa, embora nunca cheguem a um acordo. Expressam-se diversa-

nesse assunto a sério, não mais que os liberais burgueses do seu tempo. O interesse de Tchecov é o humano, ele tinha obsessão pelo humano e os seus arredores da realidade

equilíbrio que permite a justiça, que atenua o elemento de agressão que marca todos os verdadeiros artistas.

Os temas de **Masha** e de **Medvenko** repetem-se em «A Gaivota» em gradações, em orquestrações diversas. Todos se queixam do que poderiam ter sido — os velhos — e do que poderiam ser — os jovens. Tchecov vê através de todos eles, mas, antes, coloca-se no lugar das personagens, dá-lhes toda a corda.

Quando **Sorin** se lamenta da sua permanência no campo, ele, que se considera um homem da cidade, percebemos, enquanto o homem descreve a preguiça, o *laissez faire*, a monotonia da vida rural, que **Sorin** nasceu exactamente para aquela espécie

cializar a sua fraqueza, enquanto a experimenta. E ambas essas reacções são inevitáveis, é o que conclui, sempre indirectamente, Tchecov.

TREPLEFF

Ao mesmo tempo, **Trepieff** ultima os preparativos do espectáculo, que vai apresentar à sua mãe, a famosa actriz **Irina Arcadina**. Ele tem todas as ansiedades do estrepante, ao contrário do seu companheiro, **Sorin**, que já é um derrotado. Fala com orgulho da maneira como vai inovar no teatro, enquanto se angustia com a possibilidade de que a sua interpretação não chegue a tempo para a função. Tem a confiança do intelectual novo em novas formas, na lógica das suas pretensões, mas



Tchecov e Tolstol

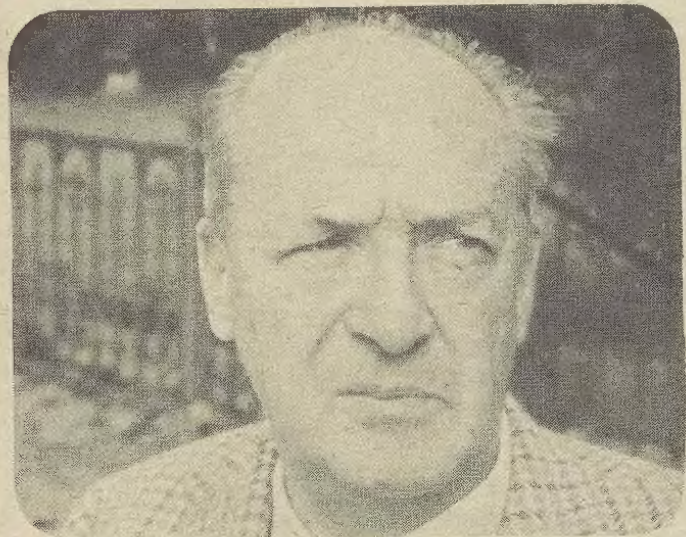
THE KING OF WHISKIES



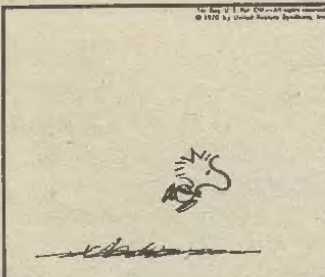
PRODUCED AND BOTTLED IN SCOTLAND

O nariz de Gogol

Gogol morreu pelo nariz — afirma Vladimir Nabokov (foto) no seu ensaio sobre o autor de «Almas Mortas», agora editado por Mondadori na Itália. «Dois médicos» — diz Nabokov — «aplicaram-lhe no nariz uma meia dúzia de sanguessugas com um entusiasmo e uma ignorância semelhantes às dos médicos que trataram Molière à base de gigantesco clisteres. Nu no leito, Gogol gemia e suplicava que lhe retirassem as sanguessugas, mas um dos médicos segurava-lhe enérgicamente as mãos». Curiosidade singular: uma das obras-primas de Gogol intitulava-se justamente «O Nariz».



PEANUTS



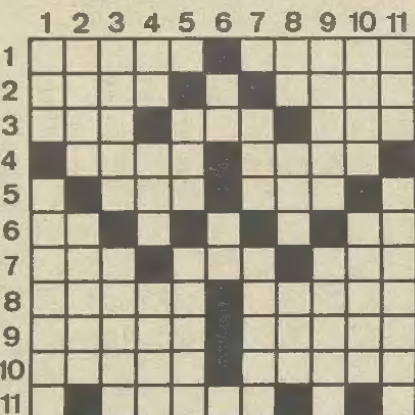
palavras cruzadas

COM PROVERBIO

PROBLEMA N.º 10181

HORIZONTAIS

- 1 Virgulas dobradas. Sara.
- 2 Peixe do Algarve. Pronome indefinido.
- 3 Ilha inglesa no mar da Irlanda. Da mios. Grande árvore da Índia.
- 4 Aversão. Negra.
- 5 Bosque (l. de S. Tomé). Nome de uma pequena ave (ani).
- 6 Preposição. Em o.
- 7 Preposição. Um conto. Ódio de cécio.
- 8 Nome de mulher. Procura com afã.
- 9 Terreno coberto de vegetação no meio de um deserto. Descaçam.
- 10 Abetarda. Amargo.
- 11 Amuralho.



VERTICAIS

- 1 Caminho (abrev.). Desmanche.
- 2 Moeda da Grécia antiga. Adoçar com mel.
- 3 A Terra. Cidade de Itália.
- 4 Antes do meio dia. Conceito do distrito de Cabo Delgado. Zombem.
- 5 Triluro. Uniu por casamento.
- 6 Seis em romano. Crença.
- 7 Medida de líquidos da Alemanha. Planta, subtróica do Brasil.
- 8 Nome antigo da nota musical dd. Possui. Conclusão.
- 9 Vermelho-vivo. Guardas segredo.
- 10 Transfere para outro dia. Dormir (Infant).
- 11 Rate. Pegamos.

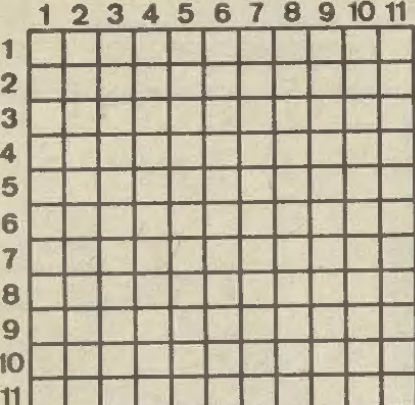
Resolva completamente este problema? Procure então como segundo passatempo o PROVERBIO nele inscrito

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6337

HORIZONTAIS

- 1 Espécie de falção da Europa meridional e da Ásia. Esvoaçar.
- 2 Leve à toa. Sova. (Prov.).
- 3 Logros (Fig). Antes do meio dia.
- 4 Segundo. Prendei com elos. Ferro temperado.
- 5 Três vogais iguais. Caru-mas.
- 6 Senhor em inglês. Nome de homem.
- 7 Cantigas. Preposição.
- 8 Pronome pessoal. Formas as abas a. Perálisis.
- 9 Átomo. Entra ao serviço militar.
- 10 Langas. Costam muito de.
- 11 Espécie de andorinha. Empregara.



VERTICAIS

- 1 Linguagem, mistura de drabe, francês, italiano, espanhol, falada no Levante e na Argélia. Enredo (fig).
- 2 Prendi. Proferi.
- 3 Coragem. Ópera de Verdi. Caminhar.
- 4 Desbastara. Prende.
- 5 Pronome pessoal. Grande sala.
- 6 Partido. Duas vezes.
- 7 Lavrais. Utensílios domésticos.
- 8 Vés. EKSQUINAS.
- 9 Pertences. Rio de N. E. da Ásia. Governaria.
- 10 Carregai. Lavar.
- 11 Apellido. Tecido.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10180

HORIZONTAIS:

- 1 Da. Vilar. Ca.
- 2 Ira. Mil. Aam.
- 3 Fala. A. ARTE.
- 4 Imana. Atoa.
- 5 Cap. Com. Mil.
- 6 Irosa. Acaso.
- 7 Uivaram.
- 8 Mango. E.
- 9 Sem. Lus. Uaa.
- 10 Ag. Pavro. Ta.
- 11 Laçar. Assas.

VERTICAIS:

- 1 DIFÍCIL. Sal.
- 2 Aramir. Pega.
- 3 Alapou.
- 4 An. Sim. Pá.
- 5 Im. Acavalar.
- 6 Lia. Amui.
- 7 Ai. Amargara.
- 8 AT. Cão. Os.
- 9 Aromam.
- 10 Caltia. Esta.
- 11 Ame. Los. Aas.

PROVERBIO: A arte é difícil

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6336

HORIZONTAIS:

- 1 Fadiá. Ecula.
- 2 Riane. Natal.
- 3 Iro. Sua. Ami.
- 4 Go. As.
- 5 Helenes.
- 6 Ruaga. Omia.
- 7 Liar. Tora.
- 8 Amadurecera.
- 9 Cã. Di.
- 10 At. Por. Bar.
- 11 Iodai. Carro.

VERTICAIS:

- 1 Frigor. Acal.
- 2 Afro. Umato.
- 3 Dão. Haia. Id.
- 4 In. Pecado.
- 5 Aas. Laru. Pi.
- 6 Ume. Rio.
- 7 Ens. Note. RC.
- 8 Ca. Remoça.
- 9 Ua. Sire. Br.
- 10 Lama. Tardar.
- 11 Alieta. Airo.



— Se disser sim, Sandra, eu renuncio imediatamente às minhas outras setecentas e trinta mulheres...

Tchecov visto por Paulo Francis

Continuação da pág. 5

humana. O seu amor pela pesca, a sua integração na natureza, no silêncio sensorial dos animais, sobrevive ao apetite por Nina. E é a compaixão de Tchecov por Trigorin.

NINA

«A Gaivota» é um poema de desperdício, de ressentimento. O próprio título da obra já nos diz alguma coisa a esse respeito. É simbólico, mas não da maneira que parece ser, à primeira vista. Existe a metáfora de Trepleff, que mata uma gaivota, apenas por se encontrar deprimido. É completada por Trigorin, quando este imagina um conto, onde um homem destrói uma jovem, por falta do que fazer, para minar o tédio.

Nina, uma jovem romântica, é, supostamente, a vítima. Amada por Trepleff, que se ave destrutiva, perceber que nunca poderá possuí-la como ambos haviam idealizado, num passado anterior à acção da peça; e amando Trigorin, que a destrói. Nina vive com os pais, que a vigiam cuidadosamente, que querem preservá-la da corrupção do ambiente artístico de Trigorin, Trepleff e Arcadina, mãe do último e amante do primeiro. Nina quer viver a glória das atrizes, experimentar na vida prática os ardores das histórias de Trigorin. Termina como concubina desprezada do romancista e atriz medíocre, de província. Antes, «fora feliz e livre», como uma gaivota, quando sonhava, meramente. É o conflito perene em Tchecov, entre o ideal

e o real. Há sugestões bastante explícitas sobre os motivos da desgraça de Nina. Ela, ao contrário de Arcadina ou de Trigorin, não consegue livrar-se dos seus problemas individuais, amorosos, do exercício da sua carreira de intérprete. É isto faz com que regreda, quando mais infeliz se sente. E como criatura humana, não possui a mínima compreensão das pessoas com quem lida. Vive a alimentar-se dos seus sonhos e de si própria. Tchecov aponta o egoísmo disso tudo. Afinal, a gaivota é uma ave destrutiva, perigosa, a despeito de toda a sua graça. Esta, a metáfora central do título. Para satisfazer-se, Nina desvencilha-se, calmamente, de Trepleff, que a queria tanto. E mesmo depois de desprezada por Trigorin, permanece fiel aos seus apetites, obedecendo à inexorabilidade do destino das gaivotas.

O PREÇO

A personagem é desenhada românticamente. Tchecov estava apaixonado por Nina, segundo alguns críticos. Os sonhos da rapariga, à beira do lago, são descritos com fervor pelo dramaturgo e parecem belos, idealmente. Só quando são testados na realidade é que a sua verdadeira natureza fica patente.

A ideia do passado, em Tchecov, o tempo das aspirações, é sempre apresentada em contraponto da acção da peça. O leitor pode comparar o estado em que se encontram as personagens, com o que poderiam ter sido. A própria Arcadina, atriz famosa, prodi-

giosamente egoísta, foi uma Nina, antes de endurecer-se, à maneira de Trigorin. E ela lembra esse tempo, periodicamente, em surtos de infelicidade. Está sempre a pagar em generosidade, generosidade impessoal, o que ganhou em sucesso no palco. Mas não vive, realmente, com os seus semelhantes. Como Trigorin, apenas faz uso deles, como companhia, para distrair-se da sua solidão. Só existe no palco. Esta é uma das ironias de Tchecov. Os idealistas realizados

de «A Gaivota» são Trigorin e Arcadina, que não conseguem sequer ser infelizes com os seus companheiros, com os confortos do sentimentalismo, da piedade. Não são coisa alguma, senão escravos das suas profissões, que lhes desintegraram a personalidade. Tudo tem um preço e o resultado é sempre insatisfatório, deficitário.

A MORTE

Há, todavia, no dramaturgo, uma ideia de continuidade, de permanência dessas natu-

rezas. As personagens encontram na terra, no lago, elementos de identificação, uma parte de si próprios, que é íntegra, eterna. Depois de Shakespeare, nenhum teatrologista realizou tão bem a comunhão do homem com a natureza como Tchecov. As suas personagens são sempre reflectidas contra fenómenos naturais. E deles parecem adquirir uma capacidade de resistência que transcende as suas próprias fraquezas, que lhes dá uma aura de permanência, a

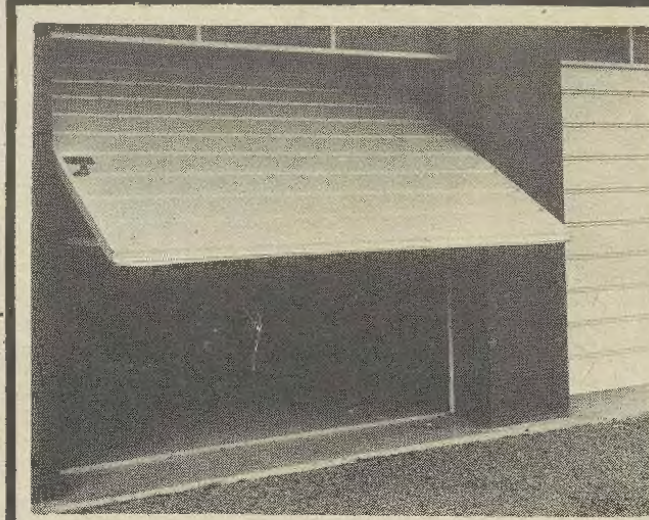
despeito de tudo. «A Gaivota» termina com o suicídio de Trepleff, o único que não se conforma com o destino, a excepção da regra. A vida continuará na mesma, passada a comoção, até extinguir-se naturalmente entre as lembranças do que houve, dos ressentimentos que nunca possuem força bastante para se converterem em revolta. E a revolta possível, diz Tchecov, é a morte, também um acto que, em última análise, está fora do arbitrio do homem.

AO IR PARA FÉRIAS
LEMBRE-SE
O AMORTECEDOR
MELHOR ESTABILIDADE
MELHOR DIRECÇÃO
MELHOR COMODIDADE
CARREGÁVEIS * REGULÁVEIS * REPARÁVEIS
UM MODELO ESPECIAL PARA CADA TIPO DE CARRO
Distribuidores para Portugal — Soc. Geral de Importação, Lda.
Av. Ant. Augusto de Aguiar, 23-A — Tel. 560156/7/8 — LISBOA

APROVEITE AS FÉRIAS
ENQUANTO DECORAMOS A SUA CASA
CONTACTE-NOS
EM NOSSOS SERVIÇOS E CONSELHOS
SÃO GRATUITOS
Fair Play
MÓVEIS - DECORAÇÕES
Avenida Ressaio Garcia, 39-A (Bairro Azul)
Telef. 437 87 LISBOA

gostoso Tartex
MANTEM A LINHA

SR. AUTOMOBILISTA
POUPE DINHEIRO
Defenda o seu carro do Inverno, da ferrugem e da corrosão do mar! Não mais pinturas nem parafinações! Menos ruídos.
Mandando aplicar uma camada de «UNDERBODY». Plástico, em toda a parte inferior do seu automóvel.
Um trabalho de especialistas
COTAL Rua Artilharia Um. 105-A
Rua dos Lusíadas. 113-A
450\$00 — 550\$00 — 650\$00



«BOLTON»
PORTAS BASCULANTES
PARA GARAGEM
TEMOS PARA ENTREGA IMEDIATA
JOSÉ BARROS, LDA.
Rua José Duro, 21-B — LISBOA — T. 712540

COMPRA
A FIRMA ALBERTINO HENRIQUES DA SILVA, LDA., está sempre compradora de carros de boas marcas, até 100 contos ou mais a pronto pagamento. Transacções em 20 minutos.
RUA DO GARRIDO, 73-A

GRANDIOSOS SALDOS
CARPETES desde 345\$00, todas as larguras até 3,00 m. x 4,00 m. — TAPETES, PASSADEIRAS até 1,00 m. de largo. — TERYLENES c/ larguras de 1,50 m. a 3,00 m. desde 10\$00. — CRETONES, CHINTZ, SETINETAS suíços e ingleses. — RETALHOS PARA SANEFAS E ALMOFADAS desde 5\$00. — VELUDOS ALGODÃO, ACRÍLICOS, ADAMASCADOS desde 60\$00. — REPS, GORGORÕES, SEDAS, tudo a PREÇOS INCRÍVEIS
PRAÇA DA FIGUEIRA, 18-2.º c/ elevador-Esquina R. Prata — RAUL NETO, LDA.

AS LETRAS ESTRANGEIRAS

MÚSICA E VIDA MUSICAL NA U.R.S.S.

Seja o que for que saibamos de Pitágoras, Platão, Parmênides, é humilhante pensar que a Grécia até aos seus coroneis contemporâneos, tem apenas oscilado entre tirania e anarquia. Isto leva a ideia errada de que o russo político não está habituado a qualquer estado entre sujeição ao controlo governamental e caos. Nos interstícios das espirais opressivas, a arte defende os seus delicados triunfos. Por muito deprimentes ou divertidas que semelhantes generalizações possam ser, raramente as vemos postas em foco, dissecadas, reveladas. Mostrar-se divertido e deprimido de uma maneira terrível é a virtude do livro «Music and Musical Life in Soviet Russia», de Boris Schwartz, agora editado nos EUA. O texto ocupa 500 páginas; o aparelho textual outras cinquenta. Está escrito com uma inteligência cirúrgica equipada com todas as habilidades profissionais, severa consciência histórica e simpatia humana. Debruça-se sobre meio século de uma arte que é uma chave das condições humanas.

Boris Schwartz revela microscopicamente, sem subterfúgios, o que aconteceu à música na União Soviética desde o princípio até 1970. O que aconteceu à música aconteceu igualmente à arte plástica, cinema, arquitectura, prosa verso, e os seus fundamentos: a metafísica e, em certa medida, todo o sistema métrico que o homem usa para regular ou medir os homens.

Boris Schwartz é violinista e maestro e, desde 1941, professor de música no Queens College. Em 1930 e 1962 passou algum tempo na terra natal e a sua última viagem, patrocinada pela Academia das Ciências Soviética coincidiu com a crise dos mísseis de Cuba. Além do seu vasto conhecimento, Schwartz tem uma profunda e benevolente empatia em relação aos russos. A diplomacia cultural é um métier muscular. Erudito exemplar, a sua penetração no coração e na mente da instituição e da personalidade exigiam tacto. Se o seu livro não passar despercebido em Moscovo, as críticas serão surpreendentes; talvez nunca seja apreciado. Na verdade, num tribunal de justiça imparcial e compassiva o seu veredicto é homicídio voluntário.

E, todavia, um juiz tão douto como o sr. Schwartz tem o cuidado de provar todas as circunstâncias atenuantes e oferecer todas as ocasiões para apelação. A sua opinião não será facilmente refutada. Um estudo igualmente imparcial do mesmo período da vida musical sob a nossa própria hegemonia sugeriria também um certo exame da alma. As suas boas maneiras morais não permitem qualquer defesa polémica do Ocidente como ataque a territórios a leste de Varsóvia — apenas um sexto do mundo. Mas acrescenta-se a isto os 800 milhões da China.

Este livro ocupa-se não só dos mais destacados compositores famosos executantes, estilos de composição e burocratas heróicos ou detestáveis, mas também de toda a estrutura das academias, concursos, organismos editores e doutrina que na sua maneira tortuosa organiza sons que a sociedade está autorizada a ouvir. Nenhum outro trabalho de não ficção torna tão claros os meios pelos quais um menor múltiplo comum se transforma no máximo divisor comum. A Rússia não só descobriu métodos para

impor a mediocridade. Estabeleceu-se uma norma que foi entusiasticamente aceite mesmo por inteligências superiores. Este critério resulta numa aceitação dissimulada, mas numa convicção abnegada ou tornada tal. Eis aqui arte social para uma terra desolada de abelhas atarefadas e formigas diligentes. Eis aqui Ordem, repetição fechada a chave, desenvolvimento aprisionado, sulcos rituais; controlo, livre de qualquer esvoaçar da imaginação especulativa.

Estas páginas podem ser confirmadas por quem possui um gira-discos, Schwartz e um historiador omnívoro, mas as suas primeiras oito páginas são susceptíveis de esclarecer todos aqueles que pensem que a ditadura russa foi apenas imposta a partir da revolução de 1905. Aqueles que possam menosprezar este exame considerando-o o estudo de um especialista deveriam lê-lo primeiramente como a biografia triangular de uma tolka irrequieta: Stravinsky, Prokofiev, Shostakovich; Os que forem capazes de se servir do índice podem acompanhar as carreiras de três génios e começar a compreender quais foram as implicações do marxismo estético.

A reputação de Prokofiev foi feita no Ocidente. Regressou à Rússia porque não sentia bem em qualquer outro lugar e pagou um



A efígie do comissário cultural Anatoli Lunacharsky sobre uma passagem de uma obra de Stravinsky, num programa de 1922.

talento e simpatia pela sua situação.

Stravinsky é uma figura-chave in absentia: quem ele era, porque partiu, porque não regressou; porque e quando o fez. A sua reputação como é fixada pelos académicos soviéticos, as-



Os sons que os russos podem ouvir

preço terrível, não pelo patriotismo, mas sim pela sua preferência. Shostakovich é o patriota acima de tudo. O que, como e quando ele escolheu é tão complexo que até mesmo Schwartz não se atreve a dar uma opinião drástica, excepto para lhe conceder a latitude do seu

semelha-se a um gráfico de temperatura; a doença não tem fim. E, todavia, Stravinsky, mais do que qualquer outro — Scriabin, Maiakovsky, Prokofiev — poderia ter sido canonizado como espelho da alma da Rússia, tradicional, emocional e filosoficamente. Foi

ele que alargou a sucessão de Glinka, Mussorgsky, Tchaikovsky, Rimsky; foi o voo do seu *Pássaro de Fogo* nupcial que primeiro ligou um público de Paris às possibilidades de Petersburgo. Os seus ritos da Primavera juntamente com a física de Planck e Einstein, fizeram soar a fanfarra de um métrico não euclidiano para a nossa época.

Foi ele que em 1917, com Diaghilev em Roma, alterou a final de «L'Oiseau de Feu». Nesta ocasião memorável orquestrou «A Canção do Barqueiro do Volga», para substituir o hino do Romanov. Foi também ele que, cerca de três décadas mais tarde, e já então cidadão dos Estados Unidos, orquestrou «The Star Spangled Banner» como que escutado através da extremidade errada de um binóculo de teatro. Foi ele que, em 1962, após 50 anos de exílio, chegou a Moscovo para desafiá-lo e perturbar o ineficaz equilíbrio do dogma musical marxista.

Um dos heróis é Anatoli Lunacharsky, o comissário cultural de Lenine. Pediu a Isadora Duncan que ensinasse um milhão de dançarinos; o fracasso desta não foi culpa sua. Mandou Diaghilev governar um teatro reformado. Mas, 25 anos antes, Diaghilev era demitido dos teatros imperiais. Aprendeu a sua custa os riscos do cortesão, quer

sob os Vermelhos, quer sob os Romanov. Lunacharsky encorajou em resumo a continuidade de Stanislavsky e Meyerhold e particularmente, do bailado, o qual devido a uma cintilante identificação de bailarinas com grão-duques, deu origem a um ícone de corrupção. Lunacharsky protegeu o período mais progressivo de expressão artística desde o Tempo das Dificuldades. Durante 500 anos, o problema da arte russa não tem residido na sua qualidade de expressão mas sim na sobrevivência dos seus artistas. Alguns sobreviveram. Heróis e mártires tiram conforto do seu compromisso. Não compete às pessoas que não tenham enfrentado determinadas situações, como aconteceu com os indivíduos aqui descritos, julgarem a capacidade de desafiá-las as restrições impostas. Schwartz faz-nos compreender a situação. Só nos é possível perguntar: se isto se passasse comigo, a minha família ou os meus amigos como reagiria eu?

Se o Kremlin não precisasse de exportar cultura, tudo estaria bem. A arte para consumo caseiro pouco ou nada necessita da energia maníaca da fraude marxista. As massas encontram-se adequadamente servidas por alimento que não é melhor nem pior do que um grosseiro equivalente

das comédias musicais de Jones Beach, das capas do *Saturday Evening Post*, das estrofes de Edgar Guest ou de Rod McKuen. Todavia, os Soviéticos Supremos sabem agora mais do que nunca que existem num mundo que não é de modo algum um único mundo, que outros mundos observam; que a Rússia, a despeito de Lenine, Estaline e Khrushchev, não é nem auto-suficiente nem segura. Precisa de amigos; pelo menos admiradores úteis cujas palavras repetidas reforcem o orgulho local. Onde a concessão de licença para a exportação de arte e, de uma forma paralitante, a arte fornecida. Se alguém pensar que se trata de uma afirmação estúpida, leia o que diz Schwartz acerca de «Lady Macbeth» de Shostakovich, a única ópera soviética que entrou nos repertórios internacionais.

Numa nova novela *Samizdat* da autoria de um homem que, falecido há oito anos, nunca a viu publicada, há uma bênção e maldição. É possível que «Um Constante Fluir», de Valery Grossman, não seja a maior utilização da coragem. Admirado por Gorky, ficou quieto. O silêncio ajudou-o a sobreviver.

«Na fascinação russa pela pureza bizantina e ascética, pela humildade cristã, reside a involuntária aceitação do prosseguimento da escravidão russa. A fonte desta humildade cristã, e brandura, desta pureza bizantina e ascética é a mesma da paixão, fanatismo e intolerância leninistas.»

Encontrava-me em Moscovo quando Kennedy e Khrushchev dançaram o seu dueto. Certa noite, a embaixada americana comunicou-me que não podia aceitar qualquer responsabilidade pela segurança do *New York City Ballet*, quando estávamos a dar um espectáculo no interior do Kremlin. No Palácio dos Soviéticos, seis mil pessoas aclamaram um dançarino clássico académico americano chamado Arthur Mitegel, depois de um *pas de deux* que era um «insulto abstracto da autoria de um inimigo da classe corrupto e renegado» («Agony»: Stravinsky.) O crítico da *Pravda* diria mais tarde que isto mostrava a dominação de uma sociedade escrava por mestres de tendências femininas. Quando o nosso programa terminou com a «Sinfonia em C» de Bizet, (sem história, cor ou cenário, apenas «dançar»), seis mil entusiastas entoaram «Bal-an-chin», «Bal-an-chin». Poucos sabiam que ele tinha nascido George Melitonovich Balanchivadze, ou que seu pai fora famoso na província de Estaline como o «Glinka da Georgia», ou que seu irmão era agora um respeitado artista do povo. Quando regressámos, tarde, ao hotel, o nosso autocarro passou por alguns ruidosos tanques. Na sala de jantar vazia, criadas serviram-nos uma ceia quente e deliciosa. Sentiam-se tão afectuosas e assustadas como nós.

LINCOLN KIRSTEIN ANALISA UM LIVRO DE BORIS SCHWARTZ